



Segredos  
da noite de *Natal*

ORGANIZAÇÃO

JOSÉ FELICIO

MÁRCIO MARTELLI

ROSALIE GALLO Y SANCHES





# Segredos da Noite de Natal

ORGANIZAÇÃO:

JOSÉ FELICIO | MÁRCIO MARTELLI | ROSALIE GALLO





Copyright © by Editora In House, 2022

Editor responsável:  
Márcio Martelli

Organização:  
José Felício | Márcio Martelli  
Rosalie Gallo

Capa / Projeto gráfico e Editoração:  
Márcio Martelli

Revisão gramatical:  
José Felício  
Rosalie Gallo y Sanches

Ilustrações internas:  
www.freepik.com

Todos os direitos desta publicação reservados e protegidos à Editora In House nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

Os textos aqui reproduzidos são obras de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor e dos autores.

Jundiaí, SP, dezembro de 2022.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Segredos da noite de Natal / organização Márcio A Martelli, José Felício Ribeiro De Cezare , Rosalie Gallo y Sanches. -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2022.

Vários autores.  
ISBN 978-85-7899-681-9

1. Antologia 2. Literatura brasileira  
3. Natal - Celebrações I. Martelli, Márcio A.  
II. Cezare, José Felício Ribeiro De. III. Sanches, Rosalie Gallo y.

22-136602

CDD-B869.8

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



editorainhouse



11 4607.8747 | 99903.7599



editorainhouse@gmail.com



www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br






# Natal

Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade  
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.  
Temos agora uma outra Eternidade,  
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.  
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.  
Um novo Deus é só uma palavra.  
Não procures nem creias: tudo é oculto.

**FERNANDO PESSOA**

(1888-1935)









## Prefácio

*Nos astros sim, de espólios do oriente  
Onusto, o acolherás; e humanas preces  
Têm de invocá-lo. Então, deposta a guerra,  
Se amolgue a férrea idade; a encanecida  
Fé com Vesta, os irmãos Quirino e Remo  
Ditem leis; Jano trave as diras portas  
Com tranças e aldrabões; sobre armas cruas  
Dentro o ímpio Furor sentado, e roxos  
Atrás os pulsos em cem nós de bronze,  
Hediondo ruja com sanguínea boca.<sup>1</sup>*

**Eneida**

*Publio Virgílio Maronis (70 AC – 19 AC)*

A época que mais me conforta é o Natal. Meu lugar de memória da infância é ver a mesa com os alimentos não costumeiros do cotidiano, e ele: o panetone – na verdade prefiro aquele que tem a massa incrustada com gotas de chocolate –, de uma marca famosa, numa caixa azul. Apesar da vida simples, esse momento era farto em guloseimas, pratos variados e bebidas – o refrigerante de tutti-frutti numa garrafa de vidro, rico em açúcar era o meu preferido.

A expectativa pelos presentes, os dias de descanso e a comilança, aliados à imagem do bom velhinho, fizeram minha infância ser mágica. A expansão do tempo, nem tanto do espaço, levou-me a tentar compreender processos e arquétipos da existência humana, não que o sucesso tenha sido alcançado, mas o caminho se mostrou e se mostra interessante.

---

<sup>1</sup> MARONIS, Publio Virgílio. **Eneida**. (Trad.). Manuel Odorico Mendes (1799-1864). Digitalização do livro em papel Clássicos Jackson, Vol. III. Digitalização confrontada com a edição de 1854. Projeto Odorico Mendes, [www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes](http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes). Campinas: Unicamp, 2005.



O caminho apercebeu-se numa perspectiva análoga ao mito do *Ianus Geminus*, adentrando uma senda, saindo de outra e transitando à mudança. Vendo passado e futuro, iniciando um novo caminho, um novo começo. Quiçá, a retomada da humanidade em seu percurso e, como afirma Santo Agostinho, em sua obra **A Cidade de Deus**, *Jano* tem o poder sobre os começos<sup>2</sup>. Talvez seja o momento de lembrá-lo, pois alguns simulacros de seu período não sofreram rupturas no desenrolar da sociedade ocidental.

Os sincretismos, resultados do dinamismo dos povos e culturas, orquestraram uma relação vulgar e fértil no continente europeu – e no seu processo colonizatório pelo globo – ofertando uma vasta mitologia diluída em nossas mentalidades, por exemplo, desde os festejos das colheitas no Antigo Egito numa ode à *Renenutet* e sua comunhão sincrética com *Ceres*, até a nossa saudosa e animada: Festa Junina.

As comemorações de *Mitra* (lá da Pérsia, um pouco védico e até budista), considerado *Invictus* para os romanos; temos as festas de *Dionísio*, para os gregos; o nascer de *Osíris* para os egípcios e o solstício no hemisfério norte, a troca de presentes entre os nórdicos... tudo se passando no décimo mês (DEZembro) e contribuindo para a cultura oriunda da região do Lácio, depois controlada pelos germânicos, que adoravam enfeitar as árvores nessa mesma época do ano para agradecer e pedir abundância, consolidasse a comemoração do natalício do Deus menino. Unindo divergentes num grande *Zeitgeist*<sup>3</sup>, presente há dois mil anos.

---

<sup>2</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. 2a. ed. Vol. I. (Livro I a VIII). (Trad.). J. Dias Pereira. Tradução do original latino intitulado DE CIVITATE DEI de Santo Agostinho, baseada na quarta edição de B. Dombart e A. Kalb. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

<sup>3</sup> O *Zeitgeist* significa, em suma, o conjunto do clima intelectual, sociológico e cultural de uma pequena região até a abrangência do mundo todo em uma certa época da história, ou as características genéricas de um determinado período. O conceito de espírito da época remonta a Johann Gottfried Herder e outros românticos alemães, mas ficou melhor conhecido pela obra de Hegel, **Filosofia da História**. Em 1769, Herder escreveu uma crítica ao trabalho *Genius seculi* do filólogo Christian Adolph Klotz, introduzindo a palavra *Zeitgeist* como uma tradução de *genius seculi* (Latim: *genius* – «espírito guardião» e *saeculi* – “do século”). Os alemães românticos, tentados normalmente à redução filosófica do passado às essências, trataram de construir o «espírito da época» como um argumento histórico de sua defesa intelectual. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist>.



## *Segredos da Noite de Natal*

O lugar contemporâneo de memória, principalmente ocidental, do último século, considerado por Eric Hobsbawm como a era dos extremos, é um velhinho bonachão de roupa vermelha (própria para o inverno), deixando presentes sob uma árvore enfeitada ao lado de um presépio. E, por vezes, bebendo um refrigerante de cola com muito, muito açúcar.

Esta entropia – de acordo com a segunda lei da termodinâmica –, como afirmado por Nicolas Sadi Carnot e Rudolf Clausius até o conceber de Julian Barbour, empurrará o desenvolvimento humano na expansão do tempo e do espaço incondicionalmente, sem aleatoriedade, não há volta, os portões ao passado estão fechados e olhamos entre suas grades do tempo e da memória, não seria interessante tê-los abertos e os enfeitaremos com as guirlandas do *Aedes Janus*.

Feliz Natal!

**José Felício**







## Segredinhos...

*São as cestinhas forradas de seda, as caixas transparentes, os estojos, os papéis de embrulho com desenhos inesperados, os barbantes, atilhos, fitas, o que na verdade oferecemos aos parentes e amigos. Pagamos por essa graça delicada da ilusão. E logo tudo se esvai, por entre sorrisos e alegrias. Durável – apenas o Meninozinho nas suas palhas, a olhar para este mundo.*  
*Cecília Meireles, in **Compras de Natal**.*

A época mais esperada por todos torna a voltar. É dezembro. É Natal à vista. É Ano-Novo que chegará e já desponta brilhando no horizonte. Simples assim.

Voltam as pessoas aos velhos hábitos, à preocupação mais atenta com o próximo, ao saudosismo dos tempos idos, à saudade de quem não mais está aqui.

Natal é assim e cada um de nós o entende de forma própria e peculiar. São segredinhos que cada um de nós guarda dentro do coração.

Há aqueles que fazem promessa, prometem, prometem e continuam prometendo. Mas, basta virar o calendário e tudo é esquecido, ou seja, volta-se à rotina de sempre.

Mas o que é que prometem?

Em segredo dizem que serão mais atenciosos, mais amorosos, mais caridosos e, em troca, pedem saúde, dinheiro, amor e outras coisas materiais.

Porém se esquecem de que Ele, lá do alto, olha para todos nós com o mesmo amor. Ele sabe e conhece cada um de nós porque habita nossa alma. Somos partículas do Criador e sabemos todos os nossos erros, e não temos como ocultá-los.

Particularmente, também tenho meus segredinhos de Natal. Prometo cuidar mais de mim. Qual o quê! Sou como todos, continuo

## *Segredos da Noite de Natal*

na mesma labuta e dou a mesma desculpa: “tenho tanto a fazer que não me sobra tempo...”

Será que cola? Será que lá do alto, Ele sorri e já sabe que sou assim mesmo? Ou será que acreditará que desta vez tudo vai ser diferente e vou realmente fazer algo novo?

Sinceramente, eu não sei.

O que sei é que o mundo está nos dando pistas e sinais. O planeta Terra pede que cuidemos dele, pois ele sempre cuidou de nós. E não basta informar-se e nada fazer. É necessário agir, propagar aos quatro ventos que a Terra que herdamos também precisa de cuidados.

Então, que tal sussurrar aos ouvidos do Papai Noel para que ele, quando sobrevoar o planeta com suas renas aladas, espalhe sementes de amor nos corações da humanidade. Basta uma pitadinha para que elas germinem e cresçam iluminando todos os cantos do mundo.

E, mais uma dica, sabe aquele pedido que fazemos em oração? Peçam ao Criador a PAZ. Nosso planetinha azul está precisando. E muito.

Agora eu vou contar o meu segredinho – aquele que peço bem baixinho em oração no meu cantinho especial na noite de Natal – que de secreto não tem nada, é apenas o meu desejo a toda a humanidade:

*“Meu Bom Deus, sei que minha súplica é mais uma que chega ao Seu Coração e também entendo que não adianta apenas pedir; é preciso agir. Mas, Jesus, ajude-nos a ser mais humanos, mais fraternos e aprender a respeitar um ao outro. Mais de dois mil anos se passaram da Sua vinda e ainda não entendemos. Por favor, Senhor, faça que neste Natal, a estrela-guia mostre a todos nós o caminho da Paz e do Amor.”*

Feliz Natal a todos! E que daqui para a frente o espírito de Natal more em nossos corações todos os dias do ano. Amém!

**Márcio Martelli**



# Índice

Ana Celeste Pereira Ferreira .....	78
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega .....	74
Ana Paula Pagotti .....	69
Ariadne Rodrigues de Moraes .....	64
Aristides Almeida Rocha.....	25
Benedito Domingos Ostanelli .....	104
Cacilda Franco Ribeiro.....	108
Carmen Sílvia Pereira .....	132
Claudevalda Souza-Claudia.....	115
Cristóvão José Zygmunt Wieliczka .....	46
Dalton Luiz Sibinel .....	72
Dam Nascimento .....	126
David Ferreira.....	50
Edison Roberto Morais.....	117
Evandro Fernandes da Silva .....	42
Fábio Spina .....	80
Flavia Cunha.....	162
Gabriela Weber Buonocore.....	22
Genesio Teles .....	35
Herminia Aparecida Balbuena .....	100
Ivane Padilha de Soeiro Rocha .....	25
Jefferson Dieckmann .....	97
João Aires de Vasconcelos .....	142
João Carlos José Martinelli .....	53
Jorge Trigo.....	58
José Felício .....	94
Josyanne Rita de Arruda Franco .....	39
Laurinda Augusta de Moraes .....	102
Liege Esteves.....	154
Lucas Anielo Scarapicchia.....	66
Luiz Alberto Carlos.....	92
Manoel de Jesus Carvalho .....	160
Mara Beatriz M. de Vasconcelos .....	137
Márcio Martelli.....	19 / 158

## *Segredos da Noite de Natal*

Maria Rachel de Faria Franco .....	56
Marília Ferreira Emmi.....	31
Maurício Moura .....	133
Max Gehringer.....	13
Nadime Boueri Netto Costa .....	148
Octávio Pessôa .....	110
Paulo Villalva.....	76
Pérsio Luís Marconi .....	87
Ronaldo Alberto Martelli .....	145
Rosalie Gallo Y Sanches .....	15
Sandra Regina Librelon .....	156
Susana Bueno de Souza.....	49
Susana Ferretti .....	89
Thaty Marcondes .....	83
Valderez de Mello.....	128
Vera Mussi Hage .....	122
Verginia Lucchetta Di Nallo .....	44





MAX GEHRINGER

---

## À espera de um milagre

Nos dias de Herodes, rei da Judeia, vivia em Belém um escriba, irrepreensível e justo nos preceitos do Senhor.

Era ele possuidor de razoável quantia de bens, que lhe proporcionavam confortável viver. Também a sua saúde e a saúde dos seus tinham as bênçãos do Criador.

Mas eis que não havia felicidade em seu coração. As suas longas preces diárias não eram de gratidão, mas de lamentações e de súplicas.

Após tanto já ter feito, temia ele que o reconhecimento que havia granjeado desaparecesse como grãos de areia soprados ao deserto, e que seu nome fosse esquecido pelas gerações que viriam. Por isso, dedicava ele o tempo que lhe restava a implorar que o Senhor dele fizesse instrumento de alguma obra notável. Mesmo que, para receber a graça desse milagre, fosse preciso que ele se tornasse o mais pobre entre os pobres de Belém.

Mas os dias se escoavam sem que se manifestasse a vontade divina. E mais se impacientava o escriba, e se multiplicavam as suas penitências. Posto o sol, permanecia ele ainda intermináveis horas a interrogar o infinito e a orar com fervor.

Estando certa noite exausto, adormeceu reclinado junto à janela. Sua esposa veio despertá-lo à hora quinta, e perguntou-lhe então:

– Viste a estrela que ontem brilhou no céu?

Fatigado, respondeu o escriba:

– Não, eu não a vi. Quando a noite ia chegando, fui interrompido em minhas preces por um viajante que passava.

Sendo sua esposa pessoa de muitas amizades, inquiriu ela:

– Quem era tal viajante? Por acaso eu o conheço?

## *Segredos da Noite de Natal*

– Não. Era apenas um carpinteiro de Nazaré da Galileia, que queria usar nossa casa como pousada. Ordenei que seguisse viagem, mas ele insistiu, reclamando que era tarde e que sua mulher estava para ter uma criança.

– E estava ela? – inquiriu sua esposa.

– Não sei, não prestei atenção. Por compaixão, atirei a ele uma moeda e mencionei que havia um estábulo mais adiante. Ele se resignou e se afastou, e eu retomei minhas preces até adormecer. Que transtornos eu não teria tido se aquela infeliz mulher viesse trazer ao mundo essa criança justamente em minha casa?

E o escriba se pôs novamente a orar, à espera do ansiado milagre que faria seu nome ser lembrado e reverenciado até o fim dos tempos.



**MAX GEHRINGER**, escritor, conferencista, comentarista da rádio CBN e consultor de carreiras do programa Fantástico da TV Globo.



## Eu, criança

Acorda, hoje,  
em mim,  
a criança ontem adormecida.  
Quer brincar,  
rever a mãe à beira do fogão,  
entre cheiros e odores misturados a sabores,  
fechar os olhos para ouvir Strauss no assobio do pai,  
ouvir também histórias lidas,  
em vozes distantes de distantes irmãs.  
Quer sentir de novo  
a alegria do vozerio,  
tantas gentes,  
festa a cada encontro.  
Quer ter pouca idade,  
lambuzar-se de massa de bolo,  
chupar manga no pé,  
bater as mãos e os pés na água do raso rio,  
acreditando estar escondida  
dos cuidados paternos.  
Deseja muito ter de volta o que não sabia ter,  
quer acreditar que não perdeu ninguém,  
que todos os seus mortos ainda fazem parte de si  
e que um dia os reverá  
e poderá ser de novo criança,  
cabelos encaracolados de vento  
e pensamentos coloridos de fantasia  
no colo morno da mãe amorosa,  
a dormir e sonhar com o futuro que já viveu,  
sem saber o que era felicidade.

## O preço da passagem

A menina nascera em um quarto de um sobrado cuja janela, aberta, permitia que se vissem os trilhos da estrada de ferro. Da esquina do mesmo andar, um balcão italiano se abria todos os dias e todas as noites para entrar o ar puro da pequena cidade e deixar esvaír para fora o ar de dentro daquele corpinho frágil de bebê.

Contava-se, em família, que a mãe estivera sentada próxima ao balcão, naquela noite em que a menina nascera, até muito tarde porque era uma noite de eclipse total da lua cheia, ou seja, explosão de claridade logo após a obstrução da luz reflexa do satélite de nosso planeta. A menina cresceu ouvindo esse comentário. E gostava dele porque dava a seu nascimento um ar de mistério que a acompanhou como a sombra de sua alma curiosa e criativa.

Para coroar sua existência, ganhara o nome de Esperança.

Na escola lhe perguntavam: “– Você é a Esperança do seu Hugo?” Ao que respondia com orgulho: “– Sim, sou eu a Esperança dele.” Em outras ocasiões lhe inquiriam se sua mãe gostava de ter essa Esperança de cabelos cacheados, quase loira, fujona, que escapava de casa para acompanhar as crianças da escola ou se escondia debaixo da mesa da copa para chorar por não ter nascido antes e ainda não ser professora, como as irmãs mais velhas. A menina sorria e balançava a cabeça, engrossando o sorriso com a alegria e confirmava que sim, sua mãe gostava de ter aquele tipo especial de Esperança fujona. Fugidia. Escondida. Apressada em viver.

Um dos presentes de que se lembra com nitidez é uma boneca de plástico, careca e pelada, de braços e pernas curvas que se moviam em apenas uma direção. Os olhos azuis sem pálpebras e sem cílios viravam-se para significar “dormindo” e “acordada”. Ganhara de seu tio Aristides, comprada na loja do seu Abrão. Outros brinquedos povoam suas lembranças. Houve um ursinho que tocava bumbo e tanto ele fez barulho na manhã de um dia 25 de dezembro que logo desapareceu de sua vista, deixando no lugar um buraco



chamado saudade. Também houve uma caixinha bege, de música, em forma de móvel de televisão cujas minúsculas portas pintadas com florzinhas coloridas se abriam para um palco espelhado em que uma bailarina de perninhas soltas rodopiava. Não sabe onde foi parar. Mais tarde, uma boneca enorme, quase de seu tamanho e que andava, acabou quebrada nas mãos de um cunhado que brincou com ela muito mais que a presenteada.

Hoje ainda tem em uma estante de sua biblioteca, um cachorrinho de porcelana italiana, presente de seu avô materno, um lindo e enorme calabrês de olhos azuis e cabelos à escovinha. Ganhou Au-au por sua bravura em abrir a boca e deixar “medir” as amígdalas, atendendo ao pedido do doutor Vicente Catapano, conhecido médico da Penha de França, em São Paulo, para onde a família viajava para necessidades profissionais ou de afeto.

E não só guardada, mas também fotografada em seus braços de menina de seis anos, uma boneca de porcelana, boquinha ainda fechada em forma de coração. Talvez nem a Fábrica Estrela tenha alguma do modelo. Um dia ela viajará para Lisboa para ser “internada” no Hospital de bonecas da Praça da Figueira e consertar sua perna quebrada e fazer tratamento capilar, porque os cabelos começam a cair. Coisas da idade.

Agora, na cama, impedida de se levantar porque caiu da escada em chão molhado, à antiga menina resta lembrar. A idade avançada não lhe dá oportunidade mais de sonhar; não há muito tempo. Mas, o que são lembranças senão sonhos que retornam? Por isso, às vezes, semicerra os olhos para melhor enxergar seu rico passado. E foi em uma das incursões que aconteceu.

Ele entrou no quarto dela.

Ela até prendeu a respiração de medo de ele se assustar e desaparecer. Mas não. Ele se aproximou. Chegou pertinho e sussurrou:

– Sei que está acordada e me vê. Sem abrir os olhos, veja o que te trouxe!

E sobre a cama da velha senhora machucada pela vida, foi colocando todos os seus antigos brinquedos desaparecidos no tempo. Ela apalpava com as mãos os lençóis, reconhecendo cada um e recuperando a alegria de antes. Um a um desfilaram todos os brin-

quedos de que tinha lembrança e outros tantos dos quais tinha se esquecido.

– Quer brincar comigo lá fora?

– Já! Respondeu ela, levantando-se incrivelmente ágil e sem dor, esquecida de seus quase oitenta anos.

Saíram pela porta-balcão do quarto para a varanda dos fundos da casa. Os braços de ambos recheados de brinquedos. A lua cheia iluminava o chão de sua área de lazer. Havia ainda estrelas no céu, poucas, mas estava claro de lua. Nunca entendeu como, mas voaram, Esperança e Papai Noel. Começara a amanhecer outro dia 25 de dezembro.



### **ROSALIE GALLO Y SANCHES**

Mestre em Língua Aplicada ao Ensino de Português pela PUC/SP e Doutora em Teoria Literária pela UNESP. Com diversas premiações nacionais e internacionais. Membro da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Publicações: **A memória invisível / La memoria invisible** (2001), **Eu vi onde termina o mar** (2003), **Luísas** (2010), **O paciente de Jorlene** (2018), **A coroa da menina** (2020), **Ramos e outras estranhezas** (2020).



## Só queria ser feliz

Quando li o texto **O preço da passagem** meu coração iluminou-se de saudade. Pode a nostalgia iluminar a vida? Sim, ela incendeia a nossa alma e nesse instante mágico o tempo para, deixa de ser medido por horas, minutos e segundos. Tudo acontece ao mesmo tempo em nossa mente e é nessa hora que você surge e me abraça.

– Quanto tempo!!!

– Pois é, quanto tempo, mas é pouco se pensar de onde eu venho, estamos há séculos juntos e nesse momento nem mesmo duas décadas se passaram...

Eu sequer consigo falar. Olho em seus olhos e vejo tudo o que vivemos juntos. Nossas brincadeiras, os desenhos que fazia para você colorir, as pequenas rugas de irmãos, a adolescência... Tão superprotetora você foi e sequer sabia. Eu apenas fingia que era feliz, mas sabia que nunca foi aqui o meu lugar.

Vi nossos sonhos passando em câmera lenta e você apenas sorria e dizia: “percebeu quantas coisas vivemos? Não há motivo para infelicidade. Tudo tem o seu tempo e prazo de validade. Você sabe que é assim!”

E mesmo tendo essa ciência eu teimo em dizer que não aceito. Que não foi certo nos abandonar e deixar-nos órfãos.

Ela continuava a sorrir e mexia nas imagens que se formavam puxando memórias de que sequer me lembrava.

– Lembra-se de quando lemos aquele livro de terror juntos? Morríamos de medo de tudo e a solução foi compartilharmos e leitura. E quando a luz começou a piscar e saímos correndo? Foi assustador.

Acabei rindo.

– Você me fez rir. Acho que a saudade sempre será algo bom para mim, muito embora me faça chorar.

## *Segredos da Noite de Natal*

– Oras, então chore de rir! Sempre foi o melhor remédio! – foi a sua tirada e que nos fez gargalhar.

– Mas me fala uma coisa: você está bem?

– Claro que sim. Tenho feito tanta coisa por aqui, trabalhado muito e, quando me sobra um tempinho, espio todos vocês.

– Sério? E o que me diz das nossas vidas?

– Diga-me você! Eu sou apenas uma observadora.

– Tenho trabalhado, pedido tanto que tudo melhore, que o mundo melhore, que a paz seja plena a todos os povos... mas, você sabe, está bem difícil.

– Lembre-se de que tudo tem a sua hora. E falando nisso, eu também preciso partir...

– Mas já???

– Sim, hoje foi uma exceção. Continue assim, olhando por todos e lembre-se do seu segredinho de Natal: cuide de si! Muito obrigado por tudo e... você já sabe... até um dia. Feliz Natal!

E ela foi se apagando aos poucos, deixando em mim um sabor ainda maior de saudade. As memórias continuavam frescas no pensamento: os livros, os filmes, Bienal, viagens, São Tomé das Letras, USP, Ana Paes, amigos, anotações, trabalho, suas filhas, nosso amor de irmãos e a família.

Tudo tão rápido se foi como as lágrimas que findavam em minha face. Foi um presente! Presente de Natal ainda fora de época, presente que sempre peço e que de vez em quando aparece em meus sonhos. Dessa vez sonhei acordado escrevendo este texto.

Finalizo pensando na estrelinha que a Pietra olhava no céu e me dizia assim: “meu pai falou que minha mãe foi morar ali no céu”. Foi sim, querida, foi morar no céu de nossos corações.

Obrigado, Papai Noel!



# Meu Natal

Meu Natal tem cheiro de saudade  
Lembranças de tempos idos  
Lágrimas de solidão  
Alegria na casa dos avós.

Família inteira reunida  
Todo mundo era muito feliz  
A comida simples e farta na mesa  
Felicidade por estamos juntos e invencíveis.

Mas o tempo cobra e com juros altos  
E leva um a um numa viagem sem retorno  
Ficamos aqui a olhar estrelas no céu  
Imaginando em que lugar fica a nova morada

Natal me deixa triste e feliz  
Momento de refletir e direcionar a vida  
Pedir ao Criador uma nova chance à humanidade  
E torcer para que, desta vez, os homens aprendam.



## **MÁRCIO MARTELLI**

Escritor nascido na cidade de Jundiaí em 1968. Membro efetivo da AJL - Academia Jundiaiense de Letras. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Editor de livros com mais de 1.000 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou 47 livros autorais. Em 2021, lançou três livros: **Hermes** (prosa), **Afrodite** (poesia) e **Estuário da Alma** (em co-autoria com Jorge Trigo).

## Encontro de Natal

Cheiro de Natal sempre me conecta com meus 8 anos: família reunida, ceia farta, presentes por todos os lados (materiais e imateriais), luzes que despertavam os melhores sentimentos... Era capaz de me transportar, mesmo já tendo se passado toda uma vida...

Dizem que o tempo corre apressado e minha sensação é de que embarquei em um trem-bala e ele me trouxe aos 80 num piscar de olhos! E foram tantas estações natalinas nesta viagem para dentro e para fora de mim, mas aquela dos 8 anos me levou de volta para casa!

Sempre fui uma criança solar, sapeca, intensa em suas descobertas! Tinha urgência de viver! Queria TUDO! Lembro-me que minha mãe, muito religiosa, sempre fazia preces para que eu pudesse ser abençoada pelo meu anjo protetor! Afinal, eu realmente dava trabalho a ele, dizia!

Mas, dentro de mim, faltava algo e eu sabia o que era: tinha nome e sobrenome. Acreditava que, para ser inteira, precisava conhecer duas pessoas especiais para mim... mas isso não seria possível pelas vias normais... precisaria de minha fé...

Foi, então, que tive uma ideia! Tão inventiva e já dona de palavras e de sonhos, escrevi uma cartinha ao Papai Noel, com toda a pureza de meu pequeno coração, e pedi: queria conhecer dois dos meus irmãos! Sim! Somos 5, mas dois eu não pude ver porque não chegaram à vida. Meus pais haviam devolvido ao Papai do Céu dois bebês: um era meu gêmeo e o outro deveria vir logo depois de mim! E, apesar de nunca tê-los visto, esse era meu desejo para aquele Natal! Então, pedi! Lembro da emoção de papai e mamãe quando contei que não queria brinquedos porque queria brincar com todos os meus irmãos. JUNTOS!

E esse foi um Tempo de Advento bem especial. Rezava todos os dias por meu pedido e esperei com toda a fé que pode caber em



## *Segredos da Noite de Natal*

um coração de 8 anos (MUITA!). Depois da ceia, com a árvore cheia de mimos e a família em comunhão, lembro de olhar a Estrela de Belém e o Presépio, que vovô sempre arrumava com esmero, e reforçar: por favor, quero brincar com todos os meus irmãos nesta Noite de Natal!

Dormi ansiosa e esperançosa. Acordei no meio da madrugada! Uma névoa me chamou a atenção. Olhei para os lados e meus irmãos não estavam em suas camas. Saí correndo para os procurar! Era a mais velha e devia protegê-los! Foi quando ouvi a voz de minha irmã, exultante, a me chamar! Seu entusiasmo era contagiante! Ao correr a seu encontro, percebi papai e mamãe, Papai Noel e um anjo ao lado dela, de meu irmão caçula e de dois outros pequenos que eu logo soube: eram os meus dois irmãos! Vibrei antes mesmo de me unir a eles.

Foi um abraço que esperei por tanto tempo. A eternidade coube naquele momento. Nem sei explicar o que senti! Vi que meu gêmeo se parecia tanto comigo! Sorria na mesma intensidade! Olhava os olhos de ambos, como se buscasse eternizar aquela imagem; tocava seus rostinhos com tamanha ternura; sentia sua respiração leve; sentia sua paz e sua alegria! Falei o quanto eles eram parte de nós; o quanto eles eram amados e lembrados por nós todos! E percebi o quanto papai e mamãe vislumbravam felizes esse lindo encontro natalino!

Em um instante longe das compreensões do tempo e do espaço, brincamos, gargalhamos, comemos biscoitinhos, inclusive com Papai Noel também. Eu, curiosa, logo perguntei como era estar onde estavam e ambos descreveram a maravilha de mergulhar na imensidão do amor divino! Descreveram um lugar de extrema luz onde viviam em estado de graça! E disseram que nos esperariam lá, mas que ainda demoraria no tempo do relógio! Que, primeiro, iriam nossos pais; depois, nós! E todos estaríamos juntos novamente! Sim, porque já vínhamos de longa jornada. Pediram que aproveitássemos muito a vida! Que fizéssemos isso com intensidade! Foi mágico realmente!

De repente, em meio aos nossos sorrisos e às conversas, ouvi vozes nos chamando ao longe. Eram papai e mamãe! E despertei em

## *Segredos da Noite de Natal*

minha cama! Não! Não foi só um sonho! A sensação era de plenitude. Finalmente, sabia quem era, mesmo tão pequena! Lembro de sentir pulsar a vida, de vibrar por estar aqui com meus pais e meus irmãos e poder honrar os meus outros dois pequenos anjos que me deram a graça de existir conosco naquele Natal. E que seguem em nossos corações e em nossa família!

São 72 Natais ressoando este dia, que está vivo em minha lembrança e em minha alma! Memória indelével! Desde aquele 25 de dezembro, eu vivi ainda mais intensamente porque minha experiência honra a deles e respeita seus destinos! E fui tão feliz! Sou! Sigo VIVA!

Hoje, aos 80, conto a história aos meus netos e bisnetos e eles, atentos e com os olhinhos brilhando, descubrem que sonhos de Natal podem se tornar reais desde que vindos do coração! Assim, o amor pode continuar... e se eternizar...



Sou **GABRIELA WEBER BUONOCORE**, filha de Gabriel e Cecília Maria e irmã de Marcos e Guilherme (*in memoriam*) e de Graziella e André Luís, que caminham comigo vivos! Escrever era um sonho de menina que ganha vida e me eterniza... sou comunicóloga, pedagoga sistêmica e consteladora familiar. Poder grafar estas linhas homenageando minha origem e meus irmãos (não nascidos e vivos) em meio a uma temática de Natal me honra muito! Que minhas palavras voem e encontrem pouso em seus corações!



ARISTIDES ALMEIDA ROCHA  
e IVANE PADILHA DE SOEIRO ROCHA

---

## Histórias do dia de Natal

### REFLEXÕES

Já vai longe aquele tempo em que ingênua e alegremente a maioria das crianças acreditava que o Papai Noel levitava nas noites de Natal, viajando com seu trenó puxado por simpáticas renas distribuindo presentes, atendendo aos pedidos e descendo pela chaminé, ou mais adiante com a modernidade, apeando nas janelas de casas e apartamentos depositando os pacotes junto aos sapatinhos.

Aqui pelas bandas da região tropical, embora o calor de dezembro, desde sempre, imitando os costumes dos países do hemisfério norte em que a neve se faz presente, árvores de Natal e presépios aparecem salpicados de algodão branco e o Papai Noel tradicionalmente agasalhado, de touca com sua indefectível roupa vermelha e polainas pretas.

Entretanto, ainda que essa simbologia possa de certo modo parecer falsa, não há como deixar de reconhecer que esse período no mundo cristão, permeia a maioria das nações do planeta, induzindo à meditação, à prática da solidariedade e ao abraço fraterno. E mesmo que se possa dizer que o mundo mercantilista atual, com ênfase cada vez maior, estimule a corrida às compras (as lojas já são enfeitadas e expõem objetos natalinos desde o mês de setembro) transformando uma data religiosa em comercial, pensa-se que a última semana do mês de dezembro, o dia 25, Natal, estendendo-se ao dia 1º de janeiro, dia Mundial da Paz ou da Fraternidade Universal ainda propicia aos cidadãos a possibilidade de um momento de introspecção, fato incrível, pois muitas vezes é acompanhado por pessoas de outras etnias e religiões diversas.

Em várias famílias há o encontro de parentes e amigos, a ceia de Natal, a troca de presentes com os pacotes expostos ao pé da árvore, com suas bolas coloridas, enfeites e lantejoulas piscantes, às

vezes o presépio e a prática do amigo secreto. Porém em muitos lares menos favorecidos nada acontece e tudo fica na dependência de um ato solidário. Realmente cada um de nós tem suas particulares lembranças do período natalino e seguramente uma boa história para contar: alegre ou triste, hilariante ou séria, mas seguramente marcante para a memória.

### **O PAPAI, PAPAI NOEL**

Uma dessas histórias posso contar, pois hoje as crianças e o “pai, isto é o Papai Noel”, personagens daquela ocorrência, já estão crescidos beirando respectivamente os 50 e 80 anos. Era um desses natais em que o país atravessava forte crise econômica afetando o lar daqueles professores. Mãe e pai haviam recém-comprado sua casa e o dinheiro estava curto. O fim de ano se aproximava e de tudo os preços disparavam. Resolveram então comprar uma roupa de Papai Noel para que na noite festiva da cristandade, ele se fantasiasse, ou se travestisse (a palavra soa melhor, pois não era carnaval) e assim por volta da meia-noite como reza a tradição o Papai Noel adentrasse a sala com seu saco cheio de presentes.

E assim foi feito, a mãe procurou distrair os filhos e sobrinhos, mesmo porque um deles queria saber onde estava o papai. E na hora exata o “falso Papai Noel” surge encurvado, com seu hô, hô, hô, senta-se com a barba postiça branca e começa a distribuir os cobichados presentes solicitados nas cartinhas elaboradas com a ajuda das mães e papais ali presentes e que mais seguravam o riso do que apreciavam aquela sacrificante performance.

O espetáculo seguia tranquilo, quando repentinamente a barba branca escorrega, pondo à mostra o rosto suado do magro Papai Noel, mas gordo em função dos travesseiros amarrados em seu ventre. Num brusco gesto que quase atingiu a cabecinha de um inocente, ele segura e ajeita o penduricalho, enquanto os adultos presentes mal disfarçam o riso.

Depois de superado esse transtorno, calmamente ele retorna à distribuição das lembranças, agora contemplando os adultos que, ao se aproximarem, não se escusaram de fazer alguma gozação, esquecendo que era a noite santa do Natal.



## *Segredos da Noite de Natal*

Com o corpo encharcado de suor, pois aquela felpuda indumentária serviria muito melhor a um Papai Noel do hemisfério norte, estava se preparando para um *“happy end”* (já que tudo é imitação da cultura alienígena, fica conveniente o uso do termo inglês), o seu próprio filho olha para os sapatos e admirado, virando-se para a mãe logo vai dizendo: *“olha mãe, o sapato dele é igual ao do papai”*.

A comoção foi geral, e risos apareceram nos rostos de titios e vovôs. Mas para variar a mãe com a eterna índole de proteção dos rebentos, imediatamente contornou a situação dizendo que havia visto o Papai Noel circulando na mesma loja em que o papai havia comprado os sapatos; que feliz coincidência.

E assim o Papai Noel, depois de proporcionar tantas alegrias e risos, deixou rapidamente o local esgueirando-se pelo corredor, e sem ser visto, trancado no quarto despiu-se daquele traje tão simbólico, e ainda providenciou um bom esconderijo da barba que quase o havia denunciado.



## **O PRESENTE DE NATAL**

Uma outra história, e essa parece ter sido comum naqueles tempos, pois volta e meia ouve-se relato semelhante, foi a de que em determinado Natal, o Papai Noel teria trazido um presente diferente daquele que foi pedido na carta a ele enviada.

Nesses casos, muitas vezes os pais ou responsáveis apelavam aproveitando para deixar uma mensagem avisando que no próximo ano se o comportamento do infante melhorasse talvez fosse possível atender ao pedido original.

O amiguinho desta narrativa, aos seis anos de idade, escreveu com sua caligrafia claudicante uma linda cartinha ao Papai Noel. O ano talvez tenha sido o da graça de 1943, período em que o bom velhinho ainda reinava soberano.

Pedia com muito empenho uma bicicleta, pois seus coleguinhas de brincadeiras de rua, em sua maioria circulavam pedalando suas “bikes” (termo inexistente até então) apostando corridas e fazendo suas piruetas.

O Papai Noel iria aparecer na casa de um amigo e vizinho, não na noite, mas numa tarde de sábado véspera de Natal. Como era criado longe de seus pais, com a permissão de seus tutores, que “secretamente” encaminharam antecipadamente o pedido, ele compareceu ao encontro festivo e ali reunido a outras crianças esperançoso, aguardou a hora da entrega dos presentes.

Depois de muita barulheira e corre-corre finalmente ali estava o Papai Noel distribuindo os presentes e à medida que ia retirando de um enorme saco os pacotes e bilhetes endereçados a cada uma das crianças, a expectativa aumentava. Fulano um carrinho de cordas (grande novidade na época), sicrano um trem elétrico (presente caro de então) e assim sucessivamente iam saindo além de brinquedinhos e roupas, também triciclos e de repente, uma bicicleta que no momento provocou no nosso amiguinho o clássico “friozinho na barriga”, mas que infelizmente para ele soou como um alarme falso.

A entrega das prendas, presentes e bugigangas já estava terminando, quando o angustiado garoto ouviu a voz rouca do Papai Noel soletrar o seu nome e dizer: “aqui está o seu presente, pensou que



eu estava esquecendo?”. E ato contínuo, entregou a ele um pequeno embrulho.

Afoitamente, sem conter a ansiedade, rasgando o papel e abrindo uma caixa encontrou não algo que indicasse a possibilidade de receber uma bicicleta, mas sim havia um livro de Monteiro Lobato, **O Poço do Visconde** com colorida e vistosa capa. Um pouco desenhado, tentando disfarçar a decepção desdobrou um pequeno bilhete em que se lia: “se até o ano que vem você se esforçar e for mais comportado, talvez eu possa trazer a sua bicicleta”.

E assim, paradoxalmente, um livro, peça tão importante para estimular a leitura, e onde se pode resgatar o que não somos, em que cada página folheada pode ser um espelho do tempo para um tempo melhor, naquele exato momento parece ter sido associado a uma punição.

## **O PRESÉPIO**

Ele era um bom menino, mas como diziam, muito atabalhoado. Adorava construir, consertar e até inventar. Quando não estava correndo em carrinhos de rolimã que fabricava, bicicletas velhas que recuperava tinha como verdadeiro *hobby*, mexer em circuitos elétricos permanecendo horas e horas a trançar fios, testar, ligar e desligar tomadas.

Na casa em que eram criados longe de seus pais, na época de Natal, com seu irmão mais novo, montava imensos presépios com pequenos lagos e pontes em miniatura, mas o que mais o atraía era iluminar a manjedoura com o Menino Jesus, Nossa Senhora e São José, bem como o caminho dos Reis Magos, dar um reflexo no pequeno lago e toda sorte de penduricalhos numa pequena árvore de Natal que era colocada ao lado do presépio.

Terminada a tarefa era o primeiro a convidar a todos da casa, que não eram poucos, e alguns meninos da vizinhança, para orgulhosamente inaugurar as instalações.

Ocorre, porém que o Toninho, seu apelido, extraordinária figura, até que fosse chamado pelo Criador aos 77 anos, não era propriamente um renomado eletricitista, pelo contrário, fazia lá suas gambiarras que vez ou outra terminavam num temerário curto-cir-

cuito. E assim aconteceu em um dos natais naqueles anos 1940. Depois da brilhante e exitosa estreia daquele magnífico presépio, numa segunda exibição, ao encaixar os fios na tomada, ouviu-se um espoucar que repentinamente iluminou o recinto, seguido de violenta fumaceira negra e um rastilho de fogo que rapidamente se transformou em intensa labareda.

Após o susto, começou a correria, não só dos pequenos, como também de alguns adultos tentando apagar o fogo em meio ao caos e confusão que se formou, pois a luz se apagou e em um corredor distante o calor espatifou um grande espelho. Foi verdadeiramente um incêndio que felizmente logo foi controlado e que teve como resultado, dentre outras consequências fazer com que a imagem de barro de Nossa Senhora que era branca, chamuscada passasse a lembrar Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, e o Rei Mago Baltazar que era negro, desbotado pelo aquecimento passasse a ser branco. Realmente hoje seria considerado um presépio bastante inclusivo. Contudo, infelizmente algumas peças como um pastor e sua ovelha, um camelo e um jumento foram perdidos, praticamente derretidos e calcinados.

Foi assim que nunca mais os presépios do Toninho foram “monumentais e grandiosos”, pois a ordem peremptória foi de que jamais poderiam ter qualquer iluminação à vela, e muito menos elétrica.



**ARISTIDES ALMEIDA ROCHA  
e IVANE PADILHA DE SOEIRO ROCHA**

Professores de Biologia e Geografia, aposentados. Viajam conhecendo novas culturas procurando dados históricos e genealógicos. Pela Editora In House têm artigos e livros publicados, versando sobre religião, genealogia e esporte.



## Mistérios de Natal

Era a primeira viagem que Cecília fazia com sua família, desde a partida de seu amado João, vovô Joãozinho, como carinhosamente era chamado por suas netas.

Tudo era difícil e estranho para ela. Ao mesmo tempo que precisava conviver com a dor da partida de seu amado, após 40 anos de amorosa partilha de sonhos e desafios, agora ela encarnava a figura de autoridade maior de seu tronco familiar. Não, ela não estava preparada para conviver com perda tão dolorosa: ninguém está. Mas quando a vida nos impõe esse desafio, tudo em volta precisa ser ressignificado.

– Dona Cecília, em sua ausência chegaram dois pacotes para a senhora. Quer receber agora? São muito grandes, estão no depósito do condomínio.

Cecília e todos estavam muito cansados; por esse motivo resolveram deixar para depois o recebimento dos pacotes.

Uma semana após a chegada, Cecília lembrou dos pacotes no depósito e resolveu ir buscar. O Natal estava se aproximando, muitas providências precisavam ser tomadas.

Surpresa: os pacotes eram enormes. Num envelope branco estava grafado: Para Cecília. Não havia o nome do remetente. Mas, a letra era bastante familiar. Cecília leu várias vezes e concluiu: não é possível...

Pelo tamanho e peso dos pacotes, resolveu abrir ali mesmo. Pediu ajuda dos familiares e com cuidado abriu a primeira caixa. Num envelope branco estava escrito: Ilha do Abacate, Comunidade Esperança, 24 de dezembro, MENINAS. Na caixa havia cerca de uma centena de brinquedos, embalados cuidadosamente.

O segundo pacote, também a ela endereçado, com a mesma letra, também estava escrito ilha do Abacate, Comunidade Esperança, 24 de dezembro, MENINOS e cerca de uma centena de brinquedos.

Entre surpresa e cheia de interrogações, quanto ao remetente e ao destino daquela quantidade enorme de presentes, Cecília começou a montar um quebra-cabeças, pensando o que fazer. Do remetente nada sabia, apenas que a letra era familiar. Do destino devia ser uma das muitas ilhas do entorno de Belém, mas ela nunca tinha ouvido qualquer referência a esse local.

Sem muito tempo para pensar nas respostas, pois tinha menos de uma semana para fazer os brinquedos chegarem ao destino, Cecília, auxiliada por familiares e amigos, procurou se informar com os barqueiros que fazem, diariamente, transporte de pessoas e mercadorias da capital para comunidades ribeirinhas, onde ficava essa comunidade Esperança na ilha do Abacate. Depois de muita procura, conseguiram informações com um velho senhor, seu Quincas, que por morar na comunidade, fazia com bastante frequência, essa travessia. Seu Quincas aparentava mais de 70 anos, tinha a pele totalmente enrugada, da dupla lida na roça sob o sol escaldante e no transporte de mercadorias e pessoas, no seu pequeno barco Santa Fé que uma vez por semana cruzava o rio Guamá em direção a Belém.

Seu Quincas atendeu muito bem o grupo de Cecília e como se estivesse a esperar por eles, informou que no dia 24 de dezembro, às 6 da manhã, poderia fretar seu barco para levar o grupo até a comunidade Esperança. Esclareceu que a viagem compreenderia uma hora de barco e uns 30 minutos a pé.

Ao chegar em casa todos comentavam como o velho senhor inspirava confiança. Cecília estava particularmente feliz em poder ajudar crianças carentes e ao mesmo tempo atender o pedido de alguém, de uma alma muito nobre, que não podendo por algum motivo, desempenhar sozinho esse gesto de amor fraterno, contava com sua ajuda para realizá-lo.

Manhã de 24 de dezembro. Em lugar de manhã chuvosa, comum nessa época do ano em Belém, amanheceu um lindo dia de sol. Desde às 5h a comitiva de Cecília, ao todo 8 pessoas, já estava no porto para iniciar o embarque. Depois que todos se acomodaram, os jovens auxiliaram o velho Quincas a colocar no toldo do barco, as duas caixas de brinquedos e outra de alimentos, água e enfeites natalinos. A travessia do rio foi rápida, com pouca correnteza; desse



modo, logo chegaram a outra margem do rio. Desceram do barco, e nova surpresa: havia duas carroças puxadas por bois, à espera da comitiva. Todos se acomodaram, o seu Quincas conduziu uma carroça e outra foi conduzida por um jovem que saudou os visitantes e no resto do trajeto manteve-se calado.

Quando chegaram, a alegria reinava na comunidade Esperança. Crianças, adultos e idosos, vestidos humildemente, mostravam nos rostos a felicidade e ao mesmo tempo a expectativa pelo encontro. O grande barracão de madeira, onde funcionava o centro comunitário rapidamente ficou decorado de balões e enfeites natalinos. Todos queriam ajudar na arrumação. No centro montou-se um presépio, pois Cecília fez questão de explicar a todos o verdadeiro sentido do Natal e todos queriam ajudar na arrumação. Os lanches foram colocados numa mesa, ao lado da qual estavam arrumados os presentes que faziam brilhar os olhinhos da criançada. Num gesto de solidariedade, os membros da comunidade Esperança haviam convidado os moradores das comunidades vizinhas para participarem do evento. Os corações do grupo transbordavam de alegria.

Ainda intrigada com a reação dos membros da comunidade, que pareciam saber da chegada de Cecília e seu grupo, Cecília perguntou à líder comunitária Terezinha, uma jovem que estava grávida e segurava as mãos de duas crianças pequenas, quem tinha avisado que o grupo ia festejar o Natal na comunidade. Teria sido seu Quincas? Mas, era pouco provável, pois ele não conhecia o objetivo da viagem. Terezinha disse que não sabia, mas que há alguns dias era o comentário e todos estavam esperando por esse encontro de Natal. Cecília pensou: mais um mistério.

Deixando as perguntas sem respostas, no meio do barracão foi montada a mesa de lanches que logo foram consumidos pelos presentes. Para as crianças, chegou a melhor parte: começou a distribuição dos presentes pelo Papai Noel. Elas ficaram maravilhados, para muitas era o primeiro brinquedo que recebiam na vida.

O alegre encontro foi encerrado com todos cantando “Noite Feliz”. Cecília e seus familiares estavam muito felizes por poder proporcionar àquelas crianças tão sofridas momentos de alegria, considerando o melhor Natal de suas vidas.

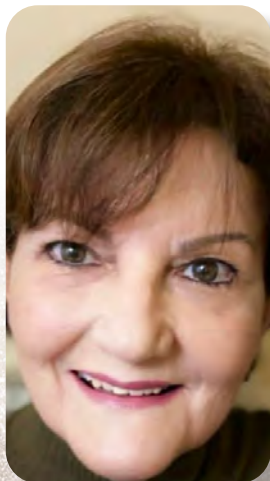
## *Segredos da Noite de Natal*

Cecília estava a sorrir, sentindo imensa paz, quando um jovem que sem se identificar dirigiu-se a ela para agradecer a alegria proporcionada às crianças.

Rapidamente enquanto ele foi se retirando, Cecília tomou coragem e perguntou:

– Quem é você? Como sabia que viríamos aqui?

Então, Cecília reconheceu o rosto familiar do jovem, que ao olhar fixamente para ela apenas disse: Mistérios de Natal.



**MARÍLIA FERREIRA EMMI** é amazonense, socióloga, doutora em ciências socioambientais. É autora dos livros **Oligarquia do Tocantins e o domínio dos castançais; Italianos na Amazônia (1870-1950); Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira**. Tem contos publicados nas Antologias: **Vozes ítalo-brasileiras; Faz de Conto; Brasil & Itália, dois países uma só alma; Construtores de História: Famílias Italianas no Brasil**.



## O menino que se lembrava do futuro

Era uma ilha pequena, sem veículos motorizados e nem mesmo bicicletas trafegavam por aquelas areias quentes e alvas como um algodão florido visto do mar. Dunas sobre dunas davam-lhe o aspecto do Saara, sem seara, sem vida, apenas descendentes de pré-históricos répteis minúsculos e ilhados. Cheia de histórias, lendas e magia, seus barcos ancorados na areia descansavam tranquilos à espera de novas missões que se repetiam em tempos precisos e preciosos na busca da sobrevivência de seus tripulantes e passageiros plantados em casebres construídos com elementos naturais do seio da ilha.

Um estrangeiro, cansado de aventuras e de momentos imprecisos, aporta silenciosamente em uma noite em que os astros lhes foram benevolentes em sua travessia a bordo de uma montaria, longa sete metros por dois, a vela, untada de cumatê. “Fé em Deus” era seu nome. E com essa fé fincou raízes que conheceria em um futuro longínquo em forma de um menino.

O garoto encheu o peito, mas teve que travar o grito de dor que veio da lambada nas costas. Se gritar apanha mais. Mas o que foi que eu fiz? E enrolou-se no saco sem fundo, no fundo do porão, à espera das despedidas do patriarca. “Bençoi... Deus bençoi... tchá vorta”. As pequenas mãos se entrelaçaram com toda a sua força e trêmulo, recitou:

**Pai nosso que estais nos céus,**

Mamãe, de onde veio o alho? O primeiro alho, o primeiro dente, um dente uma cabeça que dá oito dentes que se eu plantar oito gerações dele vou ter três milhões de dentes ou trezentos e setenta e cinco mil cabeças: Mãe, eu vou ficar rico. E voltou para o porão;

lá ele é senhor de si. Seu próprio Rei. Entrelaçou as mãos com força outra vez e deixou escapar quase um gemido... Continua me ensinando Senhor? Em contorções e busca de uma melhor posição para amenizar as dores, físicas e da alma, que até então ele não tinha tido um contato dessa maneira.

**Santificado seja Vosso nome,**

Mamãe, todos os santos foram santos, mesmo?

**Venha a nós o Vosso Reino,**

Esses homens de terno e gravatas lisas, nas igrejas e cheirando muitos perfumes diferentes pedem dinheiro mas, como os políticos, meu pai diz que eles roubam, e quem diz quem rouba, rouba também. (Eu o vi contando dinheiro da coleta da noite anterior pra levar ao banco e apartava um pouco pra ele e um pouco pro irmão Plínio. Era, um pra mim, um pra você, cinco pra igreja). Lá nas câmaras, assembleias, parlamentos, púlpitos, altares todos, há milhares de tempos porque em anos ficam poucos, nunca ajudaram ninguém. CADA UM COM SUA FÉ.

**Seja feita a Vossa vontade,**

Mamãe, estou com vontade de fazer xixi...

**Assim na terra**

Mamãe, as pedrinhas que caem do céu à noite, caem de dia também ?

**Como no céu.**

Mamãe, acho que a Senhora vai para o céu, a Senhora é boa, muito caridosa e ficaria bem linda bem pertinho de Deus.

**O pão nosso de cada dia**

Mamãe, tô com fome e frio, minha costa tá ardendo, passa aquela pomada e beija pra sarar. Ele me bateu com muita força hoje.

**Nos dai hoje.**

Tá quentinho esse pão nosso de cada dia, a senhora fez bastante hoje, e eu adoro esse pão com manteiga Aviação. Tem chá de camomila hoje, mamãe? Não precisa esquentar.

**Perdoai, Senhor,**

*Esse menino parece que sabe o que vai acontecer no futuro. Chefe, o senhor se lembra quando ele falou que a 1001 (\*) ia bater de frente no 'noturno', em cima do pontilhão e que não ia morrer nin-*



*guém mais a não ser o amigo dele, o João Canethe? O pobrezinho está triste até hoje porque o João não passa mais na sua casa com lápis e papel pra ele desenhar.*

**As nossas dívidas,**

O Chefe de trem (naquela época era um posto importante) era seu pai e nutria um forte e velado ciúme por aquele moço moreno e bem apanhado que trabalhava como “chamador” na EFS para pagar seus estudos no Liceu onde seu sonho atingia muitos dos funcionários de carreira que achavam uma besteira frequentar uma escola pensando no futuro.

**Assim como perdoamos,**

Mamãe, é melhor pedir perdão ou perdoar?

**Os nossos devedores.**

Porque quando uma pessoa deve para outra ela evita de ver essa pessoa?

**Não nos deixe cair**

Mamãe, a senhora sempre segura minha mão quando vamos na dona Violeta buscar verdura. Será que é por medo da boiada que passou por cima de mim?

**Em tentações**

Mamãe, a Silvia, filha da dona Esmeralda, gosta de mim. Ela passa bolinho de chuva pela cerca de taquara e já até me beijou! Na boca! Eu vi os olhinhos azuis dela revirarem, mas não sei porquê. Fiquei tremendo. São estas as tentações que a senhora fala que o Chefe passa quando leva o noturno cheio de passageiros e passageiras sozinhas pra São Paulo.?

**E livrai-nos de todo o mal,**

...bruxo..!! Ele é bruxo mesmo? O que você pensa ser um bruxo? Bruxo é um menino que vive mais no porão dentro de um saco de estopa do que dentro de casa e adivinha quantos dedos eu tenho nas mãos quando fico com elas pra trás e adivinha que o Luís ia roubar os ovos da galinha carijó. Só quando ele reza o Pai Nosso que ele não é bruxo, porque ele fica iluminado e eu fico arrepiada...

**Amém**

...e assim seja. Em nome de Jesus, mas na missa o Padre João não fala em nome de Jesus no fim da oração. Acho que está mais in-

## *Segredos da Noite de Natal*

interessado em passar aquela cestinha na ponta da taquara pra gente colocar dinheiro. Eu não ponho porque não tenho nem um tostão. Isso é pecado? E obrigado porque hoje foi Natal e ele não me bateu.



### **GENESIO TELES**

De construtor a designer, optou pelas artes plásticas permitindo uma carreira lúdica acompanhada de cores, imagens e letras para descrever meio século de andanças pelo Brasil e atuações de âmbito internacional. Tem obras espalhadas pelo mundo, resultado de exposições muito bem sucedidas. Atualmente contempla Dubai com sua arte, onde temporariamente reside.



## Hosana

Piscam luzes de alegria,  
Vapores do riso extravazam  
E a grande euforia  
Se acolhe em tantos abraços.

Chega a grande notícia:  
O Deus Menino nasceu!  
Outro Natal na memória...  
Outra memória se deu.

É doce o cheiro do incenso,  
É mansa a noite que avança.  
Somos do Amor a vigília  
Com o nascer da criança!

Caminhemos ao futuro.  
Paz, harmonia e bonança.  
É Natal! Sigamos juntos  
No cultivar da Esperança.



## Encontro invisível

Não tenho um sapatinho  
Nem janela  
Nem quintal

Sou só um menino franzino  
Que tem a alma imortal

Não morre quem não existe  
Não dorme quem não acorda

Sou uma vida que insiste  
Em bater à tua porta

A vida passa depressa...  
Tu envelheces também

Se ainda fosses menino  
Terias um sapatinho  
Ou tu viverias sem?

As estações se sucedem  
E outro Natal nos acena

Vejo alegria em tua casa  
De fartura ela está plena





Que bom que podes amar  
E abraçar tua gente

É o melhor da vida:  
um lar onde a noite é quente.

Agora eu preciso ir  
Tenho muito a caminhar  
Que tu sejas sempre feliz  
Pra mim foi bom te encontrar

Dizem que o Noel  
Não se esquece de ninguém

Pelo menos neste ano  
Retorno à casa risonho

Em nosso encontro invisível  
Confesso que ter sido visto  
Me fez ser gente também...



**JOSYANNE RITA DE ARRUDA FRANCO**

Médica, psicanalista e escritora. Nasceu na região amazônica e vive no sudeste do Brasil, onde desenvolve suas atividades profissionais e literárias. Costuma dizer sobre suas composições literárias que tem o pensamento no sublime, a vida na realidade e o coração na selva.

## Uma noite de Natal

Escutei dentro de uma casa alguém dizer: hoje é dia de armar a árvore de Natal. O pai, todo solícito, nomeou-se para ir ao bosque cortar o pinheiro, como fazia todos os anos. A filha, imediatamente reagiu:

– Precisa cortar a árvore?

A mãe parou de encerar o chão, o pai inerte no terceiro degrau da escada se espantou.

– É tradição, fazemos isso todo ano. Lembra o ano passado como você se divertiu com as luzes acendendo e apagando entre as bolas coloridas?

– Filha, por que isso agora? Precisamos homenagear o aniversariante, inclusive montando o presépio ao pé da árvore.

– A verdade é que me diverti ao montar o presépio e a árvore, mas, ao final me aborreci ao vê-la morrer e secar, indo parar no lixo.

– As coisas são assim! – definiu a mãe, prática, diante dos olhos incrédulos e indignados da criança, pela falta de sensibilidade dos seus genitores.

Cadê a noção ecológica deles, pensou a garota emotiva. Assim, ao ter o veredito lógico e palpável, apresentou:



## *Segredos da Noite de Natal*

– E se fôssemos ao bosque e montássemos a árvore comunitária. Podemos convocar a vizinhança para enfeitar à sua maneira, um galho. Que cada um deixe pendurado, também seu pedido. Na noite de Natal, embaixo da frondosa companheira, faremos orações em agradecimento ao menino Jesus.

– Filha, que boa ideia. Penso ser esse o espírito do Natal. A representação da união de pessoas e povos ao redor do grande mestre – manifestou-se o pai, todo emocionado.

– Fico com a incumbência de convocar os que queiram participar. Farei um bolo, e cada qual trará um prato e o refrigerante de sua preferência.

– Mamãe, estará completa. Afinal de contas, o nosso presente é a presença do Espírito Santo.



### **EVANDRO FERNANDES DA SILVA**

É bacharel em Direito e cartorário. Participou como letrista do Grupo Olho Nu, na década de 80. Escreveu as peças: **Morada de um homem só**, **A ponte dos homens ratos** e, em parceria com o artista plástico e dramaturgo Valmir Bonfá, a peça intitulada **Aleijadinho**. É autor dos livros: **O penetra** (romance policial), **Vida e Morte de Olympia** (contos), **O levante dos oprimidos** (romance, 2008), **Na esquina de batom** (romance, 2015) e **Tonico Perê** (romance, 2018). E dos infantojuvenis: **A menina que tinha medo da meia-noite**, **A fuga da bailarina** (2016), **Letícia, a lagartixa** (2017) e **Marcelinha, a aranhinha** (2018) – todos pela Editora In House; além de participar de várias antologias da mesma editora.



## O pão que tu me deste não era vidro, mas se quebrou

Foi a aragem fresca da tarde, brincando com os cabelos dourados da neta que despertou a Margô que trazia consigo ao longo dos anos?

Uma sombra triste passeou pelos seus olhos que miravam o longe e do longe de suas lembranças, trouxe de volta o presente que ganhara naquele Natal. O presente estava na casa da *nonna* e na casa dela eram distribuídos no Dia da *Befana*.

Aguardou ansiosa uma semana. Todos os dias, após o Natal, ia a pé à casa da avó, acompanhada pela mãe. O sítio era próximo ao dos pais. Ia pelo caminho conversando com a mãe. O assunto era o tão sonhado presente, mas devia fazer segredo, caso contrário, corria o risco de nada receber. A mãe também estava radiante, contagiada pela alegria da filha. Um sonho realizado!!

Assim que chegava, Margô beijava os avós e corria para a árvore enfeitada, colorida e deliciosa, cheia de balas que não podiam ser tocadas. Com seu olhar brilhante e ansioso admirava seu presente!! Esperar Dia de Reis, que demora!! Para Margô essa era a parte triste desse Natal. A primeira vez que ganhava um presente e um esperar sem fim?

O dia chegou. Os primos também estavam curiosos... o que será que havia no pacote de Margô?

Rapidamente desfez o embrulho! Ela era só alegria! Um lindo pão de metal prateado, com listras coloridas ao redor! Logo pegou o jeito e, à medida que o pão rodopiava, à luz do luar, mostrava a efusão de cores! O som diminuía, as cores aquietavam-se, crescia o som das vozes dos primos: “Agora é a minha vez!”, “Não!! Eu primeiro!!”. E assim, embora um pouco a contragosto, Margô passava a vez.

## *Segredos da Noite de Natal*

O que ficou guardado em suas lembranças? O colorido faiscante de um pião que girava, girava... Uma dança de cores que se perseguiam e espalhavam-se velozmente.

Por que essa sombra triste vagueia pelo seu olhar após tantos anos?

Porque ao voltar para sua casa, o casarão que abrigava a grande família, deveria dizer que fora presenteada pela *nonna*. Pela *nonna*?! A avó a presenteara com um presente tão lindo e aos primos dera as balas..., mas que *Befana* era essa? A *nonna* era tão boazinha...

Essa descoberta, incompreensível naquele momento, causou toda essa tristeza velada no peito. Como a mãe conseguira realizar o sonho de presentear-lá? As primas que moravam com ela também não ganhariam nenhum presente.... Naquela época não havia dinheiro para tamanha extravagância.

O riso alegre da neta que puxa sua mão a traz de volta. Margô fecha o casarão com as suas lembranças e ternamente abraça a criança.



**VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO**, nasceu em 05 de outubro de 1956. É casada com Luigi Di Nallo. Reside na pequena cidade de Pedrinhas Paulista/SP. É professora aposentada, graduada em Letras, Pedagogia e Teologia, Mestre em Educação. Ama caminhar, fazer licores, bolachinhas e escrever, atividades diferentes, mas que permitem uma mescla de sabores e encantos.

## O que tem debaixo da árvore de Natal?

*(O autor escreve textos junto com seu personagem, o Desavisado)*

- Desavisado! Depois da missa, em casa, nós vamos ao sótão!
- Cristóvão, por quê?
- Hoje é domingo. Dia 27 de novembro. Primeiro domingo do Advento. O primeiro de quatro domingos.
- E daí?
- Ora! Vamos montar a árvore de Natal!
- Mas ainda é novembro!
- E você não sabe que a árvore de Natal se monta no primeiro domingo do Advento?
- E o que é Advento?
- Caramba, Desavisado! Advento é o tempo de preparação para celebrar o Natal e começa quatro domingos antes dessa festa! Este ano, termina no dia 24 de dezembro. E atenção, essa data muda todo ano.
- Ah, tá!
- (Tempo depois da missa, no sótão)
- Vamos, Desavisado! Só faltam poucos degraus! Chegamos!
- Poxa! Como está escuro aqui, Cristóvão!
- Acenda a luz! O interruptor está bem à sua frente.
- Pronto! E agora?
- Agora vamos descer com todas essas caixas.
- Tudo bem.
- E cuidado para não deixar cair nenhuma.
- Pronto! Chegamos na sala. E agora?
- Agora, Desavisado, vamos montar a árvore de Natal, vamos abrir as caixas com os enfeites e decorá-la.





- Cristóvão! Tá ficando bonito! Quantas bolas! Quantos enfeites!
- Desavisado! Me passe essa última caixa.
- O que tem dentro dela?
- A ponteira!
- Que bonita!
- Pronto! Agora vamos colocar alguns enfeites pela casa.
- Cristóvão! Como eram os Natais de antigamente?
- Ah! As pessoas cortavam pinheirinhos e faziam o Natal com árvore verdadeira. Colocavam o pinheiro dentro de uma lata cheia de terra.
  - Verdade?
  - Sim. Era bonito, exalava o cheiro gostoso do pinheiro, mas era antiecológico. Recordo-me que colocavam uns porta-velas que chamávamos de sapinhos. Ficavam presos na ponta dos galhos. Na noite de Natal acendíamos as velinhas. Até que ficava bonito. Mas corria-se o risco da árvore incendiar.
  - Jura?
  - Sem juras. Já vi isso acontecer.

## *Segredos da Noite de Natal*

- Uma curiosidade. E quando vamos desmontar a árvore?
- Boa pergunta, Desavisado. O certo é desmontar no dia 6 de janeiro, dia de Reis. No ano que vem, 2023, cai num sábado.
- Vamos desmontar no sábado?
- Não. Faremos isso no domingo, depois da missa.
- Tá legal! Mas no Natal, o que teremos debaixo da árvore?
- Desavisado! Você é muito xereta!
- Ah! Você não pode falar?
- Não, Desavisado! Nem eu, nem ninguém. São segredos da noite de Natal.



### **CRISTÓVÃO JOSÉ ZYGMUNT WIELICZKA**

Quando jovem, ensaiei poesias escritas num caderninho perdido no tempo. Onde estaria? Sei lá! E as poesias? Esqueci.

Muitos anos depois escrevi um texto. Não gostei, rasguei, joguei fora, e assim, muitos outros.

Um dia escrevi um texto e não rasguei! Escrevi outro e outro e mais outro. Deixei de rasgar meus textos.

Certa vez, viajando por Portugal, um fato inexplicável aconteceu em Coimbra. Um romance me veio à mente. Corri para escrever e esse foi o meu primeiro livro publicado pela Amazon, **Os registros no meu diário de trinta e três dias em Coimbra**.

Recentemente publiquei por esta editora, In House, juntamente com mais seis amigos, **Os Sete de Sampa**, disponível no Kindle da Amazon e no site [www.estan-tevirtual.com.br](http://www.estan-tevirtual.com.br). Escrevo também no Facebook (Cristóvão Wieliczka) com a participação do meu personagem, o Desavisado, meu outro eu.

Convidado para participar deste livro, escrevi algumas linhas, em... **O que tem debaixo da árvore de Natal?**

## Utopias natalinas!

Neste Natal, desejo que todos recebam abraços! Muitos abraços! Que o abraço aqueça os solitários, os que sofrem do abandono da vida, os que romperam com seus entes queridos, os doentes terminais em seus últimos instantes de vida, os que desistiram de viver e rastejam em depressões e ansiedades.

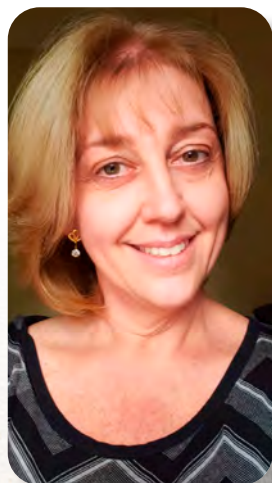
Neste Natal, desejo que as palavras de paz e aconchego estejam presentes em todas as famílias, nas amizades e ambientes profissionais.

Neste Natal desejo que as mesas de todos estejam fartas de alimentos, bebidas e sorrisos sinceros.

Mas, olhando as fraturas sociais adentradas nesses últimos anos, vivenciadas em perdas humanas, dores pessoais e angústias, meu desejo se torna etéreo, ingênuo e utópico, levando-me num refúgio mental, no qual prefiro apenas silenciar meus desejos e sonhos, incumbindo o tempo de tudo reorganizar.

Tempo alimentado pela fé, advinda do nascimento do Menino-Deus, que sempre nos encoraja a crer em um mundo melhor!

Feliz Natal!



### **SUSANA BUENO DE SOUZA**

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e uma mulher que em inúmeros dias, encontrou forças para sua rotina nas palavras que D. Maria proferia. Participou de várias antologias da Editora In House. É editora de Cinema da **Revista JLetras** e coautora de **Femina** (Editora In House).



## *Gingerbread*

# Biscoito de gengibre de Natal

### **Ingredientes:**

- 200 gramas de mel
- 150 gramas de açúcar
- 100 gramas de manteiga
- 15 gramas de bicarbonato de sódio
- 800 gramas de farinha de trigo
- 15 gramas de chocolate em pó
- 2 gramas de noz-moscada em pó
- 2 gramas de cravo em pó
- 10 gramas de canela em pó
- 5 gramas de gengibre em pó
- 60 ml de leite
- 2 ovos

### **Preparo & tal:**

Amor da minha vida, levante logo de nossa caminha macia e venha já para cá, ajude-me a preparar um biscoito de gengibre, uma fina iguaria degustada especialmente nesta linda época natalina. Não precisa nem uivar, senti o seu feromônio no ar, parece um aroma de cravo e canela com leite e mel... Faça como eu digo, misture o mel, o açúcar e a manteiga. Leve tudo ao fogo máximo de nossa paixão até que a manteiga derreta. Reserve após desligar. Una o bicarbonato ao leite, misture e reserve. Junte a farinha, o chocolate e as especiarias que devem ser peneiradas, eliminando possíveis grumos, deixando a massa leve, aerada e fina. Reserve e observe, seja um voyeur de forno e fogão. Numa outra tigela, adicione a metade da mistura da farinha, acrescente o mel, os ovos de galinhas

felizes – ligeiramente batidos com o *fouet* (fuê) e em seguida junte o leite com o bicarbonato, misturando tudo até formar um creminho bem branquinho. Sobre uma superfície rígida, limpa e higienizada, coloque o restante da mistura da farinha e o creminho da tigela citada acima. Misture com as duas mãos até incorporar plenamente a farinha de trigo. Feito isso aí ali, a massa deverá ir à geladeira dentro de um saco plástico por duas horinhas. Vida minha, minha vida, meu amor confeitado, plenamente granulado em todo momento de nossas vidinhas... Beije muito os meus lábios até que eles fiquem vermelhinhos como o nariz da rena Rudolph que guia o trenó do Papai Noel e deixe a massa em temperatura ambiente antes de utilizá-la para esse açúcarado preparado. Logo mais, numa superfície enfarinhada, abra a massa, moldando com um cortador, obtendo o formato desejado (estrela, boneco, árvore, rena, pirulito, boca, coração etc.), coloque numa assadeira retangular e asse em forno preaquecido a 180°C por aproximadamente 10 minutos até que a massa esteja dourada por cima e por baixo, por baixo ou por cima, como for melhor para nós dois nesse carrossel da alegria. Por fim, decore com glacê real ou como bem desejar..., enfeitando, decorando, harmonizando, militando com as cores da bandeira do arco-íris; mas sem deixar demasiadamente cafona ou *blasé*.



Cozinhar é transformar um abstrato desejo em pura realidade e muito além do Metaverso. Quando unimos os ingredientes de uma determinada receita, além de ser um ato de amor materializado, todo o processo também é um gesto importante de doação ao comensal que irá degustar esse preparado. Nesse momento em que você se doa ao preparo de algo saboroso para agradar ou conquistar o próximo, para recepcionar seus convidados e proporcionar prazer, felicidade e conforto por meio do alimento, uma dádiva, uma benção tão sagrada quanto a nossa própria essência de vida, presente eterno de Deus.

Por fim, o ato de cozinhar ajuda a aliviar o estresse, desenvolve a criatividade aprimorando uma nova prática de modo autoral, o que proporciona plena satisfação individual, melhorando assim a nossa capacidade de organização pessoal e profissional. Bom apetite a todos e boas-festas hoje e sempre...



**DAVID FERREIRA**

Minha definição por Elis Regina (pisciana):

*"Quando sou doce, sou doce. Senão, sou mais ardida que pimenta!"*. Eu pisciano: [14][03][1977] – e é sobre isso yags do meu Brasil & Portugal. Cristão: Espírita Kardecista. Formação Acadêmica: Aviação, Administração, Logística e Gastro-nomia – *Yammy nhammy & Bon appetit!*



## Natal, poesia e saudade...

O Natal é uma época de encanto, mas também de saudade. O grande autor português Fernando Pessoa já sabiamente indicava: *“Natal... Na província neva./ Nos lares aconchegados,/ Um sentimento conserva/ Os sentimentos passados”*.

Efetivamente, recordamos dos nossos entes queridos, alguns já em outra dimensão; os encontros familiares que gradativamente acompanhavam o nosso crescimento; do presépio e da árvore de Natal montados na sala da casa; dos presentes, embora modestos, mas dados com muito amor e dentro das possibilidades econômicas da época. Pessoalmente, também vêm à memória os passeios pelas ruas e vitrines das lojas enfeitadas; o boneco de Papai Noel da extinta Loja Magalhães, que subia e descia constantemente; das missas do Galo irradiadas por meu pai, Com. Hermenegildo Martinelli e dos sermões afins de Frei Clemente; das grandes festas realizadas para os seus empregados nas dependências da CICA e de Waldemar Cortz, que encarnava o personagem Noel de forma simpática e serena, fazendo a alegria das crianças.



Vinicius de Moraes, poeta e diplomata, dizia em seu **Poema de Natal**: *“Para isso fomos feitos:/ Para lembrar e ser lembrados/ Para chorar e fazer chorar/ Para enterrar os nossos mortos —/ Por isso temos braços longos para os adeuses...”* As festas natalinas nos trazem lembranças dos tempos que se foram, mas principalmente de uma série de valores de simplicidade, de intimidade, de amor e sacralidade, hoje desbancados pelos interesses comerciais. Nessa trilha, Carlos Drummond de Andrade, em **O Que Fizeram do Natal**, expôs: *“As beatas ajoelharam/ e adoraram o deus nuzinho/ mas as filhas das beatas/ e os namorados das filhas/ foram dançar black-bottom/ nos clubes sem presépio”*.

É bem verdade que a espiritualidade e o sentido natalinos estão sendo ofuscados muitas vezes pelos apelos mercantilistas e pela alegria consumista que tentam imprimir à ocasião. O Natal, porém, tem resistido a todos esses mecanismos mostrando que suas mensagens, para uns tristes e para outros alegres, persistem apesar de qualquer manipulação de seus símbolos. Sua mística continua envolvendo as pessoas, sobretudo num clima de poesia e ternura, propiciando ainda uma boa oportunidade de reavaliação do que efetivamente são valores e virtudes. Olavo Bilac descrevia: *“Natal! Natal!/ Em toda a natureza/ Há sorrisos e cantos, neste dia.../ Salve Deus da humildade e da pobreza/ Nascido numa pobre estrebaria”*.

Frutos da ganância, do egoísmo e do poder, são inúmeros os acontecimentos e os comportamentos que demonstram o desvirtuamento de princípios básicos, gerando manifestações de desânimo e derrotismo daqueles que ainda sonham, buscam e lutam pelo bem comum, felizmente afastadas pelo empenho na concretização de seus ideais. Desta forma, o sentido mais profundo do Natal precisa ser cultuado no pensamento e no coração das pessoas; posto que o ser humano é o valor máximo a ser respeitado, resgatado e conduzido à felicidade, devolvendo a todos o direito de viver e de participar dos bens terrenos. *“A desigualdade social, a pobreza, a miséria, a fome não são vontade de Deus, mas fruto da forma como os homens organizam a sociedade”* (Dom Cláudio Hummes).

Com certeza, não é fácil comemorar essa data. Também não é impossível fazê-la da forma mais coerente com os seus próprios



preceitos, que vão se modificando com o passar dos anos, mas não perdem a essência. Tanto que em 1901, Machado de Assis já proclamava em seu **Soneto de Natal**: *“Um homem, — era aquela noite amiga,/ Noite cristã, berço no Nazareno, —/ Ao lembrar os dias de pequeno,/ E a viva dança, e a lépida cantiga,/ Quis transportar ao verso doce e ameno/ As sensações da sua idade antiga,/ Naquela mesma velha noite amiga,/ Noite cristã, berço do Nazareno./ Escolheu o soneto... A folha branca/ Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,/ A pena não acode ao gesto seu./ E, em vão lutando contra o metro adverso,/ Só lhe saiu este pequeno verso:/ “Mudaria o Natal ou mudei eu?”.*

Depois de muita reflexão, vale dizer que o Natal deve estar presente em nossas vidas, buscando-se primordialmente fortalecer a comunhão dos homens.



**JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI** é advogado, jornalista profissional, escritor e professor da Faculdade de Direito do Centro Universitário Padre de Anchieta de Jundiaí há 35 anos. É Mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na qual também se formou em Direito e cursou Jornalismo. É autor de vários livros e escreve para alguns jornais e inúmeros blogs, entre os quais o luso-brasileiro **PAZ**, editado na cidade do Porto, em Portugal. Foi presidente duas vezes da Academia Jundiense de Letras e uma da Academia Jundiense de Letras Jurídicas, do qual é sócio-fundador. Recebeu inúmeros prêmios por sua atuação, inclusive o de destaque nacional em Direitos Humanos, Prêmio Quality Golden outorgado pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração.



## Um pedido secreto de Natal

– Pronto! Chegou a sua vez, o Papai Noel está te esperando... disse a ajudante do bom velhinho à menininha de olhinhos brilhantes e sorriso maroto.

A menina se desvencilhou das mãos de sua mãe e saiu correndo para se sentar ao lado do Papai Noel.

Teve que esperar muito, mas valeu a pena!

– Papai Noel, Papai Noel, o senhor vai ajudar a realizar o meu pedido? Vou falar bem baixinho para só você escutar: eu queria um



## *Segredos da Noite de Natal*

mundo sem guerra, sem falsidades, com as pessoas tendo sentimentos bons uns com os outros, que ninguém passasse fome, nem frio, nem sentisse dor no coração. Você pode me ajudar nisso?

O Papai Noel disse:

– Eu não posso fazer isso sozinho, mas quero muito ajudá-la.

Eu tive uma ideia e você pode colaborar!

O Papai Noel sussurrou ao ouvido da menininha:

– Nós vamos fazer o seguinte: a cada dia, você e eu vamos ajudar alguém que necessite de amor, paz, comida e atenção. Você aceita?

A menina esperta logo falou:

– Siiiiimmmmm! Gostei disso!

Ninguém ao redor ouviu o que conversaram, mas todos viram que a criança saiu muito feliz.

A mãe da pequena perguntou curiosa:

– O que você pediu ao Papai Noel?

E ela respondeu:

– Fiz um pedido secreto de Natal.



**MARIA RACHEL DE FARIA FRANCO** é jornalista, trabalhou com fotografia, publicidade, comunicação empresarial interna e vendas e marketing.

Gosta de viajar e compartilhar experiências de culturas diferentes.

Tem paixão pelas artes, em especial por teatro, cinema e literatura.

## Noite de Natal

### O segredo da Dona Ilda\*

Segredos, segredos... quem os não tem? E no Natal também os há. E tantos!



Todos os anos a Noite de Natal em família é mágica! E então vêm os segredos culinários.

Durante anos a **Dona Ilda**, minha sogra, e o seu esposo, Senhor António, pai de minha mulher que este ano faria 100 anos se estivesse entre nós, vinham passar a noite de Natal em família connosco, em nossa casa.

Ela nasceu em São Pedro de France, uma linda terra portuguesa do concelho de Viseu, situado na província da Beira Alta. Possui paisagens magníficas.

Veio muito cedo trabalhar para Lisboa, mas é muito provável que na sua terra





tenha aprendido e saboreado a sua gastronomia. E ela é muito rica. No concelho de Viseu, na noite de Natal é tradição comer-se bacalhau com batatas cozidas, couve e ovos ou em alternativa polvo com batata a murro, mas é mais raro. Como sobremesas são colocados na mesa vários doces: o bolo-rei, as filhós ou filhoses, as rabanadas, a aletria, os sonhos, o arroz-doce e as típicas castanhas de ovos. Mas também podemos incluir os bolinhos de bacalhau, o queijo e os frutos secos como as nozes, as avelãs, os pinhões e os figos. E para acompanhar o bacalhau ou o polvo existem os vinhos do Dão, tintos ou brancos.<sup>1</sup>

Como este texto é para uma Antologia brasileira é oportuno referir-se como é uma Ceia de Natal no Brasil. Trata-se de um país enorme e por isso é natural que existam diferenças em várias regiões.<sup>2</sup> À meia-noite do dia 24 os brasileiros costumam fazer uma grande ceia. E há alimentos que estão presentes em quase todas as famílias como a farofa, a rabanada e o salpicão. Na ementa constam o peru, normalmente servido com arroz, passas de uva, castanhas e frutas. Também é habitual o leitão ou pernil de porco assados e pratos regionais. As frutas secas também não faltam, bem como o vinho.

Durante vários anos e enquanto foi possível, os meus sogros juntavam-se à família que connosco reunia no Natal. A **nossa cadela, a Tuna**, recebia bem toda a gente. Uma vez coloquei-lhe na cabeça o barrete de Pai Natal e as barbas no focinho... e que bem ficou! O ambiente era inesquecível! E não era muito diferente do descrito pelo escritor português, José Saramago,



<sup>1</sup> In <https://slideplayer.com.br/slide/3491514/>  
<https://www.pato-logico.com/noticias/como-e-o-natal-dos-viseenses>

<sup>2</sup> Vidé <https://paladar.estadao.com.br/noticias/receita,ceia-de-natal-a-brasileira,70002096069>

premiado com o Nobel da Literatura, no seu Conto de Natal:<sup>3</sup>

*“(...) Há uma casa e luz lá dentro. E gente: a Família. Na lareira ardem grossos troncos de lenha de donde se desprendem, lentas, as brasas. Quando à fogueira se lhes juntam gravetos, ramos secos, um punhado de palha, a labareda cresce, divide-se em trémulas línguas, sobe pela chaminé encarvoada de fuligem, ilumina os rostos da família e logo volta a quebrar-se. Ouve-se o ferver das panelas, o frigir do azeite onde boiam as formas redondas das filhós, entre o fumo espesso e gorduroso que vai entranhar-se nas traves baixas do telhado e nas roupas húmidas. São talvez nove horas, a modesta mesa está posta, o momento é de paz e de conciliação, e a Família anda pela casa, confusamente ocupada em pequenos trabalhos, como um formigueiro. Não tarda que saiam todos para o quintal. Vai ser lançado ao ar o foguete de três respostas, esse que, cumprindo a tradição, anunciará aos vizinhos que naquela casa já a última filhó saiu do tacho, a escorrer, e foi cair no alguidar profundo onde aguardará o retoque final da canela e da calda de açúcar. (...)”*

Na véspera do Dia de Natal a Dona Ilda trazia as suas delícias, feitas com mestria, com sabores e texturas maravilhosas e hoje são inesquecíveis. Vinham as filhoses, os coscorões, as rabanadas... e os pastéis de massa tenra, feitos a pensar em mim, pois sabia que eu os adorava. Eu e a minha sogra fazíamos anos no mesmo mês, o do Natal, dezembro. Eu a 5 e ela a 19. Também comemorávamos o seu aniversário em nossa casa. Mas volto a lembrar os inesquecíveis pastéis de massa tenra da Dona Ilda. Eram uma delícia! E qual seria o segredo para a sua textura, o seu sabor, a sua apresenta-

---

<sup>3</sup> SARAMAGO, José, História de um muro branco e de uma preta  
[https://www.academia.edu/25576793/Contos\\_de\\_Natal\\_na\\_Literatura\\_em\\_L%C3%ADngua\\_Portuguesa](https://www.academia.edu/25576793/Contos_de_Natal_na_Literatura_em_L%C3%ADngua_Portuguesa)



ção serem tão diferentes dos que eu comia de outras vezes, noutras locais, confeccionados por outras pessoas? Como não sei o segredo não tenho a verdadeira receita da Dona Ilda, mas aproveito a oportunidade para divulgar uma das inúmeras receitas de **pasteis de massa tenra**<sup>4</sup> :



Aniversário da Dona Ilda

### **Pastel de massa tenra**

#### ***Ingredientes***

*Para a massa:* 300g de farinha de trigo, 20g de manteiga à temperatura ambiente, 20g de banha, 150ml de água e 1 colher de café de sal.

*Para o recheio:* 300g de carne de vaca cortada em 6 partes, 1 cebola cortada em quartos, 1 cenoura cortada em rodelas, 2 dentes de alho, 100ml de vinho branco, 50ml de água, ¼ de chouriço de carne, 50g de bacon, sal q.b., pimenta q.b., azeite q.b., 30g de farinha de trigo e 2lt de óleo para fritar.

#### ***Preparação***

1. Comece por fazer a massa: no processador, coloque 300g de farinha de trigo, 1 colher de café de sal, 20g de manteiga à temperatura ambiente, 10g de banha e misture 150ml de água até formar uma massa elástica. Cubra com um pano húmido e deixe descansar por 1 hora.

<sup>4</sup> In <https://www.24kitchen.pt/receita/pasteis-de-massa-tenra>



## *Segredos da Noite de Natal*

2. Entretanto faça o recheio, num tacho coloque um fio de azeite, 300g de carne de vaca cortada em 6 partes, 1 cebola cortada em quartos, 1 cenoura cortada em rodelas, 2 dentes de alho esmagados, 100ml de vinho branco, 50ml de água,  $\frac{1}{4}$  de chouriço de carne, 50g de bacon e tempere com sal e pimenta. Deixe cozinhar em lume médio durante 45 minutos.

3. Quando a carne estiver cozinhada, retire-a do tacho e triture-a num processador, juntamente com o chouriço e o bacon.

4. Triture também os ingredientes que ficaram no tacho com a varinha mágica.

5. Junte as carnes ao tacho e acrescente 30g de farinha, deixe cozinhar, mexendo sempre até engrossar ligeiramente. Junte noz-moscada e retifique os temperos com sal e pimenta.

6. Deixe o preparado arrefecer.

7. Estenda a massa numa bancada polvilhada com farinha. Disponha porções de carne por cima, dobre a massa para cobrir.

8. Corte depois com um corta-massas ou um copo. Repita a operação até acabar a carne e a massa. Frite os pastéis em óleo até ficarem douradinhos de ambos os lados; retire, coloque a escorrer sobre papel absorvente e sirva.



Pastéis de massa tenra

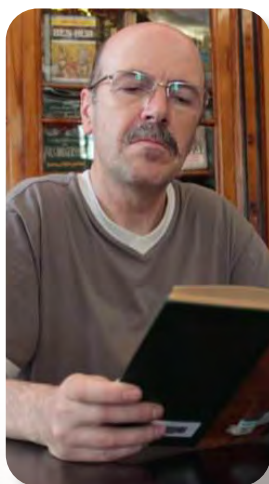
## *Segredos da Noite de Natal*

A Dona Ilda das Neves já não está entre nós. Deixou-nos e levou com ela o segredo dos pastéis de massa tenra que eu adorava! Obrigado por tudo o que nos deu, o amor, o carinho, as coisas boas da vida! Estará com Deus depois de ter cumprido certamente uma missão terrena...

*\*Mantido como no original.  
Português de Portugal.*



Nossa lareira



**JORGE TRIGO** - É licenciado em História e Mestre em História Regional e Local pelas Universidades Portuguesas. Tem organizado e participado em inúmeras iniciativas e tem vários trabalhos publicados em Portugal e no Brasil. É membro do Conselho Geral da **Fundação Amália Rodrigues**. Foi distinguido em 2014 com o **Prémio Amália** (Edição Literária). Possui a **Medalha de Mérito Municipal**, Grau Ouro, Secção Cultura, da Câmara Municipal de Sintra, Portugal, o **Diploma de Reconhecimento** da editora In House, Brasil, 2017, entre outros. É **Embaixador Cultural** da Editora In House em Portugal. Em 2022 foi um dos organizadores da Antologia **Brasil & Portugal - 200 anos unidos de Alma e Coração**, editado pela In House, obra lançada no Brasil e em Portugal.



## Canção de Natal

Sempre que ouvia aquela canção ela se emocionava.

Lembrava uma manhã quando o verão estava chegando e com ele, as festas tão esperadas. Então resolveu escrever uma cartinha para o Papai Noel que dizia o seguinte:

*“Meu querido Papai Noel,*

*Este ano eu não quero nenhum presente. Eu queria que você levasse alegria para aquela casinha muito pobre que fica lá perto do rio. Eu fui lá outro dia e vi uma menininha deitada num berço e fiquei espiando. Ninguém me viu. Eu olhei bastante, sabe? Parecia que a menininha não via nada. Então a mãe dela entrou no quarto, pegou ela no colo e aí eu percebi: ela era cega.*

*Então Papai Noel, eu queria que ela pudesse ver. Você pode fazer isso? Muito obrigada.*

*Rebeca”*





## *Segredos da Noite de Natal*

Colocou a carta na caixa do correio esperando que seu desejo se realizasse. Todos os dias, corria até a casa humilde para ver se algo havia acontecido. Até que, na véspera do Natal, ela foi e viu que algo novo acontecera. Voltou correndo para contar a sua mãe a sua aventura.

– Mamãe, eu fui até lá, aí eu vi uma senhora muito bonita toda vestida de azul que brilhava como uma estrela. Chegou perto do bercinho da criança e deixou um anjinho de presente para ela. Aí a menininha abriu os olhos, deu um lindo sorriso para a senhora e pegou o presente.

*“Noite feliz, noite feliz, ó Senhor, Deus de amor!”*



### **ARIADNE RODRIGUES DE MORAES**

Escritora e poetisa. Um livro autoral **Vitória** publicado e participação em várias antologias publicadas pela editora In House.

## 7-1-21

Carolina guarda os enfeites de Natal enquanto observa Leonardo, seu filho, caminhando de cabeça baixa na garagem da casa. Ele dá passos lentos, calculados, como se quisesse encaixar os pezinhos sobre o piso para evitar os rejuntas. Algumas crianças brincam na rua, mas o garoto está de costas para o portão.

Sentada em um banquinho, Carolina apoia os braços sobre os joelhos e olha com angústia para Leonardo. Ele está assim desde a manhã do dia de Natal, quando não foi acordado pelo Papai Noel para lhe entregar o presente. Nem o grande pacote com fita vermelha pareceu trazer felicidade a ele.

O garoto para ao lado da bicicleta nova. Passa os dedinhos sobre ela, percebe tudo novinho em folha. Ele olha para sua mãe, e com a cumplicidade de um olhar, Carolina, já enxugando as lágrimas, vai abraçar o filho. Ficam abraçados por longo tempo, sem medo de esconder os soluços. As crianças que estão na rua param para olhar a cena. Cochicham qualquer coisa e se dispersam.

Mãe e filho voltam para dentro de casa, e ela prepara um suco para ele.

– Como você está, meu bem?

Leonardo olha para a mãe enquanto ajeita o canudinho no copo.

– Tô bem, mamãe, tô triste.

Carolina engole o choro.

– Por que o papai não veio? E o Papai Noel? – Leonardo começa a esfregar os olhinhos para enxugar as lágrimas.

O aperto no peito de Carolina é grande, a sensação de impotência, ainda maior.

– Vem, Léo, vamos ver TV.

Os noticiários mostram algumas celebrações bem discretas de Dia de Reis pela Europa. A pandemia e o lento processo de vaci-

nação ainda impedem aglomerações de pessoas. Em um povoado, uma senhora remove do alto do presépio a estrela que, acredita-se, teria guiado os Três Reis Magos pelo deserto para levar presentes ao menino que havia nascido alguns dias antes. Leonardo questiona o que era aquela estrela.

– Então, filho, essa estrela indicou onde estava Jesus.

Sem tirar os olhos da TV, Leonardo pergunta:

– Ela vai mostrar onde tá o papai?

Carolina pegou as mãozinhas do menino, deu um beijo nelas e falou bem baixinho:

– Leozinho, meu amor, o papai tá lá com o papai do céu.

– Tá perto da estrela?

– Tá, sim, amor. – responde a mãe, virando o rosto para o menino não ver uma lágrima contornando seu rosto.

– Mas, mamãe, como o papai foi parar lá?

– Léó, meu filho, lembra que nós já falamos sobre isso?

– Sim, mamãe, mas eu quero ajudar. Quero o papai aqui.

– Meu querido, sabe esse dodói que tá por aí? Não deu tempo de o papai tomar vacina, ficou doente e agora tá morando com o papai do céu.

A curiosidade e o desassossego do menino estarrecem Carolina.

– Mas a gente consegue falar com o papai do céu? Pedir pra trazer o papai de volta?

– Com o papai do céu, a gente fala em oração, em qualquer momento, mas o papai não vai voltar, amor.

– O papai do céu vai me ouvir, mamãe.

Carolina apenas olha para o menino caminhando para seu quarto até perdê-lo de vista. Em seguida, olha para a foto da família, tirada no Natal anterior, em que Humberto colocou o filho sobre seus ombros, Carolina à sua frente, os três sorrindo, usando gorros do Papai Noel. De volta à realidade, mais vazia e dolorosa que o momento da foto, Carolina deixa para arrumar a sala no dia seguinte.

A mãe acorda no dia seguinte com o filho calmamente dormindo ao seu lado. As luzes acesas da casa chamam sua atenção. Ao chegar à sala, Carolina encontra uma cartinha manuscrita pelo filho sobre uma das caixas de enfeites.



## *Segredos da Noite de Natal*

*“Querido Papai do Céu,  
Queria pedir pro senhor dar a vacina pro meu papai  
pra ele voltar pra mim e pra minha mamãe.*

*Assinado: Leonardo.*

*7-1-21”.*

Carolina agarra a foto do Natal anterior, aperta-a contra o peito e entende que o adeus é diário.



### **LUCAS ANIELO SCARAPICCHIA**

Sou advogado, tradutor e professor de inglês, tento me equilibrar na corda bamba do cotidiano com livros, leis e o verbo “to be doo bee doo”.

## *Solo Per Natale*

### Somente no Natal

Desde aquela época a gente já considerava o Natal como uma data para fazer coisas especiais. Não ganhávamos presentes como hoje, mas tínhamos o costume sempre de reunir todo mundo pra comer alguma carne especial, frango, porco que mandávamos assar no forno da padaria. Também colocávamos a melhor roupa que tínhamos para ir à Missa do Galo ali na igreja do Santo Antônio do Pari. Por isso, durante o ano, quando a gente queria comer ou usar algo de diferente ou especial sempre nos era dito a máxima: *Solo per Natale* (somente no Natal, em italiano).

Nós morávamos em um cortiço ali na Rua Henrique Dias, no Brás. Eu, meus irmãos mais velhos – o Zelão e o Jaime; meus pais – o vô Chico e a vó Ana; a Tia Táide e a minha *nonna* Clélia, mãe do vô Chico. A tia Durva não tinha nascido ainda, ela é cinco anos mais nova do que eu. O Romualdo e o Sérgio também vieram depois.

O meu pai, o vô Chico, trabalhava como tecelão na Matarazzo; a vó Ana na fábrica de lata e a tia Táide na Talheres Rádio. Então, quem olhava a gente quando criança era a nossa *nonna* Clélia. Ela era italiana, nasceu em Cremona, mas foi deixada no orfanato das freiras quando criança. Veio ao Brasil com 12 anos, após ser adotada por um casal que imigrou pra cá.

Eu e o Zelão sempre fomos mais quietos, ele gostava muito de ler. Mas o Jaime.... ahh .... o Jaime sempre aprontava as dele. Ele era um italianinho levado, estrábico de olhos azuis e quem mais dava trabalho para nossa *nonna* Clélia. Ao mesmo tempo também, era o que mais tinha o jeito dela, o que mais aprendeu a falar em italiano e o que mais usava suas expressões.

Lembro de um episódio em que ela ficou furiosa porque ele saiu para brincar na rua com os outros meninos, apareceu imundo





Francisco Aleprote, sua esposa Ana Sernaglia e seus filhos Zelão, Jaime e Célia, no Jardim da Luz.

e não queria tomar banho. Nunca me esqueço dela já velhinha indo atrás dele na rua gritando com seu sotaque italiano:

– *Giaino, Giaino, vieni qui per fare il bagno!* (vem aqui para tomar banho!)

E ele aproveitando a ocasião para zombar, respondia de longe, imitando o sotaque da *nonna*:

– *Non, Nonna! Bagno Solo per Natale! Solo per Natale...* (Não, vó! Banho somente no Natal!) – e escapando, voltava pra rua para “chocar” o próximo bonde que passasse.

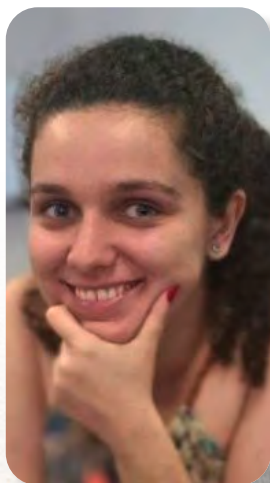
Essa foi uma das histórias que minha avó Célia me contou sobre a sua infância enquanto abria a massa das deliciosas esfihas



## *Segredos da Noite de Natal*

que fazia no Natal. Hoje, nem ela nem mais nenhum de seus irmãos ainda é vivo, mas passamos a usar a expressão *Solo per Natale* em tom de brincadeira quando não queremos fazer uma coisa naquele momento.

Brincadeiras à parte, o meu desejo é que todas as famílias tenham condições e possam usufruir de mais momentos que não sejam *Solo per Natale* pois, apesar de o Natal ser a data mais importante do ano para muitos, não podemos esquecer que todo dia também é um pouco Natal, afinal Jesus nasce e se faz presente em nossos corações todos os dias do ano. E isso também deve ser comemorado – nem que seja pelo menos tomando banho...



### **ANA PAULA PAGOTTI**

Apaixonada por robózinhas, ensino de física e tudo que voa ou está lá longe no céu. É mestre em Engenharia Mecânica, Licenciada em Física e Engenheira Aeroespacial e de Instrumentação, Automação e Robótica. Gosta muito do idioma italiano e de, nas horas vagas, cozinhar, testar receitas e costurar.

## Eu vivi o Papai Noel de verdade

Na década de 90, fui contratado pela agência de atores do Leão Lobo, em São Paulo, para fazer o papel de Papai Noel, no ginásio da Portuguesa, na Festa de Natal do Sindicato dos Hoteleiros de São Paulo.

Embora fizesse teatro amador em Jundiaí, nunca tinha feito este papel e nem tinha barriga para tal.

O cachê era ótimo, então aceitei o desafio e arrumaram-me uma farda, mas faltava o par de botas.

Arrumei um coturno do exército (pesado) que eu tinha em casa, emprestei um sino na casa da namorada, levei material de maquiagem, uma sacola com traveseiro para improvisar uma barriga, fitas adesivas para fixação da fantasia, peguei o ônibus da Viação Cometa e para o ginásio da Portuguesa me direcionei.

Ao meio-dia, horário estipulado, cheguei ao local do evento e apresentei-me aos organizadores que se assustaram com minha estatura e físico, mas como era um trabalho profissional, recebi as orientações sobre o evento: onde era o banheiro reservado para se arrumar, um saco de balas para distribuir às crianças e um saco de presentes numerados conforme a numeração das mesas espalhadas pela quadra (duas mil pessoas presentes). Estava um calor avassalador e ainda tive que esperar a banda parar de tocar, para ser anunciado.

Eu estava pronto e foi então que a aventura começou. Fui anunciado e as crianças já me aguardavam no acesso de entrada.



## *Segredos da Noite de Natal*

– Hô, hô, hô, Feliz Natal, hô, hô, hô, Feliz Natal!

Assim fui caminhando, balançando o sino, cercado pelas crianças, distribuindo balas e carregando o saco de presentes.

Nada fácil, mas consegui desempenhar o papel e deixar os presentes nas mesas respectivas e as famílias contentes e felizes.

Passado o sufoco, fui me retirando em direção ao banheiro para me trocar.

Nesse momento, recebi, além dos parabéns, pelo profissionalismo, o cachê tão esperado.

Já no ônibus, retornando para minha cidade, fui me lembrando dos momentos de pura emoção sentida e do dever cumprido de viver mais um Natal contagiante.

Antes de devolver a farda do Papai Noel na agência, ainda aproveitei para fazer um outro evento de Papai Noel, cujo trabalho ficou na minha memória para sempre.



### **DALTON LUIZ SIBINEL**

Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: **Uma pérola esquecida** (2010); **Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida** (2011); **Descompasso da Administração Pública** (2015); **As nuances de uma curiosidade** (2017) e **O ápice dos pensamentos** (2020).



## A essência da magia natalina

Aromas de panetones de chocolate e frutas cristalizadas começam a se misturar ao vento suavemente embaralhado com o azul do céu, derramando gotículas delicadas em cada parte descoberta do meu corpo. É assim que a suavidade do Natal começa a se manifestar em mim.

Há diversidade de fragrâncias que a época do Natal exala em cada ambiente para cada sentimento humano. São as memórias olfativas que permanecem no inconsciente e preservam o amor, o carinho e o afeto da família abençoada.

O perfume que mais me conquista nessa época está na casa da vó Durva. Assim que você chega ao portão, rosas coloridas envolvidas por árvores altas e de vários tons de verdes são os aromatizadores naturais para te receber.

Assim que abre a porta da cozinha, você começa a sentir cheirinho de casa de Papai Noel. O odor de toalhas de mesa, panos de prato novinhos, bordados de patchworks parecem estar perfumados com a mistura de flor de laranjeira e baunilha.

O aroma do peru preparado desde o dia anterior transborda sabores e temperos inigualáveis, mescla ervas de manjeriço, sálvia, louro com o líquido do vinho bordô penetrando entre os sentidos e salivando a cada barulho do cozimento.

Caminho até o cômodo da sala e sinto o bálsamo da árvore de Natal enfeitada com bolas vermelhas e laços dourados, lembrando romãs rachadas tendo à mostra as sementinhas púrpuras e suculentas que refletem o brilho no espírito de Natal.

A harmonização de aromas dispostos na mesa da ceia natalina, desde o ponche saborizado com maçã, abacaxi, guaraná e vinho seco complementado com pedras de gelo, dando-lhe som e sabor no acompanhamento de fatias de lombo com creme de damasco,

até ao arroz com uvas passas e castanhas regado ao champanhe rosé se abraçam ao deleite de aromas frutados europeus com notas de especiarias.

Quando chega a sobremesa, o ambiente natalino se transforma em mais uma surpresa para o mais especialista dos perfumistas. Intensos aromas de biscoito de gengibre, de maçãs glaçadas saídas do forno, de rabanadas mergulhadas ao leite condensado cobertas ao açúcar de confeiteiro, do pudim de leite com caldinha vidrada de caramelo, são as bênçãos do Natal servidas em pratos de amor. A cada mordida, o cheiro é a família reunida.

O principal ingrediente com perfume único e precioso é o abençoado Menino Jesus. Ele permanece em nós todos os dias de nossas vidas. Com cada um, Ele oferece uma fragrância especial, pela qual você escolheu: flores, frutos ou especiarias. Seja qual for sua fragrância, Ele estará com você!

Na noite de Natal, o perfume do Menino Jesus estará na mente, no corpo e no espírito de todos nós.

Feliz Natal!



**ANA EULINDA MARQUESIM NÓBREGA**

Sou professora do ensino público estadual e me orgulho muito de lecionar por 23 anos. Graduada em Letras, Pedagogia, Espanhol e pós-graduada em Criatividade e produção de textos, pós-graduada em estudos de Língua Portuguesa pela Unicamp, pós-graduada em Alfabetização. Realizei vários cursos pela Diretoria de Ensino de Jundiaí e também pela Organização Educacional Escrevendo o Futuro. A escrita e a leitura me transformam como pessoa mais crítica, emocional de maneira a tornar minha vida mais linda, leve e criativa; sendo a escrita, um momento em que posso imaginar vários lugares e emoções e vivenciar diferentes personagens, mostrando sentimentos do cotidiano, de várias culturas, da sociedade e do mundo.



## Uma história de Natal

Como é costume, todos os finais de ano alguém toca a campanha se identificando e fazendo crer ser merecedor de um brinde de Natal. Temos como certos o carteiro, o entregador de jornal, o catador de recicláveis e a turma do lixo, que geralmente se compõe de um motorista e quatro atletas coletores. Mas como Papai Noel é sempre bonzinho, também lembramos do vendedor de panos (que faz ponto no semáforo da esquina), do varredor da rua (que só vemos na Páscoa e no Natal) e dos costumeiros necessitados para comprar um remédio (sempre têm uma receita), para inteirar a passagem para Minas, que saiu da cadeia e procura um emprego, e por aí vai. Vocês estão rindo? Pois é, quem morou em casa de rua sabe bem do que estou falando.

Mas, voltando à nossa história, aconteceu no Natal do ano passado um caso curioso, daqueles bem inusitados. Minha esposa preparou as sacolas com todo carinho e designou o Papai Noel, que sou eu, para num determinado dia fazer as entregas.

Cinco e meia da manhã, lá estava eu esperando no portão, de sacolinha em punho, o entregador de jornal que só apareceu às seis. O carteiro passa geralmente entre onze e treze horas, portanto meu almoço foi para as cucuias. O resto da tarde fiquei à disposição da campanha, mas desta vez não apareceu ninguém.

Mas, restava o final do dia, comecinho da noite. Logo passaria o caminhão do lixo. Ouvidos atentos, fiquei na espreita. Assim que apontassem na esquina eu deveria partir num pique daqueles para fazer a entrega das cinco sacolas, porque o motorista não para o caminhão para os atletas coletores.

Pique de 66 sabe como é, cheguei atrasado e os coletores ainda voltaram para ajudar o “Bom Velhinho”, pegaram as sacolas das minhas mãos e correndo atrás do caminhão atiraram tudo na ca-



## *Segredos da Noite de Natal*

çamba. E eu desesperado gritando: – Seus trouxas, era o presente de vocês!

Fiquei parado na esquina vendo o caminhão sumir avenida abaixo. E voltei cabisbaixo para minha casa.

Seu trouxa, seu trouxa, seu trouxa!



**PAULO VILLALVA** é o nome literário de Paulo Cesar Lorenzini Villalva, natural de Nhandeara/SP e radicado em Campinas/SP. Graduado em engenharia mecânica e civil, é também escritor, tendo como gêneros a crônica, a biografia e a história das cidades.

## ANA CELESTE PEREIRA FERREIRA

### Rosa Celestial



Amo a rosa  
Bela e cheirosa  
A brotar graciosa com  
Suas pétalas formosas  
Seja qual for a cor.  
Os espinhos  
Deixo secar ao tempo  
Senhor das horas  
Deus do esquecimento.  
O perdão é além...  
Quando vem  
Apazigua o coração.

A flor vale mais  
Que qualquer dor.  
Tempo de advento  
Espíritos desarmados  
Gritos silenciados  
Espaços iluminados.  
O Natal pede paz  
Viva o Menino Jesus!  
Deus presente  
No meio de nós.  
Vem para nos salvar  
Fonte da Divina Luz!



#### **ANA CELESTE PEREIRA FERREIRA**

Natural de Belém/PA.

Administradora pela UFPA, com MBA em Gestão de Projetos pela FGV. Consultora em Gestão de Micro e Pequenas Empresas/CFA&CRA-PA&UNIVALI, Membro da Câmara de Consultoria da ACP. Experiências como Auditora de Controle Externo do TCU e Docente da UFPA. Autora de poesias divulgadas nas redes sociais, e em eventos literários, com o tema flores e amores, poesia viva.



# *Feliz Natal!*





## O melhor Natal que eu tive

Ricardo era um pai viúvo que não gostava de ser chamado de pai solteiro; preferia pai viúvo. Ele morava com sua mãe, também viúva e seu filho de cinco aninhos, Thiago.

Thiago era um menino muito carinhoso, adorava seu pai e sua avó. Sua mãe falecera no dia de seu nascimento, portanto ele não tinha lembranças da mãe, a ausência era muito mais sentida por seu pai.

Ricardo trabalhava muito. Não eram ricos, a casa era alugada, sua mãe tinha uma pequena pensão que cobria apenas os remédios que ela tinha que comprar. Ricardo sentia o peso das despesas de casa e, por isso, além de seu trabalho regular de motorista de ônibus, fazia bicos aos finais de semana e feriados para complementar a renda, obrigando-o a ficar muito tempo fora de casa.

Thiago se agarrava ao pai toda vez que ele estava em casa e Ricardo, apesar de cansado, com muita paciência acompanhava seu menino nas brincadeiras.

O Natal estava chegando. Thiago ansiava por ganhar uma bicicleta; vinha falando e pedindo isso a seu pai e estava muito ansioso para a noite de Natal, mas Ricardo não tinha dinheiro. Esperava, como sempre, arrumar um bico de segurança na noite de Natal. Esperava, como sempre, uma loja que sempre o contratava nessa data e, com este extra, iria tentar comprar a bicicleta para seu filho.

Um dia antes da véspera de Natal, Ricardo foi informado pelo dono da loja que não iria precisar de seus serviços naquele ano, pois um sobrinho dele iria fazer as vezes de segurança. Ricardo ficou desanimado, não tinha dinheiro para comprar a bicicleta pela qual seu filho tanto ansiava.

Andando pelas lojas no centro, entrou em uma loja de brinquedos e comprou um kit de ferramentas de brinquedo para seu filho. Era o que dava para comprar e era bonito, todo azul e vermelho.

## *Segredos da Noite de Natal*

Na noite da véspera de Natal, dona Branca, mãe de Ricardo, preparou uma mesa simples, mas farta. Um bom frango enfeitado, farofa, uma maionese e, por fim, uma lasanha bem cheirosa.

O preferido de Thiago era o pavê de chocolate, pelo qual ansia va.

Os presentes estavam ao lado da pequena árvore de Natal, onde estavam dois presentes bem embrulhados. Thiago ficava olhando e algumas vezes pegava os presentes para tentar adivinhar o que ia ganhar. Sua avó chamava-lhe a atenção e falava que ele tinha que esperar até de noite, senão o Papai Noel iria ficar bravo com ele.

Thiago olhava desconfiado para a avó, mas obedecia; não queria deixar o Papai Noel bravo, principalmente no dia dele.

A ceia correu muito bem, conversaram, contaram piadas, brincaram e comemoram muito. Era o primeiro Natal em que Ricardo não trabalhava desde que Thiago tinha nascido, ou seja, era a primeira vez que ele estava na ceia de Natal com seu filho.

O grande momento chegou e Thiago recebeu a permissão para abrir os presentes, saiu correndo em direção à árvore e se sentou ao lado dos embrulhos.

O primeiro que pegou era um pacote arredondado, ele abriu rasgando o mais rápido que pôde: era um fusca azul de brinquedo que sua avó tinha comprado, ele ficou fascinado com o carrinho, e foi tirando o plástico de proteção bem rápido, colocou o fusca no chão e saiu correndo empurrando-o pela sala fazendo barulho de motor com a boca.

Sua avó e seu pai riam muito da corrida de Thiago.

Thiago voltou a se sentar próximo à árvore, pois ainda tinha um embrulho lá. Ricardo estava apreensivo, pois sabia que o menino queria uma bicicleta.

Igual ao outro embrulho, Thiago foi rasgando rápido o pacote para ver o que era, ao terminar ele olhou aquele kit de ferramentas coloridas, uma chave de fenda, um serrote, um martelo, um alicate, umas porcas e parafusos, um capacete e um óculos, ele abriu um sorriso de orelha a orelha, e começou a tirar as ferramentas do pacote, colocou o capacete e os óculos pegou o martelo e começou a brincar que estava consertando o fusca.

## *Segredos da Noite de Natal*

Se ele se lembrava ou não da bicicleta Ricardo não sabia, mas ainda assim tinha uma pontinha de culpa em seu coração, por não ter conseguido comprar o presente que seu filho tanto queria.

Já na hora de dormir, Ricardo carregou Thiago até sua cama, e o cobriu. Thiago o abraçou forte e o beijou e disse:

- Obrigado, Pai, este foi o melhor Natal que eu tive.
- Verdade Thiago? Por quê?
- O Papai Noel me deu o que eu queria

Ricardo não entendeu, pois achava que o menino queria a bicicleta e então perguntou.

- Você gostou do carrinho, filho?
- Não, Pai, deixa de ser bobo.
- Então foram as ferramentas?

- Não, Pai; eu pedi para o Papai Noel que você passasse o Natal comigo!

Ricardo abraçou seu filho ternamente e desse dia em diante nunca mais trabalhou no Natal.

Feliz Natal para todos!



### **FÁBIO SPINA**

Escritor jundiaense com três livros publicados e mais de vinte trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletâneas. É casado com Stela e pai de Raul, formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e atualmente também se encontra como presidente do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro.



## Ideia angelical

O anjo olhou para a Terra e viu as diferenças. Lojas repletas de pessoas bem vestidas, saindo com lindos pacotes de presentes. Em sua maioria, brinquedos. Mas viu, também, crianças tristes, mães lacrimosas à beira do fogão, cozinhando apenas uma espécie de angu ou mingau, tentando inventar uma cor para aquela coisa grudenta que seria a ceia de Natal. A única alegria era saber que ia ter sobremesa: a patroa havia dado um panettone e uma lata de goiabada, que ela já aumentara com água, fazendo um doce mais cremoso – rendia mais! Presentes? Este ano o lixo estava ruim – as pessoas não jogavam mais brinquedos –, nem ao menos uma bola velha! Ou fora ela que, chegando tarde, nada aproveitável encontrara para alegrar aqueles olhinhos tristes e esperançosos, à volta da velha mesa.

*“Sozinho não consigo resolver tantos problemas, de tanta gente!”* – pensou o anjo. Então, resolvido a fazer algo, pediu autorização ao anjo-mor da repartição, que gostou muito de sua ideia. Vários anjos aderiram ao pequeno sacrifício e ao trabalho extra, naquela véspera de Natal.

– O tempo urge, temos que correr, anjaiada! – dizia o anjo-mor aos voluntários.

Então, o anjo autor da ideia explicou direitinho o que tinham que fazer. Muitos “ais” e “uis” foram ouvidos. Algumas lágrimas derramadas. Mais “uis” e “ais”. As vestes, antes branquinhas, agora manchadas.

Terminada a primeira etapa, o anjo corneteiro deu o sinal aos querubins que, prontamente, se apresentaram para a importante tarefa. E partiram em direção à região mais fria daqueles confins celestes.

O velho, sentado à cadeira de balanço, abriu um sorriso quando viu aquele monte de cartas, com carimbos do correio angelical!

## *Segredos da Noite de Natal*

– Até que enfim alguém me escreve! Será que voltaram a acreditar em mim? Duendes, corram para o estoque e comecem a separar os presentes! Para cada pedido, um presente correspondente. Estamos de volta à ativa! – disse o velhinho, abrindo as cartas.

Um corre-corre danado! O velhinho sorrindo, os olhos cheios d'água.

– Como recusar o pedido de anjos que, num ato de sacrifício e dor, deram uma pena de cada asa e, com sangue e lágrimas, escreveram cartas em nome das crianças desamparadas da terra? – disse baixinho para si mesmo.

Nisso, entrou um duende apavorado:

– Solicito instruções, mestre! Nesta carta, a criança de 4 anos, pede apenas alimentos para que a mãe pare de chorar por não ter o que dar aos filhos! E nós não fabricamos nada disso! – disse o duende, apavorado.

O velhinho coçou a longa barba, então respondeu:

– Hoje iremos nos fartar é de alegria: ela alimentará nossos corpos e nossas almas! Pegue o que o menino pediu, na nossa cozinha; torne tudo novo e limpo e embrulhe para presente! Não se esqueça de colocar uns brinquedinhos: ao menos uma bola!

Nesse Natal, aquela mãe que chorava à beira do fogão, sorriu de felicidade ao ver os filhos alimentados e alegres jogando bola.

A estrela brilhou, mais uma vez, mostrando o sorriso da Terra.



## Até uma criança entende

- Mãe, me leva no shop?
- O dinheiro mal dá pra comer e você quer ir ao shopping? Tá maluca, menina?
- O Papai Noé tem dinelo!
- O Papai Noel, seu pai, sua mãe, todo mundo tá sem dinheiro! E o Lula, que foi pobre também, proibiu presentes este ano! Natal é pra ir à Igreja rezar pro Menino Jesus que vai nascer, bem pobrezinho, lá longe! Pronto. Entendeu agora?
- Num tendi nadica de nada! O Papai Noé tem dinelo puqui tabáia no shop, sua boba! Num vô pidi a boneca pá ele puqui ele tem di dá lopinha pu nenê Jesus! Eu tloco a boneca pela olação, tá? Ele é velinho: num paga ôminus, né? Faiz um bolinho pá ele levá na viagem?

## Quem bate?

Quase meia-noite. A família em coro:

- Oba, viva o Natal!

A campainha toca.

- É hora da ceia. Quem será a essa hora? - diz o pai.

- Alguma visita surpresa! - exclama a mãe.

- Mãe, acho que é Papá Noé! - diz a filhinha, de 3 anos.

- Tocando a campainha? - retruca o filho de 10 anos.

- Seu bobo, aqui não tem chaminé! - exclama a avó.

- É, mãe, abre logo a porta! - diz o filho, ansioso.

- Selá que trouxe muito pesenti? - pergunta a filhinha.

- Oba, minha magrela! Será ela? - pergunta o filho, olhos arregalados em direção à porta.

A mãezona, dona da casa, levanta-se. O marido a acompanha. Gritos das crianças, disputando quem receberá primeiro os presentes. Silêncio. Os sinos da Igreja da pracinha badalam meia-noite em ponto.



– Bem à hora da missa do galo! – exclama a avó.  
O casal volta com lágrimas nos olhos e uma surpresa nos braços.

– Menino Jesus chegou bem na hora! – reza o avô.



### **THATY MARCONDES**

Thais da Cunha Marcondes é natural de Jundiáí/SP, radicou-se em Ponta Grossa/PR de 2001 a 2013, onde atuou como Conselheira e Delegada Municipal de Cultura (Literatura). Em 2012 lançou o livro **Azul da Prússia** (Estúdio Texto – Contos). Em 2019 lança o livro **Femina** (Editora In House) em conjunto com mais 4 escritoras. Em 2020, em decorrência da pandemia, participa de *lives* da editora supracitada bem como de algumas de fora da cidade e do estado de São Paulo. Responsável pela Editoria da seção de Prosa da **Revista JLetras** (Editora In House).

- Integrante do grupo Anjos de Prata.
- Membro da AVBL (Academia Virtual Brasileira de Letras).
- Associada à Rede Brasileira de Escritoras.
- Membro correspondente da ALG (Acad. de Letras e Artes de Goiás).
- Membro correspondente da NALAL (Núcleo Acadêmico de Letras de Lisboa).
- Cadeira 24 da AJL (Academia Jundiáense de Letras).
- Cadeira 32 na AFLAJ (Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiáí).

## Um Natal de revelações

Há mais de quarenta anos tenho visto as transformações que ocorrem por ocasião dos festejos natalinos aqui no Brasil. Neste período, minha filha cresceu e acompanhou as mudanças de hábitos, as variações de perspectivas de presentes e eu também segui o fluxo, vendo minha filha criança se transformar em mãe e hoje, feliz, tentar explicar a magia do Natal para meu neto.

Aos três ou quatro anos de idade, a pediatra dela recomendou que o hábito da chupeta fosse abandonado, pois poderia causar danos à fala e à formação do palato na criança. Oh, dilema! A chupeta era um santo calmante nas horas cruciais de nervosismo ou irritação da filha. Como fazer para que ela deixasse o hábito?

Tivemos então a ideia de levá-la ao shopping, onde o Papai Noel ficava todas as noites, ouvindo das crianças o que elas queriam ganhar de presente. Combinei com o bom velhinho que, quando minha filha se sentasse em seu colo e fizesse o pedido, ele a atenderia, desde que ela lhe entregasse a chupeta. Era um acordo plausível, pelo menos para mim, o insensível!

Tudo funcionou a contento. Minha filha entregou a chupeta, na esperança que Papai Noel levasse a tão desejada boneca para ela na noite de Natal. Minha esposa até hoje se emociona quando se lembra da cena terrível, a criança entregando a chupeta, que lhe servia de conforto até então.

Passado muito tempo, hoje fomos ao shopping e vimos a paraférrnia que envolve o Papai Noel – ele tem um trono enorme, elfos que o ajudam na organização das filas, distribuição de guloseimas para as crianças, fotógrafos a postos e tudo mais. Entretanto, o que me chamou a atenção foi uma caixa colocada ao lado do trono do bom velhinho, com a inscrição: CHUPETAS!

E mais surpresas – o Papai Noel e duas de suas ajudantes eram ex-alunos meus! Conversei com eles, expressando minha curiosi-

dade sobre a caixa de chupetas. Eles me disseram que, em média, cerca de quinze chupetas são deixadas na caixa a cada noite. Sonhos de crianças jamais sofrerão mudanças, passe o tempo que for.

Além disso, hoje o candidato a Papai Noel e seus ajudantes passam por treinamento, têm acompanhamento psicológico e o bom velhinho garante seu emprego temporário se deixar crescer a longa barba e tingi-la de branco. Sim. Fui informado que as crianças em sua maioria têm vontade de puxar a barba do Noel. Assim, se ela for postiça, o personagem natalino é desmascarado facilmente.

Recebo, com lágrimas, a notícia que neste Natal, meu neto será informado de toda a trama natalina e a dura realidade: Papai Noel não existe! Tempo cruel e inexorável! Por que crianças têm seus sonhos desfeitos? Responda quem souber.



**PÉRSIO LUÍS MARCONI** é advogado, professor, escritor, revisor, membro da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Autor do **Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglesas** (terceira edição), pela Vitrine Literária Editora. Membro da União Brasileira de Escritores – UBE. Professor universitário de direito civil e língua inglesa. Autor de material didático para cursos preparatórios para concursos públicos.



## Segredos nada ocultos de Natal

Natal não é só em dezembro.  
Começa a se impor já em outubro,  
Em qualquer ponto comercial.  
Primeiro surgem alguns panetones.  
Discretos, ao início,  
Agigantam-se, aos poucos,  
Fazendo companhia aos enfeites,  
Chocolates, perus, presentes.  
Sim, em centros de compras...  
Lá fora, excluída, está a massa  
Desempregada, subempregada,  
Faminta, desesperançada.  
Mas é Natal, dá-se um jeito.  
Doam-se básicas cestas,  
Outras nem tão básicas.  
Doam-se roupas, brinquedos  
Novos, usados, embalados, desprezados,  
Mas aliviam-se consciências.  
Papai Noel, cansado, sorri  
E arrasta a incômoda fantasia  
Pois não combina com a vida real.  
Nem todos terão a dita ceia,  
Sequer um pão para amainar a fome.  
Neste Natal não desejo esse Natal.  
Partilharei o que puder  
E não só porque é Natal.  
Partilharei a fome,  
Porque angustia comer sabendo que há famintos.  
Não beberei vinhos



Pois há os que nem água terão.  
Quero a frugalidade apenas  
Sem comemoração à hora tradicional.  
Quero o silêncio pelos que sofrem,  
Pelos que vagam sem direção,  
Pelos que não tem privilégios,  
Sequer um teto a abrigar o corpo,  
Pelos que não encontram amparo,  
Pelos que carecem de gestos de humanidade,  
Pelos que estão à morte nos hospitais,  
Nas ruas, nas barracas debaixo dos viadutos.  
Quero silêncio pela família,  
A que acumula a dor e a ausência dos que partiram.  
Quero o silêncio da solidão  
Para encontrar o verdadeiro sentido  
Nada oculto do Natal:  
O despertar para o outro,  
Para a igualdade de todos,  
Para o respeito humano  
Qualquer seja a diferença.  
Quero só ultrapassar esse dia, viva,

## *Segredos da Noite de Natal*

E lutar, como possível for,  
Sonhando não mais ver dois mundos:  
Os dos que comemoram  
E o dos que se amarguram.  
O Deus de todos não está feliz  
E não há nada de incompreensível nisto.  
Sejamos luz e luta pelos carentes de tudo,  
Os novos tempos exigem coragem,  
Há muito a se reconstruir,  
Há muito o que mudar  
A começar pelo nosso próprio olhar.  
Viver de verdade a noite de Natal  
Em que o enfeite mais bonito seja o partilhar  
Da dor e do sofrimento do outro,  
Tornando mais leve a cruz  
Depositada eternamente só em alguns ombros.



### **SUSANA FERRETTI**

Natural de Jundiaí (SP), graduada em Direito, Procuradora do Município de Jundiaí (aposentada); Especialista em Criatividade e Produção de Textos (UniAnchieta), em Didática do Ensino Superior (UniAnchieta) e em Direito do Estado (Universidade Gama Filho). Em 2021, foi laureada com Menção no 'XXXVI Premio Mondiale di Poesia Nosside', de Regio Calábria, Itália. É autora de **À Luz da Lua** (2007) e **Horizontes** (2021) e, em coautoria com Márcio Martelli, de **Silêncio, Sons, Emoções, Palavras** (2008), publicados pela Editora In House. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí – AFLAJ, da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas – AJLJ (atual Vice-Presidente) e da Academia Jundiaiense de Letras – AJL (atual Presidente).



## Só peru morre na véspera

Só eu me lembro do meu aniversário.  
E alguns amigos que compartilham  
diálogos comigo no Facebook.  
Na agenda de lá não falha, mas  
eu fico feliz que seja assim.  
É menos pessoal, mais informal  
e sem nenhuma obrigação.  
Cumprimenta quem quer, alguns  
só fazem um sinal de positivo.  
Positivo de tudo isso, só o meu  
sorriso, que conservo desde os  
tempos de menino.  
O anos passam e a alegria da  
infância permanece intacta.  
Assim caminha a humanidade.  
A Noite Feliz é só mais uma  
entre tantas outras datas.



## Segredo da noite de Natal

Os sinos de Belém não tocaram blém blém blém.  
Quando Jesus nasceu  
Belém estremeceu.  
Ecoou no universo inteiro  
em unísono  
Os planetas se alinharam, a  
estrela de Belém brilhou mais que o sino.  
Não existiam ainda móveis  
barulhentos, mas os bons  
cabritos berraram.  
Os campesinos aplaudiram.  
Os magos do Oriente entenderam a boa nova.  
José improvisou um trono de feno, para o rei que Maria  
trazia na barriga.  
Nasceu então o menino, divisor de águas entre os  
testamentos antigo e novo.  
Da maior história de todos os tempos.  
O Evangelho da história da vida.



### **LUIZ ALBERTO CARLOS**

Brasileiro, nasceu e mora em Jundiaí/SP, escritor e poeta. Escreve desde os tempos do ginásio. Participa de concursos, antologias, movimentos literários. Publicou o livro **Senhas e Sonhos** (2015, In House) e, em coautoria, **C'cretolirismo** (Scortec-ci). Colabora em jornais locais. É verbete da **Enciclopédia da Literatura Brasileira**, além de receber inúmeras medalhas e menções honrosas de diversas instituições culturais e literárias do Brasil. Participou das antologias: **Essas Incríveis Mulheres** onde homenageou Gal Costa e **100 poemas procuram o seu destino**, bem como na **Revista JLetras**.

## Noesis

*“E há tempos  
Nem os santos têm ao certo  
A medida da maldade  
E há tempos são os jovens  
Que adoecem  
E há tempos  
O encanto está ausente  
E há ferrugem nos sorrisos  
Só o acaso estende os braços  
A quem procura  
Abrigo e proteção”*

***Há tempos***

*Eduardo Dutra Villa-Lobos,  
Marcelo Augusto Bonfá e  
Renato Manfredini Júnior*

Mais uma vez a humanidade segue, milhões de anos a construir paradigmas e paradoxos, certezas e dúvidas, permanências e rupturas. A nostalgia traz o passado como guia, como uma corrente, um flagelo apaixonante como uma síndrome de Estocolmo ao que não existe mais, independente se esse passado foi ou não tão bom assim. As armadilhas da memória...

Mas ele se encontra em qual lugar? Há lugar para o passado?  
Tempo e espaço compartilham o mesmo *Aether*?

Talvez não sejam os questionamentos mais apropriados, pois a cada zeptosegundo tudo se transforma em passado, o aqui e agora já não existem mais. Heráclito de Éfeso nos disse que nenhum ser consegue banhar-se duas vezes no mesmo rio, já que ambos não são mais os mesmos. Assim como o barco de Teseu.



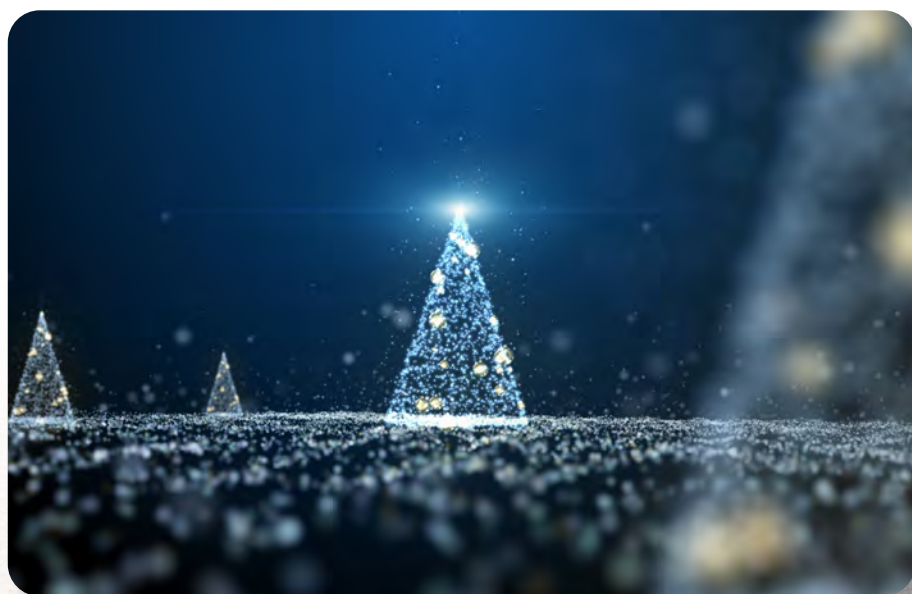
## *Segredos da Noite de Natal*

Você vive no passado e na nostalgia de dias melhores findados, vive no passado como se estivesse numa caverna obscura e triste a ser explorada, enfrentada, vencida e subjugada ou percebe o passado como a essência fundamental da construção e compreensão do presente e para a formulação do futuro?

Se o presente é o passado em construção e o futuro será o passado, o passado é o futuro. A todos nós, sem exceção, assim como a morte, o passado nos consumirá. Um desalento parece ser presente nessa afirmação e um toque de pessimismo também, porém a constatação não é hipotética e pode não ser verdade por muito tempo.

Para os budistas, as três marcas da existência ou dos fenômenos são *anicca*, *dukkha* e *anatta*. A primeira correspondendo à impermanência traz o conceito de que sejam bons ou maus momentos, objetos de valor ou corriqueiros, o eu ou o outro... eles passarão, você poderá ou não se lembrar deles, mas passarão. E nós também.

Tudo será passado! Tudo terá passado! Enquanto houver causas e condições criadoras dos fenômenos eles existirão e deixarão de existir. E, apegar-se ao computador novo, à nova viagem, ao novo relacionamento, ao momento atual e até ao porvir é agarrar-se ao passado.



De uma maneira ou de outra o fenômeno não mais existe, esta leitura, essas experiências são ilusórias, impermanentes e carentes de realidade objetiva, ou seja, são frutos da percepção do agente.

A indiferença, caso surja, servirá como resistência pelo medo da perda, mantendo a ideia de apego e entendimento do fenômeno como realidade objetiva, esquecendo-se da sua composição. A realidade superior, objetiva, absoluta ou a existência em si é o *noumenon* – invariavelmente aos resultados da percepção.

O *noumenon* acaba por ser passado. Ou não?

Sendo o tempo também ilusão, caso não o fosse a distorção do espaço-tempo pela força da gravidade o afetaria? Seria a vontade, uma força gravitacional e o espaço-tempo, o fenômeno?

Nesse caso, o *noumenon* seria...



**JOSÉ FELICIO RIBEIRO DE CEZARE** é poeta, escritor e professor. Mestrando em Ensino e História de Ciências da Terra pelo Instituto de Geociências na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Formado em História pela Universidade do Grande ABC – UNIABC. Coedita com Márcio Martelli a famosa revista literária **JLetras**, e mantém a parceria com o amigo, assim como nas antologias, na série de vídeos literários Diálogos Poéticos no canal da Editora In House no YouTube. É membro efetivo da Academia Jundiaiense de Letras – AJL. Integra o coletivo de arte de rua Movimento Subsistência, Coletivo de Escritores da APEOESP e o *podcast* Humanoides. Desenvolve projetos na área de educação, filosofia, história, literatura e cultura, além de trabalhos voltados para a memória e patrimônio histórico. Por último e não menos importante: corinthiano, comunista e antirracista.

## Acredite, pois é Natal...

A árvore enfeitada  
O sorriso da criança  
Os mimos da mãe  
O brinquedo empacotado  
O olhar do pai  
O sorriso de esperança...  
Na ceia servida  
Saudades dos que partiram  
Boas-vindas aos que chegam  
Mãos dadas com a vida..  
Estrelas cintilando  
A rua enfeitada  
Céu pintado a giz  
No tão esperado dia  
Respire o seu Natal  
Creia na bondade  
Acredite na magia...





## À minha mãe...

Hoje cedo, liguei para a minha mãe, como eu faço quase sempre. Lá estava ela, no jardim. Feliz e animada do alto dos seus oitenta e quatro anos; disse-me que havia levantado cedo, tomado café e ido limpar os canteiros, replantar algumas mudas de flores e regar as suas plantas. Fiquei muito feliz ao sentir em sua voz a disposição e a vitalidade. Após passar uma vida de lutas e dificuldades, auxiliando meu pai a nos criar, educar e dar o melhor que ela pôde, nada mais justo poder se dedicar às linhas, às lãs, ao jardim e às flores.

Hoje, é nos bordados, no tricô e no crochê que ela passa as tardes ensolaradas, sentada ao lado de um jardim de inverno. É a recompensa de uma mulher guerreira que sempre lutou bravamente por seus filhos e sua família.

Eu recorro dos tempos em que, para nos dar um estudo digno, ela se dispôs a lavar trouxas de roupa das estudantes internas no mesmo colégio onde ela queria que nós, seus filhos, estudássemos. E, assim foi. Com seus “lavados” de roupa, custeou o ensino primário de seus afortunados (no mais amplo sentido da palavra) filhos. Mais tarde, quando já não existia internato de meninas e as roupas para lavar sumiram, ela se dedicou à feitura de comida e assados para fora. Eram pães, cucas, galinhas e patos assados diariamente, para que com o dinheiro arrecadado, continuássemos nos preparando para um futuro melhor.

Eu, ainda hoje, recorro com emoção e orgulho, de um Natal muito especial. Aquele foi, sem dúvidas, o mais bonito Natal da minha vida. Eu, como filho mais velho e único sabedor, até então, que o nosso verdadeiro Papai Noel estava ali, em frente ao forno em sua lida diária, fui testemunha de algo grandioso.

Eram dezoito horas da véspera de Natal, quando ela entregou o último pato assado a seu dono. Em poucos minutos, ela se arrumou e me pegou pela mão. Saímos a passos largos em direção ao centro da pequena cidade, onde ela sabia que uma loja de brinquedos ain-

## *Segredos da Noite de Natal*

da estava com suas portas abertas. E, em pleno início da noite em que todas as crianças já estavam esperando pelo seu presente de Natal, ela fez o milagre.

Com a minha pequena e orgulhosa ajuda, escolheu o que cada um de nós, seus filhos, gostaria de ganhar do Papai Noel. Horas mais tarde, ela viu com orgulho, os quatro mais belos sorrisos do seu mundo.

São fatos como esse, que a tornam a melhor mãe deste mundo! Hoje, felizes daquelas flores do seu jardim, que podem sentir o carinho daquelas mãos trabalhadoras e bondosas. Tenho certeza que aquele é o jardim mais bonito da vizinhança! Existe carinho e amor, além de terra, naqueles canteiros.



### **JEFFERSON LUIZ MOREIRA DIECKMANN**

Escritor, poeta, técnico em eletrônica e graduado em Direito. Possui cinco livros próprios e tem participação em mais de uma centena de antologias poéticas. É membro de várias Academias e entidades literárias. Foi coordenador pelo Brasil de dois Encontros de Escritores do MERCOSUL. Tem seus livros catalogados na Casa Fernando Pessoa e na Fundação José Saramago, ambas em Lisboa – Portugal. Foi patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul/RS em novembro de 2019.

## Segredos de Natal

Psiu! É segredo!  
Não conte para ninguém  
Nem para o mundo inteiro

Há segredos no Natal?  
É secreto o pedido?  
Papai Noel existe?  
Minhas súplicas irão pro Céu?

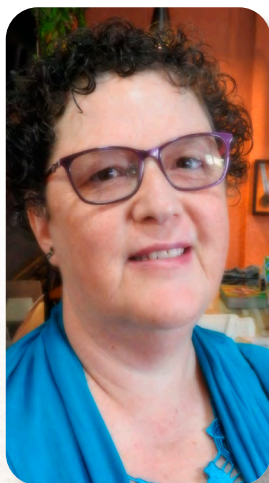
O Homem se indaga  
A Vida se propaga  
O Homem se ilude  
A Vida se inunda de inquietude

O Homem se completa  
quando de mistério seu âmago  
encontra a transposição da luz  
e submerge de divindade

Talvez o Segredo de Natal  
esteja além da matéria  
sinta-se além do coração  
veja-se além da visão

Talvez o Segredo de Natal  
não seja único  
não seja fato  
não seja fim





**HERMINIA BALBUENA**

Professora por profissão, missão, amor e compaixão desde os 20 anos. Nasceu na cidade de Jundiaí, São Paulo, ao primeiro dia do mês de agosto de 1969. Participou de concursos, exposições e de antologias; recebendo prêmios, homenagens e menção honrosa. Lançou em 2022 seu primeiro livro autoral: **Vidas & Almas**. Está presente em várias antologias da Editora In House.

## Natal

*O que a memória ama, fica eterno.*

Adélia Prado

As lembranças de Natal, são muito intensas, tanto pra chegada do Menino Jesus, quanto do Papai Noel.

As meias coloridas recheadas de pedidos, ficavam penduradas na janela da sala; depois o lindo e singelo presépio e a simples árvore de Natal com seus galhos iluminados já mostravam estar em pleno mês de dezembro, iniciando assim a decoração simples mas rica de afetos do Espírito Natalino.

E voltando a algumas décadas quando eu cantava no Coral Madrigal, do amado maestro Eduardo Tadeu, hoje uma estrelinha no céu: na mesma época eu também era catequista das crianças da Casa da Infância do Menino Jesus na FAI. Veio-me uma forte lembrança, revivendo momentos únicos e felizes: a ideia de fazer um passeio surpresa de Natal, para as crianças, em cima do magnífico carro de bombeiros, convidando o Coral Madrigal para alegrar e cantarolar músicas natalinas que esbanjou felicidade e alegria a todos.

Foi uma surpresa geral pois somente algumas pessoas sabiam.

Nosso querido Papai Noel foi o amigo amado Sérgio Sartori.

Não se continha a alegria dentro do nosso coração, pois todos nós estávamos participando e cantando de cima do esplendoroso carro de bombeiros pelas ruas do bairro do Ipiranga, em São Paulo e contagiando a todos com desejos de um Feliz Natal. Todas as pessoas nas ruas acenavam desejando a recíproca de um Feliz Natal.

Uma adorável e inesquecível vivência única.

Um verdadeiro presente de Natal.

Acredito nessa troca de amor e partilha.



Lembranças que ficam e se tornam iluminadas na nossa memória, tornando-se mágicas para sustentar o **amor infinito**, dentro de nós.

Neste ano sofremos uma perda na família: meu irmão amado João Francisco de Moraes, hoje uma estrelinha brilhante no céu, ficando para sempre na nossa memória, com o seu jeito alegre, megapai e superavô. A gente nunca se esquece daqueles que amamos.

Hoje talvez sussurrássemos nos ouvidos mágicos do Papai Noel... E talvez ele já saiba o que queremos e precisamos de verdade.

Os pedidos vão nos remeter a nós e aos outros.

Acreditar no bem e em se sentir firme e forte para tarefas singulares, com altos e baixos; conquistando dia a dia um estar bem consigo e, se possível, estar com nossos afetos afinados com o nosso ser interior.

Uma crença de todo o coração na Esperança e Fé em si mesmo e em Deus.

O que dizer para o querido Papai Noel?

*"...Fique atento aos sons sinceros do nosso coração..."*

**FELIZ NATAL!**



**LAURINDA AUGUSTA DE MORAES**

Natural de São Paulo. É Arte-Educadora. Brincadora de Histórias e Contadora de Origami. Participou de várias antologias da Editora In House.



## O menino de calças curtas

Mais um Natal chegando. Mas afinal, o que é o Natal, além de marcar o nascimento do Menino Jesus? Pesquisa fácil de fazer e resposta sempre na ponta da língua, pois esse é um tema que todos conhecem muito bem, desde a tenra idade até a velhice. Assim pipocam os conhecimentos sobre o Natal. Uns dirão que é a data em que aparece o Papai Noel, com seu saco de presentes para as crianças; outros dirão que é um momento de alegria, confraternização, cumprimentos e abraços entre as pessoas, e ainda muitos descreverão como o período de conversão, de fé e oração, de montar a árvore de Natal, de preparar a ceia da véspera e participar da Missa do Galo, que acontece à meia-noite, mas que hoje em dia já ocorre mais cedo, na maioria das igrejas do Brasil.



## *Segredos da Noite de Natal*

No entanto, para mim, resumidamente o Natal parece ser uma época que transforma temporariamente o coração das pessoas, pois algumas mudam sua forma de vida e melhoram seu relacionamento social, conduta considerada até como uma hipocrisia, uma vez que o Natal deveria ser comemorado todos os dias, por meio da demonstração de amizade sincera, sorriso estampado no rosto ao encontrar as pessoas, gestos de amor, generosidade e caridade, pois foi para isso que o Menino Jesus nasceu entre nós.

Isso tudo é muito bonito, mas quero relatar uma pequena história sobre os segredos da noite de Natal, ou seja, aquilo que ninguém fala ou conta, até porque deixaria de ser segredo.

Era uma vez um menino de calças curtas que tinha outros irmãos. Seus pais, embora trabalhassem bastante todos os dias, não conseguiam economias suficientes para comprar presentes para os filhos, nem mesmo nas noites de Natal.

Assim, o querido Papai Papel, que delegou esse papel para milhares de seus ajudantes, espalhados em todo o mundo e a todos nomeou igualmente de “Papai Noel”, parece que não encontrou o endereço da família desse menino de calças curtas que, então, todos os anos ficava esperando a chegada do bom velhinho com o seu saco de presentes, e, nada. Enquanto o esperava, conversava com ele e fazia o seu pedido dizendo-lhe que queria ganhar uma bola de futebol. Assim passavam-se os anos, até que num dia de Natal, seu pai chegou da cidade dizendo que trazia um presente para cada filho, e a sua alegria foi imensa, pensando que ganharia a sua tão esperada bola de futebol. Mas, o presente dos filhos era um pacote de doces para ser repartido entre todos, e isso já foi motivo de muita felicidade na família. Esse fato se repetiu outras vezes, com a mesma alegria.

Finalmente, numa certa noite de Natal, o bom velhinho, anunciando Feliz Natal, HO-HO-HO, chegou naquela casa e deixou o tão esperado presente para o menino de calças curtas, que ao encontrá-lo de manhã, não se conteve de alegria e por isso, pegava a bola a todo instante e a batia contra o solo, fazendo esse movimento repetidas vezes, saltitando efusivamente emocionado. Foram momentos

que pareciam intermináveis, de imensa e inesquecível felicidade, que, no entanto, duraram apenas e tão somente alguns segundos, até que o menino de calças curtas acordasse e, ao sentir novamente a realidade, percebeu que só lhe restava um imenso sofrimento que seria mantido em seu coração como um triste segredo da noite de Natal.



**BENEDITO DOMINGOS OSTANELLI**

Administrador de Empresas, advogado, professor, escritor, executivo empresarial.

Em 22 de novembro de 2016 recebeu o título de Cidadão Honorário de Valinhos.

Em 26 de novembro de 2019 recebeu o título de Peregrino de Jerusalém.

Em 27 de agosto de 2022 recebeu o Diploma de Selecionado para o 1º Concurso Literário Internacional: Dois Países: Uma só Alma.

Publicou os seguintes livros:

- **Uma viagem quase in√esquecível** – Narrativa de uma viagem ao Leste Europeu com seleção

de fotos (Editora Scortecchi, SP, 2014 – esgotado).

- **Terra Santa e seus peregrinos** - Narrativas de uma viagem à Terra Santa – Egito / Jordânia e Israel (Editora In House, SP, 2021 – esgotado).

- Participou da **Antologia – Brasil & Itália – Dois países: uma só alma** (Editora In House, SP, 2022).



*Feliz Natal!*



## Quando conheci a lenda do Papai Noel

Conheci a lenda do Papai Noel já com seis anos de idade.

Meus pais só comemoravam o nascimento de Jesus. Nunca trocávamos presentes ou coisas assim, talvez pelo fato de vivermos no campo, na fazenda Ventania.

Já residindo em Agudos, no interior de São Paulo, fomos com toda a família à Missa do Galo, à meia-noite do dia 24 de dezembro de 1950.

Estava já em prece, quando ouvi um buchicho sobre troca de presentes e um tal de Papai Noel, no banco da frente de onde eu estava sentada.

Lógico que estava muito curiosa e então perguntei para a menina que estava sentada em frente, sobre o que eles estavam conversando. Nunca me esqueci do que ela me falou:



## *Segredos da Noite de Natal*

– Papai Noel é um velhinho de barba branca e roupa vermelha, que visita as casas na noite de Natal. Ele realiza os nossos desejos, só se a gente for boa durante o ano. Pode até ser que agora ele esteja na nossa casa trazendo os presentes que a gente pediu. Ele vem do Polo Norte onde é muito frio e usa um gorro vermelho, assim como o seu. Por que você usa esse gorro vermelho? – perguntou a menina.

Contei que tinha me acidentado há pouco tempo e que minha cabeça precisava ficar protegida por esse gorro vermelho. O que era grande motivo de *bullying* comigo.

Aquele Natal estava muito difícil para a minha família. Além do meu acidente, ainda tínhamos os traumas de termos perdido irmãos em algumas tragédias familiares, naqueles terríveis anos do pós-guerra. Minha mãe estava inconsolável.

Contei para minha família tudo sobre o Papai Noel, e que cada um de nós fizesse um pedido naquela noite de Natal, mas que guardássemos segredo. E assim foi feito.

Como sempre fui muito sonhadora, desejei ao bom velhinho naquela noite de Natal, que todas as crianças nunca ficassem sem seus pais... e que os pais nunca perdessem seus filhos. Esse foi meu desejo secreto no Natal de 1950.



**CACILDA FRANCO RIBEIRO** vive em Vinhedo/SP. Trabalhou em Museus e Galerias de Arte. É acadêmica da ACILBRAS, ALUBRA e da AMLAC – Academia Metropolitana de Artes e Ciências de Vinhedo, da qual foi diretora de patrimônio. Como escritora, tem participado de várias antologias e publicado livros autorais adulto e infantil.



## O melhor pedaço para o melhor amigo



Era meu primeiro dia de trabalho naquela empresa localizada no segundo andar de um prédio de escritórios de uma importante avenida da capital paulista. Aproximava-se do fim do expediente quando levantei-me para relaxar e fui até o janelão envidraçado projetado para a frente do prédio, para dali apreciar o movimento da rua. Chamou-me atenção a pracinha fronteira ao prédio com arborização e passeios entre os jardins formados pelas árvores e vegetação mais rasteira. No centro, um chafariz que não mais funcionava e bancos, diversos bancos de madeira envelhecida pelo tempo como a convidar os transeuntes a fazerem uma pausa na agitação do dia a dia.

Gente pra cá, gente pra lá, vendedores anunciando os mais diversos produtos, estudantes uniformizados voltando para casa ou quem sabe

indo para o turno da noite. Num dos lados opostos à praça, um botequim lotado já àquela hora, música alta, pessoas gargalhando, enfim, o burburinho próprio do entardecer especialmente no fim de semana.

De repente, um tipo muito peculiar despertou minha atenção. Um homem de coluna cervical encurvada, talvez em razão de sua altura acima da média e sua extrema magreza. Cabelos desgrelhados, longa barba esbranquiçada. Ele trajava um moletom preto que acentuava sua estranheza. Sobre a cabeça um surrado boné.

Ao lado dele, um cachorro tipo vira-lata que parecia marchar no mesmo compasso daquele homem. Talvez um ser humano jamais o acompanhasse com a precisão daquele singelo animal. Os dois atravessaram a rua e foram em direção à pracinha. Os últimos raios de sol anunciavam o fim do dia, quando o pobre homem e seu companheiro dirigiram-se a um dos bancos do centro da praça. O cachorro imediatamente enfiou-se embaixo do banco e dali não mais saiu. Aquela triste figura humana sentou-se, benzeu-se, ficou alguns minutos contrito, certamente rezando, pensei eu. Depois, deitou-se de lado com o rosto voltado para o encosto do banco e as costas para o passeio público.

Voltei à minha mesa. Percebi que a maioria dos colegas já havia ido embora. Desci com os últimos a saírem do escritório. Atravessei a avenida para pegar o metrô na terceira rua paralela. Na pracinha foi inevitável passar junto ao banco em que o homem se deitou. Ele dormia a sono solto e o cachorro também.

Ao final do primeiro mês de trabalho, diversas foram as vezes que cruzei com aquela figura humana de semblante taciturno, permanentemente calado. Sempre que passava por ele nas minhas andanças pelas imediações, grande era a minha vontade de arrancar palavras dele, mas respeitava seu silêncio.

A essa altura eu já conhecia quase todos os colegas de escritório e desenvolvi fraterna amizade com três deles, até por termos histórias de vida semelhantes. Egressos de famílias pobres de cidades pequenas de diferentes regiões do Brasil, migramos para a metrópole em busca de trabalho para melhorar a vida de nossos familiares. Muitas foram as noitadas que fizemos juntos. Em pouco tempo eu já conhecia quase toda aquela região da capital paulista, inclusive os lupanares dos arredores. Éramos jovens, coisa muito natural.



Aproximava-se o Natal. Junto com o mineiro Pedro, o gaúcho Aurélio e o paraibano Severino saímos do escritório e resolvemos tomar umas geladas no boteco fronteiro à praça. Lá pelas tantas, avistamos o singular homem de rua e seu companheiro de sempre caminhando lado a lado naquele compasso que mais parecia um passo de dança. Foi inevitável os acompanharmos com o olhar até o local em que eles pararam, que curiosamente não foi no banco “deles”. Ele sentou-se num banco que ficava mais próximo ao passeio de contorno da praça, quase em frente ao local em que estávamos. E o cachorro impávido ao seu lado.

Nossa conversa passou a girar em torno do pobre ser humano e seu acompanhante canino. Severino, o mais antigo de nós, disse que desde que começou a trabalhar naquela empresa o homem já perambulava por ali e já havia adotado como seu dormitório aquele banco do centro da praça. Disse o paraibano que observava a solidão daquele vivente e ficava penalizado. Sua vontade era de aproximar-se dele e puxar conversa, porém evitava porque temia sua reação.

Chamou-nos atenção a intensidade com que ele olhava para as bancas de comida instaladas sob as marquises, quando o comércio fechava. Puxa, amanhã é a véspera do Natal, será que esse homem vai ter o mínimo de atenção e de comida, na noite do Natal, eu perguntei. Decidimos então nos aproximar dele e pelo menos tentar puxar uma conversa. Se a reação fosse de negação, paciência. Teríamos feito a nossa parte.

Atravessamos a rua e fomos nos encaminhando com cautela. Ao nos aproximarmos, imediatamente o cachorro rosnou na nossa direção. Calma, somos de paz, disse Severino com seu sotaque peculiar e com um largo sorriso. Só queremos ter um dedo de prosa com você, disse dirigindo-se ao pobre homem. E para quebrar o silêncio, perguntou :

– Como é o nome do seu cachorro? O homem nos encarou demoradamente e depois respondeu:

– Amigo. E com um discreto sorriso se “desarmou”.

Com ar de surpresa ele nos disse que nunca qualquer pessoa lhe havia dado o mínimo de atenção, desde que há dez anos adotara aquela praça como sua moradia. Elas passam por mim, mas parece não me enxergarem; acho que eu sou invisível. E passou a falar sobre a vida dele. Uma história de sofrimento desde a infância, na periferia de uma cidade do interior paulista que ele não declinou o nome. O pai, alcoóla-



tra, largou a mãe com cinco filhos quando o nosso confidente tinha treze anos. E nunca mais se teve notícia do genitor. A pobre mãe “se virava” para botar o mínimo de comida na boca dos filhos. Dois anos depois, talvez em consequência da sua luta, uma doença misteriosa a dizimou. Os filhos ficaram ao Deus dará. Cada um tomou seu rumo.

Ele começou a fazer “bicos” pra ter pelo menos o que comer. Sentiu na pele o que é trabalhar o dia todo para ganhar dinheiro para uma refeição. Já com dezoito anos recebeu a oferta de um caminhoneiro para trabalhar com ele. Aceitou. Conheceu muitas cidades de diversos estados brasileiros e também esteve no Uruguai, Argentina e Paraguai.

– Era sofrido mas, era divertido. – disse ele esboçando um sorriso. Foram doze anos nessa vida de ajudante de caminhoneiro.

– E você nunca estudou?

– Um pouco, fui alfabetizado e aprendi a somar, diminuir, multiplicar e dividir. – disse com um sorriso. Agora, sempre fui curioso e por onde eu passo eu olho os letreiros e exercito o pouco que aprendi. Gosto de passar nas bancas de jornais e de ler as manchetes e quando me dão, eu leio os jornais.

Aurélio entrou no diálogo.

– Como você mesmo diz, esta praça é a sua casa, mas onde você toma banho e faz suas necessidades? Vê-se que você mesmo sendo morador de rua não é, desculpe, uma pessoa suja. E outra coisa, precisamos saber o seu nome.

– Meu nome é Divino – disse ele pausadamente – e conto com a caridade de um sacerdote que realiza um trabalho conosco que somos chamados de homens de rua. Lá na paróquia dele tem sanitários e banheiros destinados para nós, um salão para descansar e um armário para guardar nossos quases e nadas. Mas sabe o que eu acho melhor? É que ele respeita nossa opção de viver na rua. Gosto muito do padre Francisco. Que Deus dê vida longa a ele. Sabe, ele é a única pessoa que eu conheço que dá atenção para nós.

Foi a senha para eu retornar à conversa.

– Só ele não, Divino. Nós queremos ser seus amigos. Por falar nisso, vejo que você olha com insistência para aquelas bancas de comidas. Escolha a comida que você quiser, inclusive naquele restaurante que frequentamos bastante. A comida é muito boa e não é cara. Hoje sua janta é por nossa conta.

– Posso? – ele perguntou e com um gesto nos convidou a atravessar. Passamos pelo restaurante que ele nem olhou. Foi direto à banca de cachorro-quente em que se destacavam as enormes salsichas envolvidas na maionese dentro do pão. Chegando lá, ele apontou com o dedo para a guloseima. Chamou-nos atenção o despreendimento dele que teve oportunidade de escolher o melhor prato naquele restaurante e não o fez.

Com o cachorro quente na mão rescendendo aquele cheiro inebriante, num gesto de cabeça nos convidou a atravessarmos até o banco, sua residência, sempre olhando fixamente seu fiel escudeiro que nos acompanhava o tempo todo em silêncio. Divino sentou-se e calmamente retirou aquela imensa salsicha, olhou-a fixamente e com um largo sorriso a pôs na boca do cão que a devorou em segundos.

Ninguém entendeu. Inevitáveis os olhares interrogativos. Divino encarou-nos e com um olhar misto de ternura e satisfação, sentenciou:

– O melhor pedaço para o melhor amigo. Muito obrigado. Feliz Natal pra vocês!

Com a voz embargada, em coro só conseguimos dizer – Feliz Natal, Divino. Um nó na garganta nos impediu de falar mais.

*(Agradeço ao Ir.: Aderivaldo Nunes Corrêa por essa experiência de vida que ele me narrou num de nossos retornos para casa. Disse-lhe que um dia escreveria um Conto de Natal baseado naquele argumento. Aí está.)*



**OCTÁVIO PESSÔA**, natural de Parintins/AM, radicado em Belém/PA, graduado em Direito e Jornalismo pela UFPA. Autor de **Causos Amazônicos** (Crônicas) e **Asas de um rio - a saga dos Catalinas na Amazônia** (romance/documentário). Membro da Academia Maçônica de Letras do Pará/Amalep e da Academia Paraense de Jornalismo/APJ.

## É Natal!

E se todos os dias fossem Natal?

A luz brilharia com muita intensidade todos os segundos, nos meus dias e para todos nós.

Natal é tempo de renovar-se dentro de si mesmo: renascer.

Tudo porque no horizonte brilha uma grande luz, chamando-me para seguir adiante.

Nasce uma luz no meu inconsciente e toma conta de minha existência: nasce uma luz – é Natal!

Então todos os dias podem ser Natal, para mim e para você: pode sim.

Brilha uma luz no horizonte!

É Natal.

É Natal quando estampo um sorriso no olhar!

É Natal quando mesmo com medo sigo adiante!

É Natal quando sou tomada por empatia!

É Natal!

É Natal quando eu me vejo no outro!

É Natal quando sou gentil com um desconhecido!

Logo, hoje também é Natal!

Amanhã também é Natal!

Será esse o nosso segredo de Natal?

Todos os dias devem ser preenchidos pelo espírito de Natal.





**CLAUDEVALDA SOUZA-CLAUDIA**

Assistente Social, especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social-SUAS, pedagoga, nordestina, parda, mãe, avó que carregava em seus sonhos o desejo de se expressar através da escrita. Tendo ficado muitos anos sem escrever, a partir de uma circunstância a vida apresentou a poesia como uma fonte de superação. No ano de 2021, iniciou sua participação em antologias: **De Eva a Frida As Dores e Amores de Ser Mulher** (Editora In House); **Pandemim – a pandemia em mim** (Editora In House) entre outras. Autora dos livros **Do Outro Lado da Janela** e **Retrato Poético de Superação**.

## Lembranças de noites de Natal

Meu nome é Paulo e venho de uma família muito modesta que vivia com certa dificuldade e na qual, algumas vezes, a renda não permitia as três refeições, era almoço ou jantar. Ainda assim, éramos felizes, meus pais e minha irmã, que é alguns anos mais nova do que eu.

Meu pai era originário de outro estado e não tinha familiares em São Paulo. Meu avô, pai de minha mãe, faleceu quando eu tinha apenas três meses. Minha avó materna, Luzia, casou-se pouco tempo depois com Mário, um senhor viúvo que já tinha cinco filhos, pois precisava cuidar de Antonia, sua filha e minha tia que tinha apenas treze anos à época. Assim, sempre considerei Mário como meu avô e os filhos e filhas dele como tios e tias, como considerava minha tia Antonia. Assim, naturalmente sempre considerei os filhos de meus tios e tias como meus primos.

Por ocasião das festas de fim de ano, geralmente passávamos na casa de meus avós maternos, pois meu avô tinha um nível de renda um pouco melhor, era mestre operário em uma fábrica de produtos de alumínio.

Muitos dos filhos do primeiro casamento dele também iam para sua casa, principalmente para celebrarem o Natal e, algumas vezes, o Ano-Novo também. A casa ficava cheia e era uma grande confraternização, sem luxos e sem muita fartura, mas bem agradável com todos celebrando e se curtindo.

A ceia de Natal era celebrada um pouco mais cedo, pois muitos de nós, crianças, não conseguíamos ficar acordados aguardando aquele Papai Noel que nunca vimos....

Aquele Papai Noel danado, que não entrava pela chaminé, pois não havia lareira, mas que surpreendente e sorrateiramente, colocava os presentinhos ao pé da árvore de Natal (esta estava sempre presente). Era um pequeno pinheirinho que meu avô cortava de





algum ponto em que ia buscar no mato ou, nos anos posteriores, passou a comprar.

Nós, de diversas idades, ficávamos na expectativa e tentando “flagrar” o danado do Papai Noel, mas ele sempre escapava de nossa vigilância e nos frustrava.

Na realidade, muitos de nós, crianças, fomos dormir antes da meia-noite. Logo pela manhã, era a correria para a árvore de Natal para vermos o que aquele arredio Papai Noel tinha nos trazido.

Por muitos anos a história se repetiu.

Como ninguém na família tinha carro e boa parte morava em bairros muito distantes, a maioria ficava para dormir. Nós nos acomodávamos de qualquer jeito, nos corredores, sala, cozinha ou nos três quartos, ou ainda, em uma pequena edícula que meu avô usava como oficina (ele tinha grande habilidade com ferramentas). Eram alguns colchões e cobertores servindo de colchão (felizmente, as noites de dezembro são quentes). As filas na porta dos banheiros, um dentro de casa e outro no quintal, eram inevitáveis.

As refeições eram uma farra, pois eram em “turnos” para nos revezarmos nas duas mesas, a da cozinha e a da área de serviço. Os mais apressadinhos pegavam seus pratos e iam sentar-se na escada ou no chão.



Abrir os pacotes de presentes era algo impressionante e impactante, com muitas alegrias. Frustrações eram poucas, porque sabíamos que o Papai Noel não iria nos trazer bicicletas, trens elétricos, bonecas falantes e outros brinquedos mais sofisticados.

Mal terminávamos o café da manhã no dia do Natal, começavam a chegar alguns que não puderam vir na véspera, e havia mais alguns presentes distribuídos.

Depois do café da manhã, e já “identificados” os presentes, já se começava a organizar uma “pelada” com os tios e os primos mais velhos. Bola não era problema, pois, certamente, Papai Noel tinha trazido uma ou mais bolas para as crianças.

Íamos para um terreno baldio que ficava bem em frente da casa de meu avô e nos divertíamos por um bom tempo. Nos primeiros anos, eram os tios e alguns primos maiores. Com o passar dos tempos, crescemos e alguns tios já não se dispunham a correr atrás da bola. Quando construíram nesse terreno baldio, tivemos que ir para um terreno mais distante e, conseguimos nos divertir por alguns poucos anos mais.

O tempo foi passando, começaram a surgir carros na família e os pernoites de Natal iam rareando, pois alguns iam embora depois da ceia e começamos a ter melhores condições para dormir.

Poucos anos depois meus avós mudaram-se para outro bairro. Não havia mais terrenos baldios nas proximidades, aquelas crianças de então cresceram e Papai Noel era apenas para os primos menores que já eram bem poucos.

Assim, os natais passaram a ficar, cada vez mais, protocolares.

Já estavam surgindo um ou outro bisneto de Mário e Luzia, os interesses foram ficando distintos. Alguns desentendimentos familiares passaram a gerar certas incompatibilidades e conflitos de interesse.

Um certo dia, Mário é internado com urgência e, infelizmente, não retornou dessa internação.

A “grande família” que já estava se desfragmentando para as comemorações natalinas, passou a ficar cada vez menor. Alguns tios e tias, também foram “para o andar de cima” e aqueles fatores de atração para as grandes comemorações e integração, foram se exaurindo.

## *Segredos da Noite de Natal*

Casei-me e tive de dividir os festejos e visitas de Natal com minha família e com a família de Estela, minha esposa. Assim, era um longo roteiro de visitas na véspera e no dia de Natal. Isso, também porque, “ganhamos” alguns afilhados e outros familiares por afinidade.

Minha mãe faleceu inesperadamente, as luzes de minha avó Luzia se apagaram algum tempo depois e, a partir de então, os natsais ganharam um outro significado para mim.

Houve um sentimento de rompimento com o passado e um sentimento estranho de que, a partir de então, eu não mais era uma criança e sim um homem que tinha que criar seu próprio Natal, para minha família ampliada, agora com dois filhos.

Progressivamente, mais familiares próximos foram partindo e as celebrações foram se limitando aos círculos de familiares mais próximos. O que foi aumentando foram as visitas na véspera e no dia de Natal a afilhados e alguns familiares. Era uma verdadeira maratona de percursos e de degustações, em sua maior parte deliciosas. Em cada casa tinha que, ao menos, provar alguma coisinha! Ao relembrar essas noites de Natal, d’antanho (como diziam na primeira metade do século passado), uma nostalgia cresce, lágrimas vêm aos olhos e a saudade desses personagens se agiganta.

E vem à mente a linda canção dos Beatles *In my life* que traduz muito desses sentimentos e emoções.

*“There are places I remember  
All my life though some have changed  
Some forever not for better  
Some have gone and some remain*

*All these places have their moments  
With lovers and friends  
I still can recall  
Some are dead and some are living  
In my life I’ve loved them all*

## *Segredos da Noite de Natal*

*But of all these friends and lovers  
There is no one compares with you  
And these memories lose their meaning  
When I think of love as something new*

*Though I know I'll never lose affection  
For people and things that went before  
I know I'll often stop and think about them  
In my life I love you more*

*Though I know I'll never lose affection  
For people and things that went before  
I know I'll often stop and think about them  
In my life I love you more  
In my life I love you more..."*



### **EDISON ROBERTO MORAIS**

Economista e pós-graduado em Análise de Sistemas e em Administração de Empresas pela FGV. Palestrante em diversos eventos no Brasil e no exterior e com diversos trabalhos publicados. Participou do Conselho e da coordenação de associações, congressos e publicações da área de Informática e Telecomunicações.

Contos publicados nos livros:

**Os sete de Sampa**, do qual é um dos coautores.

**Uma rua chamada borboletas psicodélicas e outros contos de São Paulo**, coordenado por Juliano Spyer.

Coordenador e coautor do livro **Pé de Poeira 67**, publicado em 2007, com alguns contos de minha autoria.

Hobbies: jogar tênis, escrever crônicas/contos e cantar.

Membro de vários grupos no Facebook, dentre os quais o grupo *Memórias dos Bairros Paulistanos* no qual também publica crônicas.



## É Natal!

Dobro meus joelhos  
chego mais perto de Sua manjedoura  
acolho-me em Seus braços  
debruço meus olhos sobre Suas vestes  
desloco-me em abraços  
É Natal!

Em silêncio, prossigo nos Seus caminhos  
em espírito natalino, sou ungida pelos átrios divinos  
com minha alma vestida de amor  
encontro força e confiança  
em meu coração,  
transformo lágrimas em fontes inesgotáveis

Inclino meus ouvidos, peço ao Senhor:  
– Guarda minha vida  
nas profundezas de Seu ser, revela-me  
torna-nos constantes em Seus ensinamentos  
perseverantes  
tementes, piedosos

Há um tempo que rege  
que recompensa  
que nos reconhece  
como filhos legítimos  
onde a providência atua  
e persiste, agraciando-nos!



## É o Natal que irradia

Vibra em minha alma  
as badaladas do sino  
o relógio se agita  
é o Natal que irradia



Quando a noite se aproxima  
parece que todo mal vai embora  
deixo sentir a aurora  
antes, minha mente aflora

Na manjedoura, Jesus entre as palhas  
aos homens, poucas perguntas  
sinto, nesse palco conhecido,  
um cenário com sorrisos pálidos

Embalado, com fitas, meus presentes  
gentileza, compaixão, amor sem medida  
a gratidão trago comigo  
enfeita meu coração

- Vem, irmão. Vamos juntos orar  
em paz, comemorar  
nos silêncios infinitos, renascer  
salmodiar, em letras e sons.





**VERA MUSSI HAGE**

Natural de São José do Rio Preto. Formada em Direito, pós-graduada em Marketing pela Faap.

Publicou 2 livros de poemas – **Minha alma tem nome** (2018) e **O batismo da borboleta** (2019).

2019 – Premiada no concurso de contos, *Existe uma Itália em mim*, da **Antologia Vozes Ítalo-brasileiras III** (Voci Italo-brasiliane III).

2020 – Premiada no concurso de contos, *O amor à italiana*, da **Antologia Vozes Ítalo-brasileiras IV** (Voci Italo-brasiliane IV).

2021 – Antologia Poética - Seleção Poesia Brasileira - **Poetize 2021**, com a poesia PUDESSE EU...

2021 – **Antologia Terra - uma poética de nós** - com a poesia *Terra Bendita*. Colaboradora da **Revista Bem-Estar**, projeto do principal jornal da cidade - **Diário da Região**, da cidade de São José do Rio Preto/SP.

2022 - **Antologia Faces de Chronos** - Vozes Femininas na Pandemia - participação com 20 poemas.

2022 - **Antologia Uma só Alma - Menção Honrosa** , com o conto **Tomate pelati** - concurso internacional.

2022 - **Antologia Soltos ao Vento, 100 Poemas procuram seu destino** - Seleccionada com 2 poemas. Distribuição por toda Europa.





*Feliz Natal!*



## DAM NASCIMENTO

---

### Natal para sempre

O fim do ano se aproxima e a alma muda de estação: na contagem da vida, verão; no coração, a primavera das luzes. Um mês que reconecta o homem com o seu lado mais puro. Bons sentimentos transbordam, a esperança se espalha e a solidariedade se faz presente. O passado é lembrado com gratidão, foca-se na alegria do hoje com a esperança renovada para o futuro.

Depois de 11 meses de impaciência a tranquilidade toca tudo; a impessoalidade vira simpatia e o cobertor chega ao corpo que treme nas noites frias; o pão preenche a mesa vazia, os invisíveis ganham cor. O amor sem restrição é apenas amor e a cidade se enfeita. As crianças fantasiam com o Natal e os adultos se ocupam de combinações e temperos. A família é mais família.







Quem dera pudesse ser o ano inteiro esta amostra do eu verdadeiro, o tesouro oculto da criação. Transformação ao alcance da mão, bem mais ações que palavras acenando a um novo mundo. Que não nos reste dúvida de que sentimentos preencham o bom samaritano; quem é o próximo mais próximo e a que sentimento remetia todas as lições do Mestre dos mestres.

Que este mês seja um vírus sem cura e com muitos efeitos colaterais; que a paz seja como a neblina que cobre tudo ao nascer das manhãs e que a prioridade seja a vida, superando obstáculos como as flores que nascem no asfalto.

Desejo a todos Natal para sempre.



### **DAM NASCIMENTO**

Publicitário, engenheiro civil e escritor. Apaixonado pelas artes e pela escrita, desenvolve ensaios literários desde os 14 anos, por vezes crônicas do cotidiano, em outros momentos com o filtro voltado a poesias, contos e romances. Já participou de algumas antologias literárias, possui duas premiações em concursos de poesias: **Poesia em movimento** (2013) e **Arte à Flor da Pele 2** (2021) e um livro publicado intitulado: **O Enigma dos Santucci** (2008).



## Conto de Natal

Era dezembro! As luzes de Natal já piscavam ao anoitecer e as lojas prenunciavam a vinda de Papai Noel! Na pequenina cidade, ao lado do jardim, morava uma menininha que acreditava em Papai Noel. E, por entre petúnias, margaridas, rosas e jasmims, passeava por entre os canteiros coloridos e perfumados imaginando a noite de Natal. Todos os dias vinha a menininha feliz, atravessava a praça e seguia feliz para a escola. No caminho sempre dava uma parada para namorar na vitrine de cristal da pequena loja da cidade, sua boneca de porcelana, de olhos azuis, louras tranças e vestidinho de renda. E no encantamento da infância, seus olhinhos brilhavam de emoção. Como era linda! A boneca mais linda do mundo!

Todas as tardes, ao sair da escola, passava ela pela loja e sonhava em abraçar seu sonho da vitrine de cristal. Olhava a boneca com a doçura da infância. De repente, saía correndo pelas calçadas, saltitando feliz! Sim, era feliz, brincava bastante, tinha uma mamãe linda e amorosa, um pai carinhoso e amigo, tinha um lar, muitos irmãos, sentia-se amada e acreditava em Papai Noel! E assim passou o tempo sonhando com a linda boneca de olhos azuis, louras tranças que chorava e dormia...

E dezembro chegou cheio de luzes e cânticos de Natal, vitrines coloridas. Ao entardecer, quando o céu se tornava lilás, na hora em que os sinos anunciavam a hora da Ave-Maria e os pardais em bando se recolhiam para os galhos mais altos dos arvoredos do jardim, a menina corria dar uma olhada na vitrine para ver sua linda boneca. E quanto mais os sinos tocavam pela pequena cidade, mais a menina sonhava com a chegada da noite de Natal! Todas as noites, antes de adormecer, a pequenina menina orava pedindo a Deus que não deixasse ninguém levar sua boneca!

Véspera de Natal...

## *Segredos da Noite de Natal*

A cidade em festa. A igreja iluminada. A pequena praça repleta de gente. Lojas abertas até tarde para que Papai Noel pudesse “comprar presentes”! A linda menininha, para não arrefecer seu sonho, antes de ir para a caminha macia, dava uma corrida até à loja para dizer até breve à linda boneca!

No dia seguinte poderia abraçá-la e brincar de mãezinha. Papai Noel não iria desapontá-la. Foi seu único pedido! Esperou tanto tempo! Tinha certeza que iria ganhá-la! E, saltitando voltou para casa feliz !

Não havia ceia de Natal na sua casa. Mas havia nessa noite um delicioso bolo natalino, preparado com carinho e capricho por sua mãe, acompanhado de uma deliciosa xícara de chocolate, antes de todos irem para cama. Era assim todos os anos. A menina e seus irmãos iam dormir e esperar Papai Noel. E dormiam os sono dos inocentes, sonhando com o presente que viria. E, no seu sonho de inocência, a menina não alcançou a realidade que machuca e mata as mais lindas crenças. E a boneca era tão cara... Era tão cara a boneca de porcelana, de olhos azuis e louras tranças..

O dinheiro trocou um sonho inocente por uma realidade possível: uma boneca de pano, não tão bonita, vestida de chita, que não dormia e sequer chorava... A menina tinha cinco irmãos esperando presentes! E, naquela noite, a boneca de pano foi aconchegada por entre os bracinhos da menina adormecida. Enquanto sonhava com sua linda boneca de porcelana, de olhos azuis e louras tranças, ela abraçava a bonequinha de pano. Ao despertar, viu a menina a bonequinha de pano de olhinhos sempre abertos e vestidinho de chita. Silenciosamente, deixou rolar de seus olhinhos desapontados, lágrimas tristes... Lágrimas puras tal a inocência ferida. Mesmo assim abraçou fortemente a bonequinha de pano, juntou-a ao seu coração. Olhou para o lado e viu seu pai, também com lágrimas nos olhos. A menina compreendeu a realidade num instante e secando as lágrimas no vestidinho de chita da bonequinha, querendo simular um sorriso foi dizendo:

– Obrigada papaizinho, você acertou direitinho. Era essa a bonequinha com que sonhei noite e dia! Era essa que eu queria! Obrigada, papaizinho!

## Natal desnaturado

O barro desce o morro deslizante. Forte, penetra na indomável cratera nascida da enxurrada que esfomeada vai engolindo tudo com sua boca enorme. Até crianças ela devora! E lá nas alturas do morro, na colina em erosão, um barraco frágil, tal equilibrista baulouçando no espaço teima em resistir: pequeno, úmido, escuro, sem segurança, ali resta teimoso a agasalhar a menininha também frágil que não imagina o perigo que a abraça. E, no canto da cama, encolhida e assustada, permanece à espera da mãe que saiu de madrugada para trabalhar e pediu que ficasse quietinha, que não saísse e aguardasse, simplesmente aguardasse seu retorno. E tal coelhinho na toca, a menininha permanece resignada: olhos tristes, mãozinhas geladas, pele macerada pela fome, envolvida pelos andrajos da cama aguardando a chegada da mãe.

Num canto do cômodo, uma televisão exhibe bebidas deliciosas, doces suculentos, crianças brincando, dançando, desenhos onde a utopia se escancara e o pecado da omissão penetra na alma. Seu coraçãozinho de criança descobre o outro lado da vida: o poder de sonhar. Sonhar com a mãe que está ausente, imaginar uma casa linda repleta de conforto, mesas com doces suculentos, brinquedos coloridos pela casa, um cobertor quentinho, um agasalho aconchegante, um chinelinho confortável. E seu coração de criança começa a não entender as razões do não ter, do não ser, do não poder. E, de repente, surge na tela da TV um lindo Papai Noel e a menininha repleta de esperanças questiona:

– Papai Noel, meu amiguinho, vou pedir de presente uma boneca linda, igual a que a televisão mostra. Sabe, Papai Noel, ela seria minha companheira, conversaria comigo, contaria seus segredos e eu cantaria para ela dormir em meu colo, enquanto fico sozinha esperando a mamãe chegar com a marmita quentinha que ela prometeu.

Enquanto fazia o pedido, a vela acesa sobre o armário, (ficara acesa para iluminar caso faltasse energia, o que era comum em dias de chuva), tremeluzia um fraco lume que definhava anunciando a



escuridão. A chuva lá fora continuava e o barulho dos trovões era assustador e a televisão silenciou. A luz da pequena vela agora era o único brilho que invadia o pequeno barraco.

Cansada a menina adormeceu com fome a sonhar com o retorno da mãe e na certeza de que Papai Noel ouvira seu pedido. A chuva persistente continuava e o pequeno barraco trêmulo e sem onde se agarrar, iniciou a descida interminável auxiliado pela força das águas. A frágil casa deslizou morro abaixo, suavemente, parecendo bailar. A terra apressadamente correu atrás e num faz de conta do mundo das mágicas engoliu o frágil casebre, tal a areia quente sorve as gotas de chuva.

A mãe, encolhida por entre suas tristezas, enrolada em sua revolta e misturada à lama vermelha, a lacrimejar desesperanças, dobra os joelhos sob a chuva fria, apertando por entre as mãos a marmitta quentinha. Enquanto Papai Noel a tudo assiste, lá da porta do céu, abraçado a uma linda menina que acabara de chegar, com uma loura boneca nos braços...



#### **VALDEREZ DE MELLO**

Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Membro efetivo da Academia Jundiaiense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes. Articulista do **Jornal de Jundiaí** e **Jornal Noticiantes da Região de Bauru**. Autora de livros de poesias, contos, crônicas e de histórias infantis.

*Lá na praça do jardim, / Papai Noel nos olhando,  
Você chegou bem pertinho, / E já fui me apaixonando!*

## Um Natal de Luz

Desejo a todos um Feliz Natal nessa hora  
Nesse dia nasceu nosso amado Jesus  
Um dia de fraternidade familiar  
Com uma grande festa para se comemorar

A cada ano que passa tudo se renova  
Porém, a essência é sempre igual  
Na roda da vida há sempre gente nova  
Que segue um lema sempre universal

Cada um que semeia, colhe atento  
Pela vivência e também por pensamento  
Caminhando em segurança mas com alento  
Viver a Boa Nova com bons ensinamentos

Somos filhos de um Pai com amor incondicional  
Formamos uma família abençoada de luz  
Conscientes do amor e fraternidade  
Pois quem nos guia é Jesus!



### **CARMEN SÍLVIA PEREIRA**

É natural de Ituverava/SP. Professora especializada na pré-escola, atriz e diretora de produções teatrais. Participou de diversos cursos e oficinas de dramaturgia para televisão e teatro. Publicou os livros com peças de teatro **Texto em contexto - Volumes I, II, III e IV**, os romances **Selena** e **Violino Cigano** e o infantojuvenil **Dorinha**, todos pela Editora In House.

## Contos de Natal I

### Vaga-lumes

*Mergulhar em nossas histórias  
pode ser uma longa e deliciosa viagem...*

Quem na vida, nos longínquos tempo e espaço, não passou por essa experiência: a nossa árvore de Natal?

Eu tive as minhas.

Simples, garimpadas nas chácaras que beiravam o rio Iguaçu, Vila Industrial, Zona Lesta da cidade de São Paulo, sempre cultivadas por japoneses; belos pinheiros cujo cheiro sentíamos esfregando seus ramos em nossas mãos!

E lá se ia a nossa árvore, para alegrar nosso simples mas majestoso natal!

A mãe tirava de algum lugar do guarda-roupas, caixas e caixas de sapatos e ia desembalando, uma a uma, aqueles enfeites que por tantos anos fizeram brilhar nosso olhar!

Ela a montava num canto da nossa sala, dando um aspecto de realeza para aquele cômodo. Ali era nosso quartel-general para os próximos dias...

Sim, mas faltava algo para dar o toque final àquela construção natalina. Então apelávamos para nossa criatividade e porque não dizer, peraltice!

Quando a noite chegava, embreávamos mato adentro e saíamos em busca daquilo que iria dar, digamos, o glamour àquela data tão aguardada.

Como doidos, armados de saquinhos de papel ou coisa do gênero, caçávamos... vaga-lumes.

Vitoriosos, na maioria das vezes, iniciávamos a arte-final do acabamento da nossa árvore de Natal.



Com muito cuidado e destreza, desmontávamos o ganchinho de metal que se usava para pendurar as bolas... tirávamos os vaga-lumes sobreviventes dos sacos de papel e os instalávamos em sua nova moradia. Lacrávamos novamente o fecho e pendurávamos de volta as bolas de Natal. Apagávamos as luzes da sala e para a ingênua alegria da criançada, tínhamos o nosso pisca-pisca... a custo zero. Claro, não para a natureza!

Talvez o sistema de luzes ou pisca-pisca, como queiram, durasse dois ou três dias, mas certamente nossa alegria e lembranças ficariam marcadas para sempre...

Hoje, preservadores da natureza que somos, é muito provável que poupemos os pequenos insetos luminosos, em clara e evidente extinção.

Escolheríamos outros métodos para enfeitar nosso reinado.

Comprometeríamos, certamente, outros riscos. E deixaríamos morrer o sonho da ingênua criança que habitou muitos dessa geração.

E que me perdoem os vaga-lumes.



## Contos de Natal II

# O Nascimento da minha árvore de Natal

Tinha de ser aquele pinheiro,  
com cheiro de mato,  
cheiro de campina...  
Tinha de ser com aqueles galhos  
finos, macios, aveludados...  
Tinha de molhar nossas mãos  
com a umidade que consola a alma.  
Tinha de ser aquele pinheiro  
com um ponteiro, escolhida a dedo,  
onde a gente iria  
fixar uma estrela  
cravejada de sonhos e desejos...  
Precisava esticar seus galhos  
simetricamente, par a par,  
para ali colocar suas aventuras,  
para alimentar seus amanhãs...  
E tinha de ter sabor,  
mil olhares ali fixados,  
uma infinidade de histórias,  
sempre, sempre... com final feliz!  
Tinha de ter o olhar do pai entrando,  
com longas e firmes passadas anunciando  
desafios e vitórias...  
E, atrás de si,  
tinha de ter um cortejo de filhos sorrindo,  
na certeza de que naquele Natal  
Os seus pedidos, enfim,  
seriam atendidos...

## *Segredos da Noite de Natal*

Tinha de ser um símbolo que,  
mesmo sem enfeites,  
sem luzes e sem coloridos,  
Transmitisse sem uma palavra proferir,  
uma história... uma forma de abraçar o universo e,  
sentir a essência do existir...  
Assim nascia, a minha, a nossa árvore de Natal!



### **MAURÍCIO MOURA**

Natural de São Paulo, nascido em fevereiro de 1952, é formado em Administração de Empresas pelas Faculdades São Judas Tadeu. cursou História e História da Arte. Publica semanalmente no blog **Memórias de Bairros Paulistanos**. É coautor da obra **Os Sete de Sampa**, editado pela In House, 2022. Ainda pela mesma editora participou, em 2022, da antologia **Brasil & Portugal 200 Anos unidos de Alma e Coração**.



MARA BEATRIZ MENEGOTTO  
DE VASCONCELOS

---

## Véspera de Natal na Av. São João

Dezembro é o mês do Natal; muito especial nos dias 24 e 25, com mais seis, apresenta-se o final do ano que já se viveu. No dia primeiro de janeiro começa tudo de novo.

A esperança de conseguir o que não foi conquistado, o uso do que se obteve, os presentes ganhos no Natal, outros do coração, aqueles bem-vindos da família, na noite do menino Jesus.

Foi pensando assim que Hermes encontrou-se no dia 24 de dezembro do ano de 1955, em São Paulo, capital. Estava angustiado, às voltas com total falta de dinheiro, com a esposa dedicada e três crianças menores.

Hermes era natural de Marília, uma cidade em crescimento no oeste do estado de São Paulo; crescera numa família humilde, na qual aprendera valores de honestidade e respeito.

Estudou e aprendeu a profissão de metalúrgico, trabalhava numa empresa onde ganhava um salário razoável mantendo um nível médio financeiramente. Morava e vivia sem exageros.

Conheceu Sonia e, apaixonados, logo se casaram. Em pouco tempo já tinham três lindas crianças: Roberto, Antônio e Carolina, a caçula.

A vida transcorria agradávelmente para ele com Sonia e os pequenos até que...

Um belo dia, em sua casa apareceu um amigo dos tempos do Tiro de Guerra, de 1940, o Abelardo. Estava viajando a trabalho, viera concretizar um grande negócio em Marília, com uma empresa de bolachas, por sinal tudo já fora acertado satisfatoriamente. Estava muito feliz, iria ganhar muito dinheiro.

Lembrou-se de Hermes, daí a visita, além do reencontro dos caros amigos seria uma comemoração pelo grande negócio. Hermes

e Sonia baixaram as prateleiras da casa para a recepção a Abelardo.

Um almoço, que também virou jantar, caprichado pelos dotes especiais culinários da jovem senhora, mais um bom vinho, foram degustados fartamente pelo visitante inesperado.

Depois de vários brindes, com barriga cheia, uma euforia tomou conta do visitante que em altos brados levantando-se do lugar a mesa, convidou Hermes para ser seu sócio na sua empresa em São Paulo.

O contrato de fabricar inúmeras latas para as bolachas teria que ter muita ajuda e trabalhos. Hermes exultante, deu as mãos e abraçou o amigo, selando e aceitando a proposta.

Há tempos, Hermes sonhava com a possibilidade de morar na capital, antevia um trabalho mais remunerado, um futuro melhor para os filhos, além do próprio sucesso.

Realmente estava muito feliz, parecia obra do destino.

Após as despedidas do Abelardo, a família preparou a mudança. Foi tudo muito rápido, Hermes pediu demissão do emprego, avisou os parentes, tirou os meninos da escola, a caçula ainda não podia estudar, tinha somente 5 anos.

Como o casal não conseguira vender os móveis, deram aos parentes e amigos. Tudo seria novo na Capital, uma vida nova.

Chegaram na cidade de São Paulo pela manhã, de ônibus e foram se hospedar num hotel na Av. São João muito recomendado, o Municipal Hotel, uma belíssima construção na esquina com a Conselheiro Crispiniano.

Aquele foi um dia fantástico, mas no dia seguinte o mundo tremeu para Hermes.

Pela manhã, bem cedo foi ao encontro do amigo, sócio. Lá chegando, Abelardo o cumprimentou dizendo:

– O que o traz por aqui caro amigo?

Mas, conversa vai conversa vem.... Hermes foi empalidecendo, mais e mais, até o encerramento daquele momento, tal um filme de terror. Abelardo disse que fora um mal entendido, que jamais poderia ter proposto sociedade, nada se lembrava, enfim sentia muito pelo amigo e nada poderia fazer.

Quanto ao dinheiro, também nem poderia pagar o hotel, pois investira tudo na fabricação das latas.

Despediu-se quase expulsando Hermes porta afora.

Saiu tonto, passou o dia longe da família, não tivera coragem de vê-los, mostrar o seu fracasso, sua tola ingenuidade. Diziam que a palavra de um homem não volta atrás, sempre acreditou... mas isso era uma mentira, ali tivera a prova.

Constatou também que o pouco dinheiro que trouxera mal iria custear a diária do Hotel e no outro dia seria a véspera do Natal.

Caminhou à esmo pelas ruas, chegou tarde, todos dormiam, beijou as crianças e a esposa, com muito cuidado para não acordá-los. Lágrimas rolaram pela sua face, sentiu os ombros pesados. O dia amanhecera, era o dia 24 de dezembro, Sonia e as crianças, então nada sabiam ou mesmo que soubessem pouco podiam fazer.

Hermes, lá estava mais uma vez totalmente acordado pensando na sua situação como e o quê explicar para todos?

A menina, um anjinho de 5 anos tinha sido vista procurando presentes escondidos debaixo de todas as camas do quarto do hotel, numa incansável busca de uma maravilha de Natal, que o grande e gordo Papai Noel deixaria especialmente para ela.

Andava com seu vestidinho xadrez e a tiracolo, a Amebinha, sua única boneca. Então, a esperança da menina era que o velhinho de vermelho, bondoso, não a esqueceria, deixava isso claro a todos.

Hermes, angustiado em ver essa conotação da filha pequena, abraçada com a boneca, ficou com o coração cortado, as cordas se rompendo, uma a uma.

Assim, sem saída, abriu o jogo, contou tudo para sua família. Sonia, os meninos e a pequenina Carolina. Anoitecia, o dia findava, às 19h, a menininha olhou para todos e com uma voz doce exclamou:

– Já que Papai Noel não vem... vamos atrás dele! Vamos procurar por ele, conversar, explicar o que estamos passando!!!

Todos ali olharam para ela. Curiosos, esperançosos e consideraram... uma saída.

– Vamos – respondeu Sonia – Vamos nos arrumar. Vamos sair e procurar o Papai Noel.

Logo saíram todos, as mãos entrelaçadas, ansiosos para encontrar o Papai Noel.



## *Segredos da Noite de Natal*

Andaram pelas lojas enfeitadas, luzes espicaçantes brilhando, o céu, ah... que bonito. Famílias passando sorrindo, casais enamorados, crianças, pessoas jovens e outras não.

Era véspera de Natal, todos na expectativa, logo mais seria a hora do Deus Menino, seu aniversário.

Andando, andando, cansaram de andar, a Carolzinha agora no colo do Hermes; Sonia, de mãos dadas com os meninos. Cansados, caminhavam de volta pela Avenida São João quase no prédio dos Correios, as belas construções imponentes e o refinamento das pessoas bem vestidas os envolviam como um sonho, mas a realidade mostrava sua face sombria, onde estaria o velhinho de vermelho?

Repentinamente, Carolzinha disse:

– Papai, olha que bonito, a lua no chão da calçada, prateada. Olha!!!

Hermes olhou intrigado, havia algo na calçada, chegou mais perto... um objeto, uma carteira daquelas de dinheiro, grossa, com um filete prateado envolvendo-a, abaixou-se e pegou-a. Estava cheia de células... um salário e um pouco mais, um milagre!

Na hora a menina:

– Papai o que é? Papai é presente?

Sonia aproximando-se respondeu:



## *Segredos da Noite de Natal*

– Não, deve ser de alguém. Veja se tem alguma identificação um cartão?

Já o Hermes, às voltas com certa hesitação, imerso em mil pensamentos, procurou devagar e, num evidente suspiro... confirmou:

– Nada, nenhum nome, nada tem.

Todos então, naquele silêncio de véspera de Natal, surpresos, encantados, seria aquilo verdade? Um presente.

Carolina disse... cortando o ar daquela noite estrelada:

– Vamos levar a Amebinha para tomar sorvete?

Saíram abraçados e com o presente recebido do Papai Noel, enviado pelo mais importante dos meninos do mundo. O menino Jesus!



### **MARA BEATRIZ MENEGOTTO DE VASCONCELOS**

Nasceu em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, em 24 de maio de 1950. Advogada formada pela Faculdade de Direito Mackenzie. Reside em São Paulo, capital.

Tem várias paixões: Família, marido, os 4 filhos e os 11 netos. Amigos. Jogar Xadrez. Música boa. Eclética. Artes em geral. Pintar telas – abstrato e impressionismo. Cozinhar. Ler etc... Sua casa. Enfim, tem paixão em viver.

Lema: Amanhã será outro dia!

## Momentos de uma noite de Natal numa pequena família

O Dr. Alvim fazia residência no hospital Matarazzo lá pelos idos de 1979, cirurgia geral. Essa era uma atividade trabalhosa e exigente para os jovens doutores, que faziam um grande serviço à população e, principalmente, cuidavam de casos complicados e difíceis, vindos de outras regiões do país.

Vinham com uma esperança de atendimento superior e moderno, de um lugar onde já tinham se decepcionado. Portanto, o trabalho dos residentes e dos colegas era fundamental e aquele primeiro ano os aproximou e muito.

Permaneciam muitas horas operando, participando de conversas médicas, reuniões e discussões. E é previsível de que em um final de ano, notadamente em dezembro e com a proximidade do Natal, deixaria o Dr. Alvim e os outros residentes muito ansiosos para verificar quem iria dar os plantões nos dias de véspera de Natal e no próprio dia.

Então foi feita a escolha por meio de sorteio e lá se foi ladeira abaixo o Natal do Dr. Alvim. Uma pena, lastimou, pois tinha quatro filhos e seria o primeiro dia em que nessa data especial não estaria com a Maia e as crianças, uma delas de meses, ainda sendo amamentada

Decididamente, os sorteios nunca foram favoráveis uma vez sequer para ele em todos que participava. Morava com a sogra que cuidava dos netos como se filhos dela fossem, corrigindo os erros que teve com os próprios dela. O sogro igual no desvelo. Sendo assim agraciado com essa ajuda e esse comportamento amoroso, o Dr. Alvim tinha uma vida bem animada e feliz. Gostava tanto desses momentos natalinos, já vividos na casa dos pais e incrementados



na casa da sogra, que ficou deveras aborrecido em não estar presente nessa hora mágica do Natal, do encontro das crianças inocentes, com os risos felizes, o farfalhar dos papéis de presentes sendo rasgados, as caixas abertas, o deslumbre e as exclamações: “Vejam, vejam o que ganhei! Olha!! Olha!” E aqueles brinquedos eletrônicos que nem ele entendia direito... Ah! Dava gosto e um contagiante ir e vir de risos.

A Maia, na verdade, ficou também chateada mas já estava se acostumando com a frequente ausência do Alvim em outros dias, sendo assim ficaria com a mãe, o pai e as crianças. Para ela não estaria assim tão difícil.

E foi pensando assim, que seria uma noite de Natal longe da família, trabalhando, que chegou o dia.

Na manhã da véspera de Natal acordou cedo. Todos, inclusive, vieram oferecer ao Dr. Alvim um café da manhã memorável.

A mesa posta, bolos, leite, frios, pães. Um mimo. Toalha de linho com matizes vermelhos, café fumegante. Leite com a fumaciinha saindo do bule e o melhor, as crianças todas em volta, naturalmente acordadas.

Menos o último, dormindo o sono dos bebês que deixa qualquer um que cuide deles feliz da vida. O Dr. Alvim tomou o café junto com as crianças. Todos ali olhando para ele participando do momento antecipado da noite que viria mais tarde. Uma festa!

Na cozinha, a sogra já cuidava do pernil, da farofa, do peru. Um cheirinho bom avançava no ambiente. Estava pensando em pedir para conservar os caroços das azeitonas para ele, que estava acostumado a degustar, mas desistiu.

Foi-se embora com o coração apertado, as crianças nem se davam conta disso. Maia acompanhou o Alvim e pronto. Foi trabalhar e o dia seguiu. Quando foi chegando a noitinha, perto das 22h, todos ali no plantão meio sorumbáticos, meio silenciosos, avisaram ao Dr. Alvim que o chamavam no saguão e, lá encontrou, surpreso, a Maia com as duas crianças maiores e uma sacola. Os outros residentes por acaso estavam perto e foram feitas as apresentações. Uma reunião discreta alegre. Todos ficaram ali no mesmo sentimento. Também estavam longe das próprias famílias e aproveitaram as crianças

para mitigar a sede do sentimento de natalidade impregnada neles. Maia tirou da sacola um embrulho num papel alumínio e o entregou para o Dr. Alvim dizendo para ele lembrar da ceia de Natal. Era uma parte do pernil da ceia de Natal.

Todos ficaram felizes, mais ainda o Alvim com aquela demonstração de carinho de Maia, das crianças e dos residentes.

Ao despedir-se, Maia comentou que foi ideia da mãe dela, que lembrou do Alvim gostar de roer o osso do pernil e então levar para ele ter uma lembrança da ceia de Natal.

E foi depois para o refeitório acompanhado dos residentes que também iam fazer uma boquinha com o restante do pernil. Lá chegando colocaram os pratos, pediram a faca, desembulharam a peça e só tinha uma pequena porção de carne. Praticamente só osso.

Os residentes caíram na risada, uma gargalhada de todos, uníssona. Fizeram muitos comentários, alegres, todos de boa raiz. De fato a sogra levava as coisas ao pé da letra, mas o Dr. Alvim explicou que quem fazia o pernil era a filha e o genro para ela era um filho também e não podia, numa noite como aquela na casa em que estava com todos em que o Alvim não participasse, mesmo comendo o pouco que tínhamos. Que simbolicamente ele estava junto e a pequena porção de carne o fazia ser um participante da reunião familiar naquele momento mágico de paz e esperança para todos.



### JOÃO AIRES DE VASCONCELOS

Nasceu em São Paulo, no mês de agosto, tempo frio em vias de ficar quente. Estudou na Escola Paroquial do Brás, colégio Domingos Faustino Sarmiento. Depois Medicina em Mogi das Cruzes. Sempre escreveu muito, em pedaços de papel, em receituários, em folhas de papel em branco. Publicou seu primeiro trabalho **Gotinhas de ninar** no jornalzinho do colégio Sarmiento, levou depois disso, 60 anos para outra publicação. Talvez o trabalho exigente da medicina, talvez as incertezas de suas realizações, talvez o mundo de amanhã.

## Longa data

São amigos  
Diremos, do peito  
Tão próximos, mas distantes  
Pois em todos seus encontros  
Um sempre chegava antes

Um era festeiro, intempestivo  
O outro mais comedido  
Um exaltava uma era nova  
O outro só falava  
Da chegada do amigo

E assim eles são felizes  
Um inventando festas  
O outro exaltando raízes  
Cada um a seu modo acendendo  
A chama desse encontro  
Que ano em ano se repetia  
Um compromisso agendado  
Mas sempre a mesma distância  
Por conta do apressado.

Segue o ano acelerado  
Os amigos por suas “redes”  
Já mandando seus recados  
Tá chegando, tô chegando  
Veja se não desencontra  
Chegando de novo adiantado!



Assim foi chegando o dia  
De encontro tão esperado  
E novamente aconteceu  
O desencontro “esperado”

Disse o amigo apressado  
Não houve jeito, lamento  
Aquele que anuncio  
Iniciou nascimento

Chegou a hora de informar  
Quem são esses dois amigos  
Quem é o apressado afinal  
E quem o festeiro do povo!  
Um se chama Natal  
O outro é o Ano-Novo!!



## Primavera

Em setembro ela chega  
E só sai anunciando  
O ano  
Está acabando!!

E nossas vidas se perfumam  
Com essa nova estação  
Cobre de verde a terra  
Colorindo o coração

E são tantas flores e verde  
Refrigerando a nação  
O que pode vir em sequência?  
Ah, todos “verão”!!  
Todos VERÃO!



### **RONALDO ALBERTO MARTELLI**

Nasceu em Jundiaí/SP, Terra da uva e da Serra do Japi. Casado e pai de três filhas: Carla Carolina, Brunna Isabela e Júlia Eduarda. Aventura-se nos poemas e poesias pelo belo da palavra escrita. Formado em Gerenciamento de Projetos e Governança de TI, no qual atua. Já participou de outras antologias da In House. Atualmente prepara e organiza seus poemas para a publicação de seu livro solo para lançamento em breve.

## Para quem crê, tudo é possível!

A casa estava cheia. A família estava reunida havia três dias.

O anfitrião, um senhor moreno, alto e de nobre aparência, cerca de oitenta anos com um semblante agradável, de quem já viveu muito e sabe das coisas, sentado numa das poltronas da espaçosa e confortável varanda, sorriu para a noite que chegava, sorvendo o ar marinho com satisfação. Estava feliz por ter a família junta mais uma vez.

O Natal para ele sempre fora uma data muito importante e fazia questão que todos viessem à sua casa.

Seus quatro filhos, dois homens e duas mulheres estavam espalhados pela casa, em conversas alegres em meio a drinks e petiscos. Dos quatro filhos, três casados e a mais jovem, solteira ainda.

Os seis netos, em uma algazarra só, corriam pela mansão, brincando no gramado em frente à casa à beira mar, felizes por se encontrarem mais uma vez no ano, e na data mais aguardada: o Natal.

Na casa toda iluminada, o salão com a mais bela árvore que podemos imaginar, enfeitada com um sem número de adornos dourados, bolas vermelhas e prateadas, abrigava muitos pacotes de coloridos presentes, de formas e tamanhos diversos, numa composição que já antecipava a alegria da reunião tão bem preparada, que iria acontecer nas próximas horas.

O tempo estava ótimo, o lusco-fusco do espetacular entardecer prometia uma noite de Natal fresca na Riviera. A brisa que o mar trazia balançava os grandes coqueiros do jardim. As cigarras cantavam os hinos mais originais que o universo já ouviu, num coro de sons em todos os tons.

O anfitrião entrou e chamou seus netos para a “Hora das Histórias”.

Era uma tradição que ele cultivara desde a infância de seu primeiro neto, hoje com 14 anos.



## *Segredos da Noite de Natal*

Dr. Edward, médico importante, com uma carreira de cirurgião muito bem-sucedida, só tinha que agradecer: sabia que toda sua vida fora construída com muita luta e dedicação à família e à sua profissão, uma dupla que o empolgava até hoje.

Acomodou-se em um dos grandes sofás da sala e seus seis netos foram chegando: Edward Neto com 14, Esther com 12, Luiza com 10, Pedro com 8, Henrique com 7 e a pequena Anna com 5 anos.

Eles adoravam o avô.

Quando todos estavam ao seu redor, ele começou:

– Hoje vou contar para vocês uma história que não está nos livros.

É uma história que me contaram quando eu era pequeno, e que acho que vocês vão gostar!

– Vovô, você já foi pequeno? Perguntou Anna, olhando espantada para ele.

– Sim, claro! Já fui muito pequeno, todos nós já fomos e você vai crescer e um dia ficar igual à vovó! Disse ele divertido.

Anna riu, pensando na vovó, uma senhora simpática, de cabelos brancos que conservava sua beleza e jovialidade naturais e que, naquele momento, andava pela casa ocupada com os preparativos da ceia e seus inúmeros detalhes.

– Então, vamos à história!

– Essa história aconteceu numa cidade pequena, na Nova Inglaterra, um lugar bem diferente daqui do Brasil, ao Norte dos Estados Unidos. Lá, nesta época, faz um frio danado!

– Pois bem. Essa comunidade possuía uma tradição de Natal, que mantinha bem acesa a chama da esperança e do amor.

Era assim: todos os anos eles montavam uma gigantesca árvore de Natal no grande pátio em frente da Igreja e todos colocavam uma cartinha com seu desejo secreto, no pé da árvore. Essa cartinha era endereçada ao menino Jesus, porém, era anônima. O nome do autor da carta ia dentro dela. Isso acontecia desde o primeiro domingo do advento.

– Vovô, o que é advento? Perguntou Luiza.

– Advento é como chamamos a época que antecede o Natal, que é a festa mais linda da humanidade, esta que vamos comemorar

hoje à noite aqui. É o nascimento de Jesus, que veio trazer para nós os ensinamentos do Amor, da Verdade e da Vida.

– Ah! – reagiu Luiza. Por isso é que a gente ajudou o senhor a colocar aquele menino dentro de um cestinho ao lado da mãe e do pai, dos pastores com as ovelhinhas e os camelos ao redor e aquela grande estrela no alto?

– Sim, Luiza! Nós montamos o presépio, que é a representação desse grande acontecimento, e o menino é Jesus, com Maria sua mãe, seu esposo José, os pastores, os reis magos e todos os animais que presenciaram o nascimento de Jesus naquela humilde manjedoura, o lugar onde os animais dormem e comem, pois eles foram rejeitados pelos moradores da região. Mas isso eu contarei melhor numa outra ocasião.

– Agora, voltemos à história!

– Havia um menino nessa cidade, chamado John, que não via a hora de colocar seu pedido na árvore. Fazia tempo que tinha um desejo secreto que não contava para ninguém, nem para sua mãe, Helen. Ele a via chorar muitas vezes pelos cantos da casa e aquilo o deixava muito triste. E sabia a razão. O pai os havia deixado. Era um homem cruel, violento e grosseiro, que os fazia sofrer muito.

– Depois que ele se fora, a mãe precisava encontrar um trabalho, mas como a cidade era pequena não havia muitas oportunidades. Por ser enfermeira, sempre ajudava a todos que precisavam de primeiros socorros, sem receber remuneração, apenas agradecimentos. Todos a estimavam, mas seu pai nunca a deixara trabalhar.

– Ele queria muito que a mãe fosse feliz. Então escreveu sua cartinha e a colocou naquela árvore gigante, fazendo uma prece ao Deus-menino.

Por sua vez, Helen também escreveu com muita fé a sua carta, pedindo a Deus que a ajudasse a reconstruir sua vida.

– No dia 25 de dezembro, um lindo e gelado dia de inverno lá naquela terra, todos se reuniram, alegres, ao redor da árvore. Chegara o grande momento!

Os muitos presentes de todas as formas, tamanhos e cores estavam colocados debaixo e ao redor da árvore.

## *Segredos da Noite de Natal*

Havia brinquedos, roupas, livros, bicicletas, até um bercinho de madeira e uma cadeira de rodas! Todos etiquetados e devidamente identificados para os seus futuros presenteados.

De repente, apareceu uma imponente e caprichada carroça, puxada por três pares de renas. A carroça era conduzida por um par de duendes com gorros verdes, que pareciam ter vindo de um conto de fadas!

Para a surpresa de todos, um Papai Noel estava de pé, no centro da carroça, toda enfeitada com guirlandas verdes com sininhos que tilintavam, e ao som de canções de Natal.

A carroça parou bem em frente à árvore e o Papai Noel acenava e sorria para todas as pessoas!

Todos saudaram o Papai Noel, numa alegria contagiante, batendo palmas e cantando juntos as canções de Natal.

Foi um momento mágico.

Quando parou, as crianças cercaram o Papai Noel numa gritaria só, enquanto ele distribuía pirulitos, chocolates, guloseimas para todas elas.

Depois que se acalmaram um pouco, Papai Noel pediu silêncio.

Olhou para John e chamando-o com um aceno de mão, disse:

– Queridos amigos, chegou o grande dia!

– Vou iniciar a distribuição dos belos presentes que aqui estão. Mas antes, vou ler para vocês as cartinhas que escreveram, com os desejos secretos das pessoas que não pediram coisas materiais, mas pediram algo para suas vidas.

Dentro de um cesto, estavam as cartinhas. Papai Noel sorriu para John e pediu para ele tirar a primeira carta.

Um respeitoso silêncio fez-se no ar e John, com o coração aos saltos, iniciou a cerimônia, entregando para o Papai Noel a primeira carta.

Papai Noel foi lendo e a cada pedido uma emoção no ar: alguém tinha sido atendido. Lágrimas de alegria de uns, expectativas de outros.

Num dado momento, o pequeno John deu um pulo de susto e emoção: Papai Noel estava lendo a sua carta!

Olhou para sua mãe e viu uma lágrima discreta rolar em seu belo rosto. Ele não foi atendido desta vez... A tristeza tomou conta



dele. E Papai Noel não parecia se importar com isso... A decepção queimava dentro do menino, que quase saiu em disparada, para não ouvir mais nada.

Foi quando ele ouviu o nome da mãe.

– E aqui temos a carta da... Sra. Helen Lewis!

Ficou paralisado, com o coração parecendo querer saltar pela boca e... o milagre aconteceu!

Ele acabara de ler o pedido da mãe. Ela pedira com muita fé uma nova chance de ser feliz: um trabalho, um recomeço. Em seguida, abrindo a próxima carta, tudo pareceu ficar mais iluminado ainda!

Era a carta de um médico, Dr. Louis August, jovem cirurgião recém estabelecido na cidade, que estava à procura de uma enfermeira e decidiu participar dessa comemoração para conhecer o povo da cidade e iniciar seus relacionamentos. Ele estava ali presente e olhando aquela jovem mulher, uma onda de ternura e simpatia o envolveu imediatamente, coisas sem explicação.

Helen não conseguiu conter as lágrimas: juntou-se ao seu filho num longo e emocionado abraço de gratidão.

Dr. Louis aproximou-se e se apresentou cordialmente a Helen e John, ainda surpreso pela misteriosa trama dos destinos e igualmente contagiado pela emoção dos presentes, que batiam palmas pelo lindo e inesperado acontecimento.

Papai Noel deu uma sábia pausa. Olhou para John, piscando um olho maroto de satisfação.

John não cabia em si de alegria, foi um momento daqueles!

Parece que o tempo para e tudo fica mágico. E o restante da história vocês, meus netos, podem imaginar!

Vovô também fez uma pausa na história.

Os netos perceberam sua voz trêmula e emocionada e se entreolharam, curiosos:

– Vovô, o senhor nunca havia contado essa história para nós antes! Disse Edward Neto, com um olhar suspeito para ele.

– Não contei mesmo, por uma razão, meus queridos: essa história é muito especial. Queria contar quando vocês estivessem mais crescidos e que fosse assim com todos juntos como hoje, para poderem entender melhor o que é Fé e Esperança.

## *Segredos da Noite de Natal*

– Dessa história aconteceu uma outra muito linda: história de uma vida que se desdobrou em outras e assim se constroem os sonhos, quando viram realidade. Nunca se esqueçam, minhas lindas crianças:

– O Natal sempre tem segredos. Guardados para quem tem fé. E sonhos para serem realizados, acreditem!

– Vovô, perguntou Esther: quem foi mesmo que contou essa história para o senhor? O senhor disse que te contaram...

– É, perguntou Pedro, curioso: é por isso que a vovó conta que vocês já viajaram muito, vieram de longe até vir morar no Brasil?

As crianças, muito espertas, imaginando mais cenas da história que já começavam a entender, conversavam animadamente entre elas, empolgadas com o que tinham ouvido, olhando com amor e admiração para o querido avô.

E o vovô, disfarçando uma lágrima, respondeu com um sorriso enigmático, piscando para eles:

– Pode ser, pode ser... Afinal, aprendi que tudo é possível quando a gente crê!

– São os segredos de Natal...



### **NADIME BOUERI NETTO COSTA**

Brasileira, casada, paulistana.

Nasceu em 22 de dezembro de 1951. Formada em Biblioteconomia e Documentação pela ECA/USP. Embora aposentada, exerce sua profissão até hoje na biblioteca da UMAPAZ, Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz/SVMA/PMSP, sediada no Parque do Ibirapuera.

Com uma longa carreira profissional e inúmeras experiências pessoais ligadas à arte e literatura, hoje, seu interesse maior consiste em usufruir com alegria do que foi construído ao longo da sua vida. Ficaria feliz também se puder compartilhar conhecimento, arte, cultura e bem viver, para seguir com novas e gratificantes experiências.

## Mágica noite

Quanto mais o homem atual  
Trafega na nave da vida,  
Mais distante está da estrela-guia.  
A vigente humanidade clama pela paz e harmonia  
Na sentença de ver tudo na pura fantasia.  
Os sonhos voam no trenó do Papai Noel  
Em encontros e desencontros  
Carregados de nostalgia.

A maldade do homem na Terra se multiplica  
Simplificando o esforço da expressividade.  
Não há clamor que justifique.  
Todos querem viver longe da maldade.  
Ziguezagueando pela jornada aflita  
Em pequenas derrapadas  
Na mágica noite se purifica.

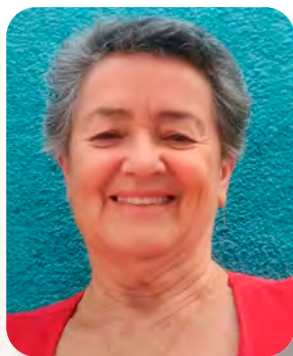






A egrégora do mês de dezembro  
Fortalece o lumiar da consciência,  
Resgatando o balanço do ano todo  
Ciclos que se repetem.  
Há um brilho em sentimentos diferentes  
São pedaços mágicos  
De risos e quimeras em nome de Jesus.  
O caminho e a luz da existência

Buquê de flores sofridas  
Na esperança de que os anjos  
Aliviem o caminhar da Santa Noite  
Já que nada é em vão  
Espera a ressurreição em plena vida  
Ao regar com amor as pétalas caídas.



**LIEGE ESTEVES**

Tem dez publicações independentes, o seu mais recente trabalho é o seu primeiro romance: **Sempre há tempo para ser feliz**. Formada em ballet clássico, sempre esteve envolvida com as artes. Participação em diversas antologias e com grande atuação literária. Participou da Bienal do livro de São Paulo e Taubaté/SP e também nas feiras de livros: I e III FLIJ, Ateal, Feliza de Santo André/SP.

## A fadinha mágica

A árvore de natal já tinha sido montada.

Com toda a paciência minha mãe ensinava:

– Tem uma fadinha dentro da bolinha, não deixe cair!

Naquela época eu mal conseguia tirar as bolinhas da caixa que, cuidadosamente, estavam embaladas em papel de seda e encaixadas num separador quadriculado. Porém, quando conseguia, tinha medo de derrubar a fadinha.

Depois de decorada, rodeava insistente a árvore que, com o brilho das mais variadas cores, iluminava a sala. Era impossível não tocá-las, até que... Pofff!

Na queda uma fina purpurina levantou e a fadinha escapou.

Fiquei inconsolável. Na minha fantasia não havia mais quem morasse na árvore. Afinal, era a fadinha quem trazia o papai Noel para minha casa, na noite de Natal.

Depois disso, passei a não ter mais a certeza de que o Papai Noel viria naquele ano.

Às véspera do natal, cansei-me e dormi; não consegui esperar.

Pela manhã muitos doces e presentes estavam lá, ele tinha vindo, mesmo sem a fadinha chamá-lo.

Fiquei tão feliz que entendi que a magia estava em quando uma bolinha estourasse e parecesse que nossos sonhos não fossem se realizar.

A fadinha, com pressa, avisaria que era preciso convidar Jesus para a festa. Com Ele na festa haveria reconciliação, esperança, paz e muito amor.

A fadinha tinha voltado. Sempre volta, nas bolinhas mais diferentes e nas mais variadas cores. Ela age e sempre agirá para nos alegrar.





**SANDRA REGINA LIBRELON**

Advogada e escritora. Autora de dois livros infantojuvenis: *Chilling Stories - Historinhas de Arrepiar* e *O fantasma do aniversário*. Participou de diversas antologias da Editora In House.



## MÁRCIO MARTELLI

---

### Nascidos no dia de Natal

A estrela brilhava no céu no momento  
que o Menino nascia em uma estrebaria  
marcado pela história num longínquo tempo  
que a memória nunca esquece e reverencia

Tempos idos, muitos outros (re)nascidos  
neste mágico dia que brilha e reluz  
quando comemoram o seu aniversário  
junto ao do nosso Mestre Jesus

São poetas, divulgadores das palavras ideais  
das mais diversas partes do mundo  
Homens e mulheres que lutam pela paz  
e pregam aos homens o amor mais profundo

Que a luz brilhe profundamente  
Que possamos ser feliz a todo instante  
Com os ensinamentos do Mestre na mente  
E a eternidade da vida no coração pulsante.



*Feliz aniversário aos nascidos no dia 25 de dezembro.*

*Segredos da Noite de Natal*

*Dia de Natal  
Renasce a esperança!*



*Paz e Amor!*



## Aquele Natal

Foram esplêndidos os fatos que aconteceram naquela noite. Estávamos na sala, aguardando a mamãe nos chamar para a ceia de Natal. Era uma prática que ela usava para distribuir os nossos presentes, após a última refeição no dia de Natal. Naquele ano, ainda éramos cinco irmãos. Eu era o mais velho e tinha a autorização da mamãe, de tomar conta dos outros irmãos nas brincadeiras dentro de casa. E aguardando a mamãe nos chamar, chegaram o papai, a vovó Raimunda e a dona Maria. A vovó Raimunda era a mãe da mamãe e a dona Maria era a parteira que tinha assistido a mamãe nos cinco partos até então.

A vovó chegou nos abençoando:

– Deus abençoe vocês meus netinhos! Eu tenho uma surpresa, mas só vou falar depois da janta.

A dona Maria falou:

– Eu também tenho uma coisa pra falar pra vocês. Mas por enquanto é um segredo. Só vou falar depois da janta.

O papai falou em tom brando:

– Penha, já está tudo pronto pra janta?

Rapidinha, a mamãe aprontou a mesa e nos chamou. Ainda estávamos jantando, quando alguém exclamou lá no portão:

– Ó de casa! É uma entrega!

O meu pai pediu licença e foi atender. Voltou e disse:

– Trouxeram uma sobremesa muito gostosa.

A mamãe perguntou:

– Por que você não trouxe pra cá?

O papai disse:

– Eu acho que não cabe aqui nessa mesa, mas como já estamos acabando, o De Jesus pode ir buscar lá na sala.

Eu fui e voltei dizendo:

– Mamãe, é um bolo desse tamanho! – e abri os braços. Aí a vovó falou:



## *Segredos da Noite de Natal*

- É o bolo do seu aniversário, netinho.  
Era o meu sétimo aniversário. Depois dos parabéns e com todos ainda comendo seus pedaços de bolo, a vovó me perguntou:  
– Era essa a surpresa, você gostou?  
E eu:  
– Gostei!  
Em seguida, a dona Maria falou:  
– Posso falar o meu segredo?  
Quase todos responderam:  
– Pode!  
Ela me pediu que ficasse ao lado da mamãe e começou:  
– Não quero que deem risadas de mim. Penha, no dia que o De Jesus nasceu era Natal. Então, naquele momento que eu apartei ele de você, eu me senti a parteira do Menino Jesus.  
A mamãe, a vovó e o papai, bateram palmas e por um momento ficaram em silêncio. A mamãe quebrou o silêncio e disse:  
– Depois desse segredo revelado, agora estou me sentindo Nossa Senhora da Penha.  
O papai deu risada e disse:  
– Pensei que fosse dizer que estava se sentindo virgem.  
Eles, os adultos, caíram nas gargalhadas. Depois a mamãe me perguntou:  
– E você, filhinho, como está se sentindo com essa festa pra você?  
– Eu tô sentindo o bolo da vovó muito gostoso – eu respondi.  
E aí, mais risadas deles, os adultos.



### **MANOEL DE JESUS CARVALHO**

Nasceu em Tutoia, no Estado do Maranhão, em 25 de dezembro de 1946. Reside em Jundiaí/SP desde 1997. Bacharel em Comunicações pela Faculdade Anhembí Morumbi. Funcionário público aposentado da Prefeitura de Jundiaí. Lançou, em 2017, seu primeiro livro: **A quem possa interessar**, pela Editora In House. Tem poesias publicadas em diversas antologias literárias.

## Um segredo de Natal

Querido Papai Noel, tenho um segredo para lhe contar. Aconteceu comigo, quando ainda era um menino com oito anos de idade.

O Natal estava chegando, mas todos em casa estavam muito tristes, porque nossa mãe encontrava-se seriamente doente. Tinha sido desenganada pelos médicos e ela mesma resolveu passar o Natal em casa, junto com a família. Nosso pai não morava mais conosco há algum tempo, mas sempre nos visitava e não deixava que nada nos faltasse.

Eu rezava muito para que você a ajudasse e pedia a Deus que a curasse. Quanto mais se aproximava a noite de Natal, maior era o nosso sofrimento. Pensava se ela estaria viva até lá e chorava, escondido de todos, para aliviar a minha angústia.

Na véspera daquela data tão importante todos nós fizemos uma oração em seu quarto, enquanto ela gemia, com dores cruciantes! Deitamos cedo, todos muito abatidos.

No silêncio da madrugada ouvi um ruído estranho, na verdade era bastante musical. Curioso, levantei para ver se era o senhor, trazendo presentes para nós.

Mas, ao passar pelo quarto de minha mãe, cuja porta ficava aberta, vi uma grande luminosidade. Em volta de seu leito estavam três pessoas, que pareciam usar aventais de médicos. Estendiam suas mãos sobre ela e de seus dedos e coração saíam luzes maravilhosas, que a envolviam completamente! Mesmo estando apavorado com o que via, notei que eles eram translúcidos e de suas mentes saíam fechos de luz muito clara, que iam se depositar na cabeça e no peito de mamãe.

Fiquei apavorado e encantado ao mesmo tempo! Imóvel, esperei que eles saíssem do quarto, o que fizeram pela janela, o que me fez pensar que deveriam ser anjos ajudando mamãe.



## *Segredos da Noite de Natal*

Não tive coragem de me aproximar dela e voltei para o meu quarto, onde custei a conciliar o sono.

Na manhã seguinte ouvi mamãe nos chamar. Corri até o seu quarto e ela estava de pé, com o rosto cheio de alegria quando me disse:

– Estou curada. Jesus me salvou!

Chamei meus irmãos e todos nós choramos de alegria, agradecendo a Deus por aquele verdadeiro milagre! Ela nos abraçou, procurando nos acalmar e vimos que também chorava.

A campainha tocou e a porta da sala se abriu. Logo pensei se seria Papai Noel chegando.

Era nosso pai, que tinha a chave da porta. Entrou no quarto desejando Feliz Natal a todos e abraçou mamãe longamente, pedindo-lhe perdão.

– Já viram o que Papai Noel deixou para vocês? Embaixo da árvore há muitos presentes...

Corremos até a sala e foi aquela festa! Fomos abrindo os presentes e comemorando aquele dia agora tão festivo! Mamãe também recebeu um lindo colar com pedras verdes.

É este o meu segredo, mas acho que já sabe de tudo, não é?

E imaginei o bom velhinho piscando um olho para mim, como a confirmar que há muito tempo já sabia de tudo.



### **FLAVIA CUNHA**

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Nasceu em Espírito Santo do Pinhal/SP. Gosta de escrever poesias, geralmente voltadas às maravilhas da natureza e à observação dos problemas e sentimentos humanos. Faz parte da Academia Barretense de Cultura e do grupo RELIARTES, também barretense. Em Jundiá, pertence ao Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro, à Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá e à Academia Jundiáense de Letras. Publicou seis livros de poesias, participando também de inúmeras coletâneas da Editora In House.





# Participantes

Ana Celeste Pereira Ferreira  
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega  
Ana Paula Pagotti  
Ariadne Rodrigues de Moraes  
Aristides Almeida Rocha  
Benedito Domingos Ostanelli  
Cacilda Franco Ribeiro  
Carmen Sílvia Pereira  
Claudevalda Souza-Claudia  
Cristóvão José Zygmunt Wieliczka  
Dalton Luiz Sibinel  
Dam Nascimento  
David Ferreira  
Edison Roberto Morais  
Evandro Fernandes da Silva  
Fábio Spina  
Flávia Cunha  
Gabriela Weber Buonocore  
Genesisio Teles  
Herminia Aparecida Balbuena  
Ivane Padilha de Soeiro Rocha  
Jefferson Dieckmann  
João Aires de Vasconcelos  
João Carlos José Martinelli  
Jorge Trigo  
José Felício

Josyanne Rita de Arruda Franco  
Laurinda Augusta de Moraes  
Liege Esteves  
Lucas Anielo Scarapicchia  
Luiz Alberto Carlos  
Manoel de Jesus Carvalho  
Mara Beatriz M. de Vasconcelos  
Márcio Martelli  
Maria Rachel de Faria Franco  
Marília Ferreira Emmi  
Maurício Moura  
Max Gehringer  
Nadime Boueri Netto Costa  
Octávio Pessôa  
Paulo Villalva  
Pérsio Luis Marconi  
Ronaldo Alberto Martelli  
Rosalie Gallo y Sanches  
Sandra Regina Librelon  
Susana Bueno de Souza  
Susana Ferretti  
Thaty Marcondes  
Valderez de Mello  
Vera Mussi Hage  
Verginia Lucchetta Di Nallo



ISBN: 978-85-7899-681-9



editorainhouse  
[www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)